



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – Ppgfil  
MESTRADO EM FILOSOFIA

**JOSÉ FRANCISCO DAS CHAGAS SOUZA**

**AS PROVAS METAFÍSICAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS EM RENÉ  
DESCARTES**

NATAL – RN  
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – Ppgfil  
MESTRADO EM FILOSOFIA

**JOSÉ FRANCISCO DAS CHAGAS SOUZA**

**AS PROVAS METAFÍSICAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS EM RENÉ  
DESCARTES**

NATAL – RN  
2013

JOSÉ FRANCISCO DAS CHAGAS SOUZA

**AS PROVAS METAFÍSICAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS EM RENÉ  
DESCARTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Ppgfil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do professor Dr. Daniel Durante Pereira Alves

NATAL – RN  
2013

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Souza, José Francisco das Chagas.

As provas metafísicas da existência de Deus em René Descartes / José Francisco das Chagas Souza. – 2013.

124f. -

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Natal, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Durante Pereira Alves.

1. Metafísica. 2. Deus. 3. Descartes, René, 1596-1650 – Meditações metafísicas. I. Alves, Daniel Durante Pereira. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 111

JOSÉ FRANCISCO DAS CHAGAS SOUZA

**AS PROVAS METAFÍSICAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS EM RENÉ  
DESCARTES**

Aprovada em

Examinadores:

---

Prof. Dr. Daniel Durante Pereira Alves (Orientador)

Presidente - UFRN

---

Prof. Dr. Bruno Rafaelo Lopes Vaz

Membro Interno - UFRN

---

Prof. Dr. Jaimir Conte

Membro Externo - UFSC

NATAL – RN  
2013

## AGRADECIMENTOS

*Muita gente fez parte da construção deste singelo texto que de uma forma ou de outra me fez produzi-lo.*

*O “abandono” necessário à família numa forma quase monástica para pensar e escrever. Daí, minhas desculpas à minha princesa Isabelinha que na sua inocência reclamava colo, meu recheio entre mim e os livros.*

*À minha esposa Margu, pela compreensão, paciência e apoio, suporte para que eu estudasse, viajasse...*

*Ao meu departamento, curso de Filosofia que coordeno – UERN-Caicó, pela compreensão e apoio em minhas ausências e suporte dispensado pelos colegas professores.*

*Às secretárias do curso: Erivânia e Dora pela torcida.*

*Ao seu Bernardo pelo apartamento “quase cedido” a Ruxley e que “moramos” por lá durante o mestrado.*

*Aos meus pais, Hermínio e Izabel, meus primeiros educadores que me ensinaram verdadeiramente a fazer a experiência no Deus que eles creem.*

*Meus irmãos e irmãs pelo respeito e admiração mútuos.*

*Ao professor Dr. Daniel Durante Pereira Alves, orientador acessível, pelas críticas e ajustes ao meu texto.*

*À banca de qualificação prof. Bruno e prof<sup>a</sup>. Cinara.*

*Ao Colégio Comercial de Luís Gomes, o Seminário Santa Teresinha de Mossoró, ao Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró.*

*Ao velho e saudoso ITER (Instituto de Teologia do Recife) onde me graduei em Teologia e lá redescobri um Deus tão humano que só sendo mesmo Deus por estar no porão da humanidade.*

*À UECE (Universidade Estadual do Ceará) onde concluí a licenciatura e a UFRN-Ppgfil.*

*Aos meus primeiros mestres: Zildamir, Francinete Molico, Francinete Amaro e minha mãe na Escola Isolada Baixio.*

## O COGITO

*As madrugadas eu as vi tantas  
Os pontos iluminados das luzes da cidade que dormia  
Num sono do seu eco do silêncio.  
Meditação!!!  
Inspiração, às vezes, não.  
As pálpebras a reclamar o sono  
Escutando o barulho do silêncio  
Mas eu precisava experimentar a solidão do cogito  
Já é tarde e eu não sei o que pensei  
Hoje nem escrevi, hoje eu não sei  
As meninas dormem  
E eu preciso estar acordado  
Para fazer esta pequenina crescer.*

## LISTA DE ABREVIações

Discurso do Método – DM

Meditações Metafísicas – MM

Princípios de Filosofia – PF

Objeções – Ob

Respostas – R

Segundas Respostas – SR

Dicionário de Descartes – DD

Regras para Orientação do Espírito – ROE

Êxodo – Êx.

Suma Teológica – ST

Setentiae – S

### **TRADUÇÕES:**

As citações que aparecerão no decorrer do texto em outros idiomas como francês, latim e espanhol são de tradução nossa e estarão postas em notas de rodapé em suas versões originais.



## RESUMO

O presente trabalho tem por meta apresentar as provas da existência de Deus apresentadas nas *Meditações Metafísicas* de René Descartes, evidenciando sua importância e seu papel para o projeto filosófico cartesiano. A pesquisa procurou entender como Descartes, sendo um homem de ciência, buscará em Deus o sustentáculo e a garantia de sua filosofia. Portanto, antes será necessário entender que nessa época o conhecimento vive o caos e que Descartes se propõe substituí-lo se comprometendo a construir uma ciência nova firmada em bases seguras. Assim, o texto obedece a uma ordem que parte da dúvida como elemento metodológico imprescindível na superação de um saber carregado de incertezas e opiniões e difundido como sendo certo, para, enfim, atingir à verdade nas ciências, passando pela descoberta da primeira certeza, o *Cogito, eu pensante*, por isso existente. Encontrada esta certeza, a do sujeito que possui em si a ideia de um Ser infinito que contém todas as perfeições e, conforme ele irá demonstrar nas provas *a posteriori* e *a priori*. E, por isso, este Ser não pode ser pensado como não existente garantindo o projeto de Descartes.

**Palavras-chave:** Método. Dúvida. *Cogito*. Deus.

## RÉSUMÉ

Le but de cet article est de présenter les éléments de preuve de l'existence de Dieu présentée dans les *Méditationes Métaphysiques* de René Descartes, en soulignant son importance et son rôle dans le projet philosophique cartésien. La recherche visait à comprendre comment Descartes, étant un homme de science, la recherche de Dieu dans le pilier et d'assurer leur philosophie. Par conséquent que Descartes propose de remplacer lui promettant de construire une nouvelle science fondée sur des bases sûres. Ainsi, le texte suit un ordre qu'une partie de doute méthodologique comme un élément essentiel pour surmonter une connaissance née de l'incertitude et généralisée et d'opinions comme étant de droite, pour finalement atteindre la vérité dans les sciences, Grâce à la découverte Du premier cours, le *cogito, moi pensant*, alors existantes. Trouvé cette certitude, le sujet qui a en elle l'idée d'un être infini qui contient toutes perfections et, comme Il fera la démonstration de la preuve *a posteriori* et *a priori*. Et donc cet être ne peut pas être considéré comme inexistant projet assurant Descartes.

**Mots clés:** Méthode. Doute. Je *Cogito*. Dieu.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A CONSTRUÇÃO DE UM MÉTODO.....	17
2.1 POR QUE SE NECESSITA DE UM MÉTODO?.....	17
2.2 A INTROSPECÇÃO METÓDICA .....	20
2.3 A CRÍTICA CARTESIANA AOS ENSINAMENTOS HERDADOS DA TRADIÇÃO.....	24
2.4 PROPOSTA DE UM MÉTODO À LUZ DA MATEMÁTICA E DA GEOMETRIA .....	25
2.5 O MÉTODO.....	27
<b>2.5.1 A Matemática</b> .....	28
<b>2.5.2 As Regras</b> .....	31
2.6 OS SONHOS: UMA VISÃO (PARA ALÉM) DE UMA CIÊNCIA UNIVERSAL .....	41
3 DA DÚVIDA METÓDICA AO <i>COGITO</i> .....	45
3.1 A DÚVIDA HIPERBÓLICA .....	47
3.2 A FORMAÇÃO E AS ETAPAS DA DÚVIDA.....	50
<b>3.2.1 O Argumento do erro dos sentidos</b> .....	52
<b>3.2.2 O Argumento dos sonhos</b> .....	54
<b>3.2.3 O <i>deus enganador</i> e o <i>gênio maligno</i></b> .....	55
3.3 SUPERANDO OS CÉTICOS.....	58
3.4 A DÚVIDA E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	61
<b>3.4.1 Da dúvida hiperbólica ao <i>Cogito</i></b> .....	62
<b>3.4.2 A importância do <i>Cogito</i> para o sistema cartesiano</b> .....	63
3.5 O <i>COGITO</i> – EU PENSAnte.....	66
<b>3.5.1 A descoberta da primeira certeza</b> .....	66
<b>3.5.2 O contra-argumento do pedaço da cera</b> .....	69
<b>3.5.3 A ordem das razões: a <i>Ratio cognoscendi</i> e <i>Ratio essendi</i></b> .....	73
<b>3.5.4 Superação da dúvida e a certeza do <i>Cogito</i> rumo às provas da existência de Deus</b> .....	75
4 AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	77
4.1 A PRIMEIRA PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS PELOS EFEITOS .....	81
<b>4.1.1 A realidade formal e objetiva da ideia e o princípio de causalidade</b> .....	87
<b>4.1.2 A defesa da ideia de Deus</b> .....	96
4.2 A SEGUNDA PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS PELOS EFEITOS .....	99
4.3 A TERCEIRA PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS: O ARGUMENTO ONTOLÓGICO .....	105
5 CONCLUSÃO.....	113
REFERÊNCIAS .....	122

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por meta apresentar as provas da existência de Deus presentes nas *Meditações Metafísicas* de René Descartes, evidenciando a sua importância para todo o sistema cartesiano.

A questão de Deus tem sido ao longo da história, presença marcante em diversos moldes e concepções, visto que o homem sempre esteve em relações constantes com o divino. Na história da filosofia, desde seu princípio e, mais ainda, na Idade Média, a temática é o centro dominante do debate intelectual muito forte na época de Descartes e, mesmo nos dias atuais, instiga muitos debates. E não são poucos os pensadores, tais como Platão, Aristóteles, Agostinho, e outros que atribuíram um importante papel de Deus dentro da filosofia.

Com o advento da era moderna, o divino é abordado segundo uma visão antropocêntrica, através da qual o homem tem participação não apenas contemplativa, mas Deus, o mundo e o próprio humano passam a estar juntos num certo parâmetro de estudo. É nesse contexto que René Descartes apresenta, nas *Meditações* a defesa de uma concepção metafísica de Deus, permitindo uma interrelação de ser finito e imperfeito que somos nós, e do infinito e perfeito que é Deus, através da racionalidade presente no indivíduo, pelo inatismo das ideias postas no ser finito pelo Ser infinito como marcas impressas do autor em sua obra.

Deus dá sentido à filosofia cartesiana, Ele constitui a base fundamental do seu pensamento. Mas o homem, como criatura, não é apenas um receptor das ações desse Deus como criatura, é um ser carente do criador, porém, não fica ele apenas à espera do agir de Deus. O homem possui em si a ideia de Deus, de sua perfeição que também o fará agir no mundo em que vive, por isso, dentro do seu limite de humano é convidado à ação.

As mudanças ocorridas ainda na Idade Média, seguidas das novas concepções pós- revolução copernicana deram ao homem a condição de, agora, ser uma peça importante na mediação entre ele, o mundo e Deus. Embora o pensamento de Descartes seja complexo e alvo de críticas advindas dos seus contemporâneos até os dias atuais, seu pensamento adquiriu tal importância que não se pode ficar alheio às suas ideias, seja para compartilhá-lo, seja para criticá-lo.

Na tentativa de apresentar as provas da existência de Deus de Descartes, este trabalho está estruturado em três capítulos, e procurará mostrar a importância que Deus tem no sistema cartesiano e então, constrói-se a compreensão e a necessidade do método. No primeiro capítulo, apresentaremos a questão do método como sendo o ponto em que Descartes encontra solidez e clareza frente o caos estabelecido pela intelectualidade do seu tempo, cria seu itinerário a fim de pôr ordem nas coisas e, a partir dele, conduzir através da razão os conhecimentos dos homens.

O capítulo I tem por objetivo principal mostrar a necessidade de Descartes de se elaborar um método tendo por fundamento a preparação de um caminho seguro frente à diversidade de saberes. Para isso, usaremos aqui como texto base as obras *Discurso do Método*, especialmente as partes II e III, *Meditações Metafísicas*<sup>1</sup>, *Regras para orientação do Espírito*<sup>2</sup>, além de comentadores como Ferdinand Alquié, Alexandre Koyré, Gueroult e John Cottingham, dentre outros. Procuraremos demonstrar que o autor vive os sentimentos da época de mudanças e, por isso, decide (re)construir todo o conhecimento que no seu entender está carregado de preconceitos e falsidades e não responde às necessidades que o momento exige. E o método que ele irá propor será de inspiração matemática com sua ordem e exatidão como aparecem na segunda parte do *Discurso*. Todo esse caminho de elaboração de um método aparece neste trabalho visando à importância dele para as provas da existência de Deus de Descartes, conforme veremos nas seções 2.1 e 2.5. com os comentários de Cottingham (1995), Alquié (1987 e 1969).

No capítulo segundo, apresentaremos a dúvida metódica (seção 2.2) como ponto inicial para o encontro com aquilo que virá a ser a primeira certeza inabalável para Descartes: o *Cogito*. Essas duas importantes questões são fundamentais para a compreensão da existência de Deus. Mostraremos que a dúvida, para Descartes, é ponto de partida rumo à edificação do saber realmente verdadeiro. Esta é a diferença fundamental entre a dúvida cartesiana e a dos céticos. Ainda no capítulo dois ficará evidente que a descoberta da primeira certeza do sujeito pensante é outro

---

<sup>1</sup> Utiliza-se nas obras bases de Descartes: *DM e MM* a versão da Coleção Os Pensadores, vol. XV, 1973.

<sup>2</sup> *ROE – Regras para Orientação do Espírito*, 2007. Este texto original foi escrito em 1628, bem antes do *Discurso* – 1637, sua publicação, no entanto, só ocorrerá em 1701. As *MM – Meditações* são de 1641.

passo fundamental para a consciência de si e de sua existência que irá garantir a certeza da existência de Deus. Conferir este ponto nas seções 3.4 e 3.5.

Por fim, no terceiro capítulo, com o terreno conceitual previamente preparado, chegaremos à problemática específica do trabalho, abordando as provas da existência de Deus na perspectiva filosófica da metafísica cartesiana, com ênfase na terceira *Meditação Metafísica* com as provas *a posteriori*; e na quinta *Meditação* com a prova *a priori* denominada de prova Ontológica.

A ordem do caminho metafísico percorrido por Descartes e que se retraça aqui é: em primeiro lugar a dúvida, seguida do *Cogito* e, por fim, Deus. E esse caminho que vai da dúvida metódica para a descoberta do *Cogito*, do ser pensante até a descoberta da ideia de Deus, é principiado pelo exercício de um caminho organizado do pensamento por regras simples e capazes de conduzir o meditador às maiores descobertas do seu sistema.

Pretende-se, a partir do método, que é prioridade para Descartes, organizar o conhecimento que se encontrava carregado de opiniões que eram transmitidas como sendo verdades intocáveis e absolutas. Assim, o método cartesiano servirá para edificar o saber de forma segura e verdadeira. A clareza e evidência tão reclamada ao longo de todo pensamento cartesiano, não apenas tem por meta a certeza das coisas investigadas. Elas, na verdade, buscam incessantemente a verdade das ciências que sejam capazes de ajudar o homem moderno em sua vida. Descartes é um profundo decepcionado com a ciência praticada na sua época, herança do pensamento antigo e medieval. Apesar de ter sido formado na tradição da escolástica, especialmente em *La Flèche*, ele fomenta um pensar voltado para a reconstrução do conhecimento da sua época.

O método possui essa organização primordial para que se possa chegar ao fundamento do sujeito e de Deus e pretende reconstruir a ordem de seus pensamentos em busca de uma ciência universal que possa conter os demais saberes com fundamentos para uma ciência nova. Antes da noite em que teve três sonhos seguidos, Descartes vive uma nova experiência que a partir dali o faz projetar um caminho seguro e racional, que segundo Alquié (1956, p. 17): “O

entusiasmo mágico dá lugar à confiança na ciência pura, concebida como do tipo matemática.”<sup>3</sup>

O método que se propõe levar à evidência das coisas é, para Descartes, de estilo matemático, ciência que o fascinou e tem reflexos em todo seu pensamento.

Como um método pode conduzi-lo até Deus? A que se presta o método cartesiano? Como ele o faz chegar ao *Cogito* enquanto sujeito pensante? Como chega até às provas da existência de Deus? Sendo um homem de ciência, como Descartes coloca Deus como suporte de seu sistema? Ele se apresenta como aquele que ‘rompe’ com uma concepção que vem desde os antigos, porém, será mesmo que ele rompe de forma radical ou ainda continua com muito daquilo sustentado pela tradição? Estas e outras questões servirão de guia para iluminar nosso caminho em busca de esclarecimento sobre o papel de Deus no pensamento de Descartes, objeto desta pesquisa.

A regra IV (ROE IV, 2007, p. 19) afirma que: “O método é necessário para a busca da verdade”. Por isso, Descartes defenderá o uso do método quando se pensa em empreender a busca pela verdade, justificando que sem tal objetivo e sem um plano fica difícil chegar a algum lugar. Ao criar um método simples, admite a possibilidade do conhecimento real e verdadeiro das coisas, o de nunca tomar nada de falso por verdadeiro e, gradualmente, galgar maior conhecimento. Um pouco antes teria argumentado nesta mesma regra que é melhor não procurar a verdade se não tiver um plano, um método. É, pois, pela exatidão matemática que ele entende ter, de fato, encontrado o caminho que conduz à verdade e que afasta qualquer possibilidade de enganos. O método serve, então, como expediente que afasta os obstáculos impostos por um conhecimento dogmatizado e fechado sob a égide da mera opinião, falseamento que se passa como se fosse verdade. Contudo, e que percorrido todo caminho pela dúvida metódica que põe tudo por terra a fim, reerguer-se a nova ciência segura e imune às próprias dúvidas do início.

A dúvida é apresentada como metodológica. Ela possui esse caráter por se tratar de um instrumento que será utilizado com a característica de ser provisória, porque tem objetivos a alcançar e não repetir os erros já cometidos pelos céticos

---

<sup>3</sup> “*L’enthousiasme magique fait place à la confiance dans la science pure, conçue comme de type mathématique*”. ALQUIÉ, 1956, p. 17. Esta ideia defendida por Alquié aparecerá em vários dos seus escritos: o primeiro data de uma obra de 1956 em Francês e em 1969 traduzida para o Português.

que a utilizavam sem a preocupação de querer chegar a uma verdade. No pensamento cartesiano, ela funciona como caminho que conduz à descoberta e primeira certeza que é o *Cogito* – o eu *penso logo existo*. O *Cogito* ou a consciência do sujeito pensante, de sua existência quando do exercício do pensar, faz com que se possa, a partir dessa primeira certeza impossível de ser posta em dúvida, ir em busca da conquista de outras verdades relativas ao mundo exterior. A dúvida apresentada por Descartes, pelo itinerário de um método, permite-o ir, aos poucos, descobrindo, de maneira progressiva, as verdades sem a mácula da insegurança. Ela é o exercício do próprio método, desenvolvido por Descartes, galgando o conhecimento capaz de conduzi-lo ao verdadeiro sistema filosófico tendo por base e sustentáculo final: Deus.

A dúvida desenvolvida por Descartes possui caráter provisório e funciona como ponto de partida para atingir à verdade nas ciências. Para a construção do saber, Descartes radicaliza quando utiliza de forma metodológica a dúvida, estendendo-a ao máximo a fim de organizar o mundo do conhecimento a que foi submetido numa desordem. É o que será chamado de dúvida hiperbólica, que Descartes utiliza para superar o tipo de filosofia praticada na sua época, considerada por ele imperfeita. Todo esse empreendimento é para se chegar à certeza. Percebe-se, no entanto, que se pode cair na armadilha de um ceticismo fortemente presente naquele momento. A superação das opiniões que se apresentam como se fossem verdades enquanto não passam de falsidades. Se, porém, Descartes radicaliza com a dúvida metódica na perseguição à certeza, de fato, ele chega a uma primeira certeza indubitável, a de que o eu existe. Pelo simples fato de estar pensando não se pode não ser. A verdade do *Cogito* é, pois, essa primeira certeza da qual não há como duvidar. O *eu pensante* é o princípio filosófico a que Descartes há tanto tempo buscava. Tal certeza contida no *Cogito* é tão verdadeira que nem as maiores suspeições céticas a poderiam abalar. Mesmo assim, Descartes ainda terá que passar por uma grande prova de fogo, qual seja, a do *deus enganador* ou *gênio maligno* que surge para fazer acreditar que não se é. Pode-se enganar o tempo todo, porém, não se pode fazer com que se pense que nada seja. O pensamento é a razão do ser e existir. Descartes confia plenamente na razão, esta jamais falha e por isso, é segura. Somente o conhecimento através da luz natural da razão permite que se afirme com certeza as coisas que se apresentam à experiência.



Agora o *Cogito* está só. A solidão do *Cogito*, (ver Alquié, 1969) vê-se que após a descoberta da primeira certeza do *eu pensante* mesmo tendo tal consciência o sujeito apenas chegou a um primeiro passo importante: a razão faz com que ele seja, exista e ao mesmo tempo busque encontrar a causa superior que o faz ser com necessidades de um Ser perfeito que é Deus, causa de sua existência. Como Descartes não pretende fazer proselitismo ou inaugurar uma nova religião, o Deus cartesiano faz parte da elaboração de uma nova forma de conceber a realidade que estava criando. Não isentando os aspectos advindos do Deus dos cristãos, Descartes perfaz um caminho até a divindade como Ser de que se tem apenas a ideia que foi colocada em cada um pelo próprio Ser perfeito. Trata-se aqui do conceito de Deus como é demonstrável, segundo Descartes, pelos atributos que a razão dispõe.

Tendo descoberto a existência do “eu” enquanto sujeito que existe exatamente pelo exercício do ato de pensar, era necessário que esse sujeito tivesse seu fundamento pautado num Ser que possuísse tanta ou mais realidade capaz de imprimir no ser finito e imperfeito o fundamento causal que o fizesse ser. O encontro com a primeira certeza, a realidade do *Cogito*, o eu pensante que agora está só, torna-se óbvio pela sua busca por aquele que o fez ser.

Portanto, a existência de Deus pode e deve ser provada (conferir o último capítulo). E de que modo? Descartes o fará ao nível da razão, estabelecendo nessa relação entre o mundo, o homem e Deus, a possibilidade de elaboração de uma metafísica mais liberada do que a praticada na antiguidade e pela escolástica, tendo como preocupação central a intuição intelectual. É inegável que tendo recebido forte influência da filosofia antiga e medieval, ele apresenta-se como aquele que rompe com a tradição, pois para ele, não basta apenas conhecer seu Deus e sua alma como já apresentara Agostinho e o próprio Tomás de Aquino. Necessário se faz o conhecimento do mundo para dirigir a ação sobre ele, a fim de dar rumo à vida do próprio homem para organizá-lo e ordená-lo em sua existência e, assim, propõe uma metafísica nova e se volta para Deus.

No caminho para se provar a existência de Deus se verá que existe, dentro do pensamento de Descartes, a necessidade da certeza religiosa e a necessidade da certeza científica, que irá fundamentar, metafisicamente, as bases da ciência nova. Para ele, a ciência que se apresenta carente de uma metafísica. Supera-se

com isso, a visão aparente do senso comum que é apresentado como a realidade verdadeira do mundo. Portanto, Descartes irá defender que a verdade está para além das coisas que são postas à vista e que essas podem enganar por se mostrarem apenas pelas sensações e o mundo dos sentidos. Elas não contêm toda a verdade, pois, somente a intuição intelectual é que é a verdade. É pela razão que a inteligência concebe as coisas como sendo verdadeiras e não a imaginação ou os sentidos porque esses são enganosos. (ver seção 3.3). No texto se verá o quanto será preciso superar a dimensão do senso comum em direção ao entendimento que está em cada um e em cada razão. Por isso, a base real das provas da existência de Deus é tendo a consciência de si enquanto sujeito pensante o que implicará na consciência de Deus. Ou seja: o “*eu penso*” implica no “*penso Deus*”. Assim, tenho dele a ideia de Deus *que nasce comigo*, porém, *não fui eu quem a criou*, mas ela *foi posta em mim* por Deus, como Descartes argumenta na terceira *Meditação*.

A primeira prova da existência de Deus, apresentada na terceira *Meditação*, (cf. seção 4.1) toma a ideia de Deus como efeito cuja causa só pode ser algo que possui mais realidade que o efeito, pois o efeito tira sua realidade de uma causa, como se verá na aplicação do princípio de causalidade, que deverá possuir tanta ou mais realidade do que seu efeito. Portanto, como *eu sou um ser finito* não posso ser a *causa*, conclui-se então que Deus existe. Descartes mostrará que está em cada um a ideia de Deus, mas esta ideia não pode ter sua origem em *nós* como seres finitos e (MM III, 1973, p. 115-6, §22) “se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita.” Não é possível, pois, que esse não contenha ao menos essa mesma realidade. Deus é causa enquanto Ser perfeito, e o sujeito pensante sendo menos perfeito é dependente deste Ser que contém toda perfeição. É bem evidente para Descartes que nessa relação há realidade daquele que é causa enquanto Ser perfeito e a realidade de sua dependência, o ser imperfeito, criado e finito como efeito. O fato é que nessa primeira prova pelos efeitos, o autor (MM III, 1973, p. 119, § 35) diz que a causa deve ter o mesmo grau, ou um grau maior de realidade que seu efeito como o efeito deve estar contido na causa. Por isso, o ser finito tem a consciência de que é dependente de um Ser que só pode ser Deus.

Assim, a realidade formal e a realidade objetiva das ideias (cf. seção 4.1.1) que, tomadas apenas como formas de pensar, um ato de pensamento, não há como

apontar distinção entre elas, mas as considera como ideias que apresentam um conteúdo e são distintas por apresentarem conteúdos distintos.

A realidade formal é o que é de maneira atual, já a realidade objetiva possui diferentes conteúdos das ideias, esses que se apresentam ao pensamento. Então, o princípio da causalidade (ver Cottingham, 1995) presente no pensamento cartesiano, refere-se como sendo uma noção comum de que tudo tem que ter uma causa. Esses conceitos serão explorados ao longo de todo o texto para compreensão de sua demonstração das provas de Deus, portanto, sua origem prova desse Ser Perfeito que é Deus.

Muito próximo ele apresenta a segunda prova, também obtida pelos efeitos em que a ideia inata que se traz, leva-se a compreender os argumentos da primeira prova. (cf. seção 4.2). Com isso, provará que possuindo a ideia de Deus existente *em nós* não significa que seja de *minha autoria*. (cf. seção 4.1.1 e 4.1.3). Ela complementa a primeira prova por permitir a aplicação do princípio de causalidade. Será correto, portanto, afirmar uma correlação entre a existência de Deus que se possui com a existência do próprio sujeito humano. É perceptível que Deus não é uma invenção ou criação do homem, pois como ser finito não contém o Ser infinito, embora possua a sua ideia. (ver a seção 4.1.3). É o mesmo Deus, o Ser perfeito que possibilita o existir humano, ou seja, Deus existe e é causa maior que faz com que o sujeito realmente exista.

Descartes apresenta uma série de três provas da existência de Deus, não porque uma venha superar a seguinte. Elas têm objetivos idênticos, que é demonstrar Deus por acreditar que Ele existindo estariam garantidas todas as demais verdades. Essa prova é importante frente a outros argumentos contrários, especialmente os dos céticos e os argumentos que já não cabiam no ambiente da modernidade. (cf. Koyré, 1986).

Por fim, Descartes apresentará mais uma prova da existência de Deus. É a prova *a priori*, também conhecida como prova Ontológica da existência de Deus. (ver seção 4.3). Nessa prova, desenvolvida ao longo da quinta *Meditação Metafísica*, Descartes procurará demonstrar que a existência não pode estar separada da essência, como não se pode pensar a montanha sem o vale, Descartes argumenta que Deus não pode ser concebido dissociado de sua essência. Essa questão

remonta a bem antes de Descartes no argumento já desenvolvido por Anselmo de Cantuária em seu não menos conhecido *argumento ontológico*.<sup>4</sup>

Há evidências de que Descartes leu Anselmo<sup>5</sup> e de que ele conheceu os argumentos desse autor do século XII, e não o contrário como se difundiu por muito tempo. Como todo o pensamento cartesiano, essa prova é comparável à exatidão das matemáticas, pois o Ser infinito e perfeito que ao criar sua obra deixa nela impressa a sua autoria. Desse modo, Descartes evidencia que esse ser só poderá ser Deus. Sua existência, portanto, confirma o existir do ser pensante, o *Cogito* que vem anunciado por Descartes quando da descoberta de que pensando se pode existir. O caminho cartesiano até provar a existência de Deus será preparado pelo método que chega a uma primeira certeza, do sujeito enquanto ser que pensa e por isso mesmo, existe, e que essa existência funcionará como elo entre esta consciência de que existe através do pensar e que ao dizer-se dessa existência, terá que se admitir a existência de Deus.(cf. López, 1976).

A pretensão a que penso chegar com esta pesquisa é descobrir após tantos questionamentos feitos ao longo desse tempo de estudo é como Descartes, homem com aguçado desejo de erguer uma ciência para a humanidade onde Deus é o fundamento de seu pensamento. Além disso, porque Deus foi escolhido como suporte do conhecimento? É o que procuramos investigar e constatar que Deus ocupa lugar central como Ser perfeito e como garantidor de uma ciência que tem por base a razão. Somente um ser para além de uma realidade dos sentidos garantiria a existência de semelhante ciência.

---

<sup>4</sup> O argumento ontológico de Santo Anselmo está em sua obra o *Proslógium*(1174), onde, para ele “Deus é um ser pelo qual nada pode ser pensado maior”.

<sup>5</sup> A dúvida de muitos estudiosos sobre a questão de ter lido o argumento ontológico de Anselmo ou não surge pelo fato de Descartes confessar, em várias de suas cartas à Mersenne, afirmar que sabe do argumento através das críticas desferidas contra ele por Tomás de Aquino.

## 2 A CONSTRUÇÃO DE UM MÉTODO

### 2.1 POR QUE SE NECESSITA DE UM MÉTODO?

Neste primeiro capítulo apresentaremos o método cartesiano, sua importância e seu papel determinante dentro do sistema cartesiano. Procuraremos demonstrar a ordem e o rigor científico que acompanham as regras desse caminho que conduzirá às provas metafísicas da existência de Deus. Conforme afirmou Koyré (1986, p. 37), “o *Discurso* que poderíamos chamar *itinerário do espírito para a verdade*.”<sup>6</sup>

É muito importante ter em mente o sentimento vivido por Descartes em sua época. O estado de espírito que ele deixa transparecer em seus escritos é reflexo de todas as transformações de sua época, das decepções com a ciência praticada no seu tempo. O mundo está mesmo sofrendo profundas mudanças e Descartes respira todos esses problemas, vive seu tempo e está envolvido com ele, procura dar respostas sem deixar de defender aquilo que crê ser motivo de crescimento para si e para o conhecimento como um todo.

O método almejado será base para que possa conduzir seu pensamento, colocar em ordem o conhecimento forjado e cheio de confusões, herança de um tempo tão próximo que está fortemente presente ainda em sua época. Esse caminho o fará construir não só a filosofia como elaboração de um sistema, mas toda sua existência porque Descartes é o seu próprio modo de pensar. Evidenciar a busca pelo conhecimento é descobrir sua própria existência através da razão, e por esse caminho metodológico, descobre-se enquanto sujeito pensante, que por raciocínios simples o conduzirá à verdade que é Deus.

Descartes, diz as coisas com propriedade, pois teve uma formação sólida fundamentada nos ensinamentos da tradição no *Colégio de La Flèche*. Ele era profundo conhecedor da tradição ensinada pelos jesuítas e, por conhecer tão bem tais ensinamentos baseados nos de textos e nos comentários de autores aristotélicos e cristãos na Idade Média, Descartes em sua produção intelectual irá se opor claramente a esses ensinamentos.

Sua intenção é pôr em ordem toda uma confusão estabelecida desde a antiguidade, organizar o conhecimento através de um método. Primeiro, numa longa

---

<sup>6</sup> *Itinerarium mentis in veritatem*

cadeia de inúmeras regras contidas nas *ROE* e reduzidas a apenas quatro no *Discurso*. Essas regras são, pois, de inspiração matemática, conforme diz Gaston na introdução de o *Discurso e Meditações* (1973, p.17) “As regras do método que o filósofo quer aplicar universalmente não aparecem em parte alguma de maneira mais manifesta do que no raciocínio matemático”.<sup>7</sup>

Embora não desconhecesse a importância do estudo dos antigos e de suas ciências, Descartes sentia-se como que perdido diante da a gama de saberes ensinados, muito mais carregados de complicações e obscuridades. Segundo Koyré (1986, p.38), Descartes.

Sente-se, portanto desiludido e enganado. Tinham-lhe ensinado que era preciso apreender as letras e as artes porque ‘por meio delas se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo que é útil à vida’. Acreditou-o. Ora, ei-lo que se vê ‘embaraçado de dúvidas e erros’ e obrigado a reconhecer ‘que não havia nenhuma doutrina no mundo que fosse conforme ao que anteriormente lhe tinham feito esperar.

Qual é mesmo a insatisfação de Descartes? Era com a maneira como ainda se transmitiam os conhecimentos da antiguidade e da escolástica num momento onde não caberiam tais ensinamentos por não satisfazer as novas exigências do seu tempo. O Deus aristotélico era imóvel, a causa primeira de tudo, causa não causada, não deseja nada, pois não lhe falta nada. Pois bem, esta causa que faz tudo o mais existir faz com que o universo funcione de forma hierarquizada e regida pela divindade que tudo rege de forma estática e harmoniosa. Descartes mesmo perseguindo uma nova ciência para o mundo não descarta a presença de uma divindade que dê sustentáculo à sua filosofia, porém, é sabido também que permite a presença do sujeito do conhecimento.

O homem não é apenas mais uma peça governada por Deus em um mundo onde as coisas funcionam de maneira hierarquizada, ele tem papel importante em toda nova cadeia da razão. É carregado destas decepções que Descartes irá tomar uma atitude de duvidar de tudo quanto aprendeu durante sua formação. Daí, propõe-se criar um método que seja capaz de conduzi-lo por caminhos seguros e encontrar

---

<sup>7</sup> GILLES-GASTON GRANGER, introdução do volume da coleção Os Pensadores, p. 17. Contem neste volume: *Discurso do Método, Meditações, Objeções e Respostas, As Paixões da Alma e as Cartas de 1973*.

a verdade e a certeza das ciências. O contexto em que Descartes vive é de novas perspectivas de um mundo que perdeu aquela pseudo segurança a que se apegava, embasada na filosofia aristotélica-tomista. Seu desejo é conduzir o conhecimento pela via segura da luz da razão que separa o verdadeiro do falso.

Nesse intuito, Descartes principia o seu DM I (1973, p. 37)<sup>8</sup> dizendo que “o bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada”. O bom senso é a única coisa que nos torna homens e nos confere o poder de bem julgar o verdadeiro do falso. E todos os humanos possuem a razão que os diferencia dos demais seres porque se pensa isto não significa que haja entre os seres racionais uns mais que outros. Descartes está apenas alertando para uma questão principal, que é a de ter consciência de aplicar bem a razão.

O bom senso ou a razão é o que irá fazer com que se distinga o verdadeiro do falso, pois, ele por si só, não garante a verdade que se busca. É necessário, para que se possa conduzir bem a razão, que se siga determinadas regras que conduzirão à certeza das coisas. Eis, portanto, o princípio norteador para que, através da elaboração de um método, se possa construir o projeto cartesiano, que, antes de qualquer coisa, o próprio Descartes empreende um exercício espiritual muito pessoal em vistas de resolver suas próprias inquietações.

Eis, por isso, o princípio norteador para que, através da elaboração de um método, se possa construir o projeto cartesiano e que Descartes é tão confiante nesse caminho que o julga ser o melhor a ser feito. Sabe-se o quanto ele procura dar uma resposta a si e ao mundo sobre o rumo e o sentido do conhecimento enleado de tantas opiniões.

Assim, há necessidade urgente de um controle do uso da razão para que ela possa atingir o conhecimento verdadeiro. E só por um método acreditava-se ser o caminho, lembra Rodis-Lewis (1979, p. 15): “O ‘poder de julgar bem e distinguir o verdadeiro do falso’ deve ser regulado pelo método”. Percebe-se então, que para Descartes, é importante de seguir um método a fim de que se possa edificar um conhecimento seguro, discernindo entre o verdadeiro e o falso. Por isso, não basta ter o espírito bom e sim, aplicá-lo bem, ou seja, mais importante do que o uso da razão é realmente colocá-la em prática de forma consciente.

---

<sup>8</sup> Utilizamos a tradução de o *Discurso do Método, das Meditações e Objeções e Respostas*, vol. XV da Coleção Os Pensadores, 1973.

Para se resolver tal impasse de como se encontra a humanidade, Descartes proporá uma saída: um Método criado para responder às suas inquietações e buscas pessoais e capaz de dar rumo às ciências. Por isso é que ele está falando de “bom senso”, aqui entendido por razão, única capaz de “julgar e distinguir o verdadeiro do falso” (DM I, 1973, p. 37). Importante ter o bom senso como fundamento da razão, a coisa mais digna que somente o homem possui e que nos difere dos outros animais. Ele nos adverte para o correto uso da razão a favor do homem, de modo a deixar seu efeito prático no mundo em que vive. Usar bem a razão é, para ele, seguir sempre numa mesma direção reta sem se perder andando para os lados como o viajante perdido na floresta que tenta achar uma saída e imprime caminhada vagueando sem rumo e com isso desperdiçando esforços, sem, portanto, encontrar o ponto de chegada. Necessário se faz ouvir a nossa razão, pois isto é ponto forte para um racionalista como Descartes.

A preocupação do filósofo foi a de construir um mecanismo de ideias para entender o próprio homem, e assim, poder aplicá-lo na prática. Na época de Descartes não eram raros os tratados de método como o de Galileu, Bacon, só para citar alguns. Para Koyré (1986, p. 14): “Um método conduzindo a uma ciência nova, ciência activa, ‘operativa’, oposta por isso mesmo à ciência puramente contemplativa do passado”. E completa ainda Koyré (1886, p.14): “O seu ‘método’ não era desenvolvido em abstrato: resumia, formulava, codificava um uso realmente experimentado”. Vê-se então aqui que Descartes tinha presente que seu método poderia ter sentido prático, torná-lo compreensível aos homens isentando-os dos longos tratados tão distantes de suas realidades. É assim que se pode falar em sentido prático deste método. Como muitos daquele período, ele cria que o ‘homem é senhor da natureza’ e não mais um ser que, na distância, torna-se apenas mero expectador do mundo sem que jamais ousasse interferir no seu curso.

## 2.2 A INTROSPECÇÃO METÓDICA

Descartes é antes de tudo um homem que busca encontrar um caminho que satisfaça a si próprio a responder suas inquietações e angústias, por isso, vive dias de intensa meditação tentando encontrar uma resposta segura para o conhecimento.



E não são raros aqueles que o chamam de “o meditador”, referindo-se a maneira como ele conduz a construção do seu sistema.

É nessa perspectiva que Descartes, procurando somente guiar-se pela luz da razão, escuta e analisa as inúmeras dúvidas e fortalece cada dia mais a convicção de sua busca. Apesar de ser um francês muito caseiro, ele fez algumas viagens que marcaram bastante sua vida: aos vinte anos vai para Holanda para se alistar no exército estrangeiro num contexto de guerra e depois refugiou-se na Alemanha durante o inverno de 1619-1620, conforme bem relata Koyré (1986, p. 43):

As viagens abalam as suas últimas certezas, ou seja, os seus últimos preconceitos, mas dão-lhe um pouco mais de abertura de espírito: ‘Aprendia, diz-nos a não acreditar em demasiada firmeza em nada que não me tivesse sido inculcado senão pelo exemplo e pelo costume; e assim me livrava pouco a pouco de muitos erros que podem ofuscar a nossa luz natural e tornar-nos menos capazes de escutar a razão.

As viagens empreendidas por Descartes possuem uma importância no contexto intelectual que persegue sua filosofia. Elas tornaram-se, assim, algo que serviu para que Descartes tivesse inúmeros contatos com pensadores, numa espécie de permuta das ideias que o fizera munir-se de mais conhecimentos e enriquecer a sua pesquisa. Embora Descartes fosse muito afeito à meditação e ao recolhimento pessoal, não hesitou em conhecer o mundo de sua época. Primeiro, o choque que abala os preconceitos que possuía e, segundo, permite-lhe uma “abertura de espírito”, onde ele aprendeu a não confiar demasiadamente nas coisas que estavam em seu entorno, mas, submeter somente à luz da razão, evitando os erros quando se empreende apenas no uso das opiniões corriqueiras.

É nesse sentido que ele se propõe apresentar seu método, apontar uma saída para o homem e para a humanidade que pela primeira vez recebe o *Discurso* em suas mãos. Seu intuito foi alcançado logo, porque é bem verdade que os anseios correntes de sua época diferem dos que hoje se pleiteia, mesmo sabendo que são os mesmos desejos de verdade que sempre se tenta alcançar. O momento é vivido como uma verdadeira revolução que afeta a vida intelectual, espiritual e que vem libertar o homem aprisionado pela prática da tradição através da razão para se obter a verdade.

As primeiras linhas do Discurso deixam perceber o entusiasmo e a felicidade do autor por ter encontrado o método que permitirá aos homens de bom senso trilharem um caminho seguro rumo às verdades nas ciências. É aí que Descartes propõe um caminho que ele traçou para si e que, fazendo sua experiência, deverá servir a outros. É a sua experiência, sua espiritualidade.

Descartes anunciava o seu método fruto de estudos e meditação, mas que seguia nessa direção. Uma ciência nova que está pronta para a transformação humana. Isso não quer dizer que nessa busca por uma filosofia prática, Descartes estaria sendo o contrário do que acreditava, ou seja, um homem a exaltar o empirismo. Não é nesse sentido que ele fala de um método que seja de ação. É no intuito de agir sobre o mais íntimo da pessoa e fazê-la ter sempre em mente a meta aonde se pretende chegar, e isso ele possui em (DM I, 1973, p. 37) que diz:

Mas não temerei dizer que penso ter tido muita felicidade de me haver encontrado, desde a juventude, em certos caminhos, que me conduziram a considerações e máximas, de que formei um método, pelo qual me parece que eu tenha meio de aumentar gradualmente meu conhecimento, e de alçá-lo, pouco a pouco, ao mais alto ponto, a que a mediocridade de meu espírito e a curta duração de minha vida lhe permitam atingir.

Descartes apresenta seu método com a certeza de oferecer o melhor que pode para que as ciências possam alçar o mais alto que pode em favor do homem.

O que ele faz para se preocupar em construir um método? Que necessidade é premente de um método? A falta de um caminho a ser percorrido nas ciências, os vícios estabelecidos nos saberes, a falsidade reinante que provoca mais ilusões e menos verdades, ou a confusão generalizada num mundo onde a efervescência de um novo tempo faz cair numa desordem de pensamentos. Ele constrói um método a partir de si próprio para bem satisfazer a si no progresso de seu conhecimento, embora tenha feito um caminho em que outros pudessem também percorrer. Em sua fala, (DM I, 1973, p. 38) afirma:

... o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha. Os que se metem a dar preceitos devem considerar-se mais hábeis do que aqueles a quem os dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis. Mas, não propondo este escrito senão como uma história, ou, se o

preferirdes, como uma fábula, na qual, entre alguns exemplos que se podem imitar, se encontrarão talvez também muitos outros que se terá razão de não seguir, espero que ele será útil a alguns, sem ser nocivo a ninguém, e que todos me serão gratos por minha franqueza.

Com esse propósito é que Descartes procura construir o caminho a partir de sua experiência formal, assim, oferece para muitos o caminho seguro a se percorrer, um itinerário que serve ao homem enquanto indivíduo, sujeito capaz de construir o saber. Mesmo cultivando o conhecimento desde cedo, Descartes parece encontrar aquilo que será o ponto de partida para o seu método: a dúvida. A questão é presente e cultivada já entre os céticos de sua época e que ele a toma emprestada para ser o princípio de onde parte seu pensamento em busca da verdade nas ciências, propondo como caminho para a certeza, até Deus, causa e fundamento de todo o conhecimento. Nessa perspectiva, (DM I, 1973, p. 38) afirma:

Fui nutrido nas letras desde a infância, e por me haver persuadido de que, por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me achava enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância.

Na construção de um conhecimento verdadeiro, Descartes revela o seu desejo de caminhar por um caminho seguro, assegura que sempre desejou aprender a diferenciar o verdadeiro do falso, para ver com clareza as ações e caminhar com segurança, e, por meio de demonstrações metafísicas da própria existência do EU, de Deus e da alma, mostrar a presença evidente da verdade que buscava.

Então, o que se pode entender entre o método e a dúvida em Descartes? O método é a dúvida ou a dúvida é o método? Percebe-se que o método cartesiano é a busca de um caminho pelo qual, pensa ele, possa-se chegar à evidência e a verdade das coisas presentes no seu mundo como necessidade inicial de reconstrução do conhecimento. É claro que tanto o método quanto a dúvida parecem estar intrinsecamente ligados numa interdependência permanente, porém, conforme

observa (SILVA, 2005, p. 29): “Quando a dúvida começa a ser exercida, o espírito já tem de estar de posse do método que permitirá substituir as opiniões rejeitadas por verdades sobre as quais não parem dúvidas”. Veja-se que foi preciso conhecer os passos que asseguraram a Descartes o bom êxito para o exercício do método. Antes de se utilizar da dúvida de forma sistemática foi necessário ter elaborado o método. E que caminho se propôs o método de Descartes? Ele buscou o auxílio para sua construção, um método à luz das ciências matemáticas, por sua evidência e certeza que essa proporciona. Além do mais, Descartes já criticava o pouco uso desta ciência na construção do conhecimento e que ele agora cria o seu método de inspiração nos passos da investigação matemática. Por isso, Silva (2005, p. 30) diz: “A evidência da matemática é aquilo que o espírito humano pode apreender de mais certo; o método consistirá em captar a razão dessa certeza para que se possa estendê-la a outros campos do conhecimento”. A dúvida, portanto, como elemento primordial do método cartesiano tem o objetivo de purificar todas as pré-noções que se carregam de aspecto metodológico que conduzem à certeza. E essa é alcançada por se ter a dúvida como passo importante para se chegar à certeza. Dessa forma, Descartes tem um projeto maior do que apenas duvidar.

Compreender o método proporcionará entender como Descartes percorreu um caminho, por ordem, até encontrar a firmeza como base segura do conhecimento nas ciências, nas provas da existência de Deus.

### 2.3 A CRÍTICA CARTESIANA AOS ENSINAMENTOS HERDADOS DA TRADIÇÃO

Descartes percebe o descaso a que submeteram o uso da razão e do bom senso, por isso sua crítica se constitui contra os ensinamentos da cultura e dos métodos da idade média que na sua concepção já não se sustentavam mais.

A contundente crítica desferida contra a tradição escolástico-aristotélica por parte de Descartes tem sua razão de ser na medida em que se encontram mergulhados em ensinamentos que, para ele, não acrescentavam em nada para o conhecimento. Nesse sentido é que Silva (2005, p. 28) diz:

... é duvidoso que gerações diferentes ao longo dos séculos tenham seguido o mesmo método, e é isso que faz com que a ciência não tenha sido mais que um mero acúmulo de opiniões, e não uma

construção a partir de fundamentos metodicamente estabelecidos e seguidos de deduções também metodicamente conduzidas.

No entender de Descartes se praticava uma ciência, mesmo em sua época fora daquilo que para ela é o verdadeiro método, pois está desvinculado da realidade do mundo, aquém do homem moderno que exige novas posturas. O que se apresenta aí tinha gerado muito mais confusão nas mentes e muitas dúvidas ao invés do saber. Enquanto ciência esta fragilidade nos resultados obtidos permitia insegurança numa filosofia que caminhava sem objetivos. Como resolver tal impasse? A partir de um método de inspiração matemática.

## 2.4 PROPOSTA DE UM MÉTODO À LUZ DA MATEMÁTICA E DA GEOMETRIA

A diversidade de pensamentos não é saudável no debate filosófico? Sim. Mas, não se trata disso aqui, o turbilhão de opiniões que sacudia o século XVII representava, porém, certo desconforto e falta de segurança no que se dizia e ensinava e isso, para Descartes, tornava os conhecimentos enganosos. O que está se propondo é uma racionalização do conhecimento para se permitir encontrar a verdade.

O pensamento de Descartes é para evitar que com tantas regras possa obscurecer a “luz da razão”. No entanto, ele quer preservar tudo aquilo que será importante para o bom êxito de seu novo Método pelo raciocínio matemático e geométrico. Assim, Descartes (DM I, 1973, p. 40) afirma:

Comprazia-me sobretudo com as Matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões; mas não notava ainda seu verdadeiro emprego, e, pensando que serviam apenas às artes mecânicas, espantava-me de que, sendo seus fundamentos tão firmes e tão sólidos, não se tivesse edificado sobre eles nada de mais elevado.

Isso aparece de forma clara quando ele coloca em seu Método a inspiração geométrica. Skirry (2010, p. 23) diz que “... as cadeias de raciocínio geométrico são ‘muito simples’ e podem ser usadas para demonstrar teoremas muito difíceis”. Por isso, Gilson (1989, p. 15) afirma:

O que constitui a certeza das matemáticas consiste, aliás, muito menos nos processos do cálculo que usam, do que na perfeita

evidência das ideias que põem em ação e na ordem segundo a qual se encadeiam.

Não é a dúvida que possui valor para o método, e sim o que se pode descobrir por meio dela. A Metodologia de Descartes defende que os sentidos não são confiáveis. A ciência que depender deles será suspeita por estar fundamentada em alicerces inseguros.

Confiante na razão, Descartes acredita que os sentidos são enganosos por permitir-se apenas acreditar no que se vê. Esse conhecimento apenas aparente é que está envolto no cotidiano, apresentando-se aos nossos olhos, mas nunca à nossa mente. Assim, ele argumenta que é preciso conduzir as coisas de forma ordenada que os deixem confiantes do empreendimento que ora se está a erguer. As muitas construções de conhecimentos mais confundem do que fazem crescer. Descartes (DM I, 1973, p. 42-3) diz:

... vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que aqueles que muitos procuram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins. [...] pensei que as ciências dos livros, ao menos aquelas cujas razões são apenas prováveis e que não apresentam quaisquer demonstrações, pois se compuseram e avolumaram pouco a pouco com opiniões de mui diversas pessoas, não se acham de modo algum, tão próximas da verdade quanto os simples raciocínios que um homem de bom senso efetua naturalmente com respeito às coisas que se lhe apresentam.

Com o *Discurso* ele inaugura uma forma sistemática de se pensar o seu tempo, de reflexão sobre a realidade e a urgente necessidade de imprimir mudanças na maneira de olhar o mundo, uma nova epistemologia. Pela capacidade racional que o homem possui, pode-se dizer que ele encarna o espírito humanista no intuito de atingir o conhecimento certo e seguro. Sua confiança na capacidade fundante da razão relembra aqui o legado deixado pela filosofia platônica. Ele ainda argumenta que o sujeito parte de si próprio e a partir dele cria a possibilidade do conhecer. É possível ao sujeito conhecer? O que ele pode e o que é nele limite? Assim, propõe ao sujeito que se dirija ao objeto que pela razão capta a ordem que esse contém. Toda preocupação dele é para garantir um conhecimento real e seguro. (DM I, 1973, p. 44-5) argumenta:

Não quis de modo algum começar rejeitando inteiramente qualquer das opiniões que porventura se insinuaram outrora em minha confiança, sem que aí fossem introduzidas pela razão, antes de despende bastante tempo em elaborar o projeto da obra que ia empreender, e em procurar o verdadeiro método para chegar ao conhecimento de todas as coisas de que meu espírito fosse capaz.

Perseguindo seu projeto de elaboração de um método que fosse capaz de superar um conhecimento que para Descartes não conduzia o homem à verdade (DM I, 1973, p. 45) diz ele:

Eu estudara um pouco, sendo mais jovem, entre as partes da Filosofia, a Lógica, e, entre as Matemáticas, a Análise dos geômetras e a Álgebra, três artes ou ciências que pareciam dever contribuir com algo para o meu desígnio.

Ou seja, Descartes se instrui nas letras e reconhece o valor de cada uma, porém, é a exatidão que apresentam as matemáticas que ele irá propor como o modelo para todas as ciências.

## 2.5 O MÉTODO

O *Discurso do o Método* foi escrito como uma espécie de introdução metodológica aos ensaios: a *Dióptrica*, *Os Meteoros* e *A Geometria*. Na *Dióptrica*, Descartes aborda a discussão sobre a refração da luz, nos *Meteoros*, explica as causas e os efeitos dos fenômenos da natureza, e por fim, o ensaio sobre a *Geometria* elaborou um modelo para todo conhecimento, ilustrando assim o seu método. Esses ensaios anunciavam um novo método para as ciências. Foi a partir da compreensão dos ensaios que o pensamento filosófico e científico rompeu com o modelo da ciência medieval, afastando-se do mundo da escolástica.

A pretensão de Descartes era realmente substituir a física praticada, herdada da tradição, a qual não dava mais conta de explicar os problemas filosóficos e científicos surgidos na modernidade.

Com esse pensamento, ele não desprezava o conhecimento adquirido nas escolas. Reconhece, no entanto, que todos lhe foram de bom proveito, servindo para conhecer seu justo valor e não ser por eles iludido.

Como sabemos, o seu objetivo foi o de formular um método que sirvisse a ele próprio, um método que o ajudasse, ou seja, que lhe ensinasse a melhor conduzir sua razão. O objetivo de seu método revertia a favor de si mesmo como mostra em outra passagem do DM II, (1973, 44):

Nunca o meu intento foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos, e construir num terreno que é todo meu. De modo que, se, tendo minha obra me agradado bastante, eu vos mostro aqui o seu modelo, nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo.

Embora reformando seu próprio pensamento, não tem ele pretensão de servir de modelo para ninguém, embora termine sendo-o.

Para construir um método que o leve a distinguir o verdadeiro do falso, Descartes precisa deixar de lado todas as opiniões construídas até o momento, para que só depois de estudá-las possa substituí-las, ou mostrando-se corretas admiti-las, no entanto, o método serve para conduzir suas opiniões ao nível da razão.

Seguindo esse padrão, ele acredita que, com disciplina e meditação, é possível encontrar a verdade.

Descartes está certo de que para caminhar com segurança nesta vida se precisa construir um método que o leve a conhecer a verdade por ele mesmo, pois ele sabe que não pode aceitar como verdade alguma coisa, apenas pelo fato de que muitos a aceitam, pois nem sempre as muitas vezes estão corretas, ao passo que é possível apenas um homem possuir a verdade em contraposição a maioria, nessas condições encontra-se ele compelido a seguir por si próprio um caminho que conduz à verdade.

### **2.5.1 A Matemática**

No período de 1627 a 1628, após o 'insight' do entusiasmo mágico, Descartes manteve vários contatos com sábios e viveu o ardente desejo de elaborar seu projeto de um método para as ciências. Neste período Descartes recebeu muitas influências. Ele mantém contatos com Mersenne,<sup>9</sup> data dos anos que antecedem a elaboração das primeiras regras do tipo matemático que irá amadurecer mais tarde e resumi-las. Com relação a isto, Alquié (1969, p. 21) afirma:

---

<sup>9</sup> Pe. Marin Mersenne (1588-1648), matemático, filósofo natural, teólogo francês, amigo e crítico de Descartes.



... Descartes continua nesta matéria os seus próprios trabalhos, e é dessa época que se deve datar os fragmentos 1, 2, 10, 11, e 12 dos seus *Excerpta mathematica*, cujo fragmento 10 é o famoso fragmento sobre as ovas. É, porém difícil determinar a data a partir da qual Descartes considera que a ciência, universal e una, com que sonhou, só pode ser constituída pelo método matemático.

Sua crença é de que o método matemático permite maior segurança por sua clareza e pela exatidão. Apontada como modelo para todas as ciências, a matemática poderá ser aplicada no conhecimento dos corpos extensos, encontrando então, relações de ordem e medida e, a partir delas chegar a verdades necessárias.

Abandonando por um momento as convicções baseadas nos sentidos e nos sonhos, Descartes propõe que a ciência cuja exatidão daria segurança na elaboração de uma nova ciência seria a Matemática, perfeita por natureza, e que todas as outras poderiam tomá-la como referência. Algumas ideias matemáticas simples, como, por exemplo, os enunciados (MM I, 1973, 95 § 8) “dois mais três formarão sempre o número cinco” e “o quadrado nunca terá mais de quatro lados” são verdades tão patentes que não podem ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza. Com isto, Descartes valoriza a matemática como sendo capaz de resolver toda uma preocupação de clareza e evidência para o saber.

Outra forte influência que Descartes recebeu foi dos Oratorianos<sup>10</sup> e do próprio fundador, Bérulle que lhe impõe a obrigatoriedade de dedicar-se à filosofia. Sobre essa questão Alquié (1969, p. 21-22), diz:

... a influência que sobre Descartes a espiritualidade oratoriana vem confirmar e reforçar a dos sábios: a grande preocupação do Oratório é então combater o naturalismo do Renascimento, que via no Universo um jogo de forças ocultas. Uma física, mecanicista que espalha o objecto pelo espaço e reduz qualquer fenômeno às leis do movimento iria, segundo o Oratório, permitir uma libertação daquele paganismo latente e o reconhecimento que só o homem e Deus possuem consciência e vontade. Assim, as conversas mais variadas incitam Descartes a, para compreender a natureza, confiar exclusivamente nas evidências de uma ciência mecânica e matemática.

---

<sup>10</sup> Os Oratorianos eram membros de uma ordem religiosa chamada de Oratório fundada em 1611 para rivalizar com os jesuítas. Com a proibição oficial do ensino de sua filosofia, Descartes encontra boa recepção e seguidores de suas ideias entre os oratorianos.

O cardeal Bérulle, fundador e geral dos oratorianos, tem importante missão de consagração à filosofia de onde Descartes recebera enorme influência. Isso ajuda a entender por que Descartes imagina que a natureza liga-se a uma ciência mecânica e do tipo matemática.

Para chegar às principais regras do método, Descartes busca conhecimento (DM II, 1973, p. 45) na “Lógica, e entre as Matemáticas a Análise dos geômetras e a Álgebra”. Ele acredita que estas três artes ou ciências o ajuda em seu propósito. Assim, Descartes propõe um método que inclui suas vantagens e ao mesmo tempo evite seus defeitos, sabendo pois que as mesmas oferecem vantagens e certezas, mas podem também apresentar meios supérfluos. Com relação a isso comenta Sorell (2004, p. 19):

O que Descartes procurava era um método que proporcionasse todas as vantagens, mas nenhum dos inconvenientes dos procedimentos adotados em lógica, álgebra e geometria.

Descartes elaborou seu método partindo da observação matemática, por sua precisão e por considerá-la uma ciência pura que serve de base para as demais ciências, tendo em vista que suas fundamentações são desprovidas de falsidades e incertezas. Porém, a lógica praticada é a lógica aristotélica, a qual Descartes considera difícil e complicada e que não tem razão de ser, pois, (DM I, 1973, p. 45) “[...] os seus silogismos e a maior parte de seus outros preceitos servem mais para explicar a outrem as coisas que já se sabem”.

Sorell (2004, p. 110) comenta que “ao distinguir entre uma concepção do mundo baseada nos sentidos, e uma concepção mais austera, a matemática, Descartes se comprometeu com a visão de que a última era a mais objetiva das duas”. Para ele, a matemática traduz a profunda confiança para se chegar ao conhecimento verdadeiro. A matemática significa, para o filósofo, um conjunto formado pela aritmética e a geometria às quais não deixam dúvidas para o conhecimento. Esse cálculo regido pelo método resolve qualquer problema na ordem de números e figuras. Daí decorre que a matemática serve como modelo para construção do método universal que é aplicável a outras ciências sobre a qual Descartes afirma não ter sido aproveitada como ela merecia até sua época. Ela, segundo Descartes, é o conceito ideal para que se conceba uma filosofia pura. Segundo Koyré (1986, p. 40), “só a matemática merece algum favor aos olhos de

Descartes ‘por causa da certeza e da evidência das suas razões’”, o que a faz ser o método que será possível na construção das provas da existência de Deus, pois estas serão construídas tendo por base as evidências das quais somente as matemáticas serão capazes de prover. E acrescenta:

Todas as ciências, com efeito, vão buscar os seus princípios à filosofia. Ora, é esta que, primeiramente é confusa, incerta e duvidosa. Assim, do desmoronamento das suas primeiras certezas, Descartes apenas salvará as que não dependem da filosofia: a crença em Deus e a Matemática.

Além da evidência proporcionada pela matemática, Descartes apresenta a ideia de Deus como outra evidência que está no homem e que para ele se tornará o fundamento de todo seu sistema. Porém, ele irá fazer com que uma apoie a outra, de modo a permitir uma maior firmeza ao seu pensamento. Tudo tem um sentido de exatidão para Descartes e que a mesma estrutura matemática para elaboração de seu método é a mesma que servirá para a prova ontológica da existência de Deus nas *MM*.

É certo que Descartes não está apenas preocupado com que seu método possua a mesma característica do método matemático, não é isso. Seu intuito é muito mais, como já foi dito, de assegurar certeza. Para ele, é incontestável que diante de tantas ameaças ao conhecimento, era necessário agarrar-se a algo que pelo menos o fizesse sentir-se em um rumo seguro. Por isso, que o entusiasmo quanto à precisão das matemáticas, externado por ele torna-se motivo principal para sua vivência e pesquisa.

### **2.5.2 As Regras**

Descartes tinha a convicção de que a filosofia que era praticada em épocas anteriores e em sua época carregava em si as imperfeições exatamente pela falta de observância de uma ordem que, no seu entender, conduzia a infundáveis debates sem nexos e sem sentido bem como não era possível chegar à verdade.

O método sempre foi buscado na filosofia desde os antigos, mas, é com Descartes que ele passa a ter uma importância capital. Embora ele não tenha sido o

único, a elaborar um método, a novidade é dá ao método um papel fundamental em todo seu sistema filosófico.

Primeiro ele teve a ideia de uma Ciência Universal. Ele alimentou o sonho de reunir todos os saberes em um só lugar para toda humanidade e assim substituir o sistema escolástico ainda praticado. Segundo, diante dessas especulações e confusões em que o mundo do conhecimento estava submetido, ele vivenciou essa experiência pessoal e espiritual, em primeiro plano, com visões que lhe permitiram traçar uma edificação nessa empreitada. Como? Ao expor diversas regras gerais, estava exaltando e conclamando que a ciência trilhasse por caminhos certos com uma ordem única espelhada na exatidão matemática. E o método será esse caminho a conduzir os espíritos ao conhecimento e deste até Deus.

Como bem está formulado por Descartes na primeira Regra (ROE I, 2007, p. 2): “Os estudos devem ter por meta dar ao espírito uma direção que lhe permita formular juízos sólidos e verdadeiros sobre tudo que se lhe apresenta”. É desta forma que Descartes está motivado para propor ao mundo um método seguro.

Esta necessidade de se conduzir o saber através de um método fica ainda mais evidente quando seu intuito é a construção de um método que coloque o homem na direção correta no uso de sua razão e por ela chegar a verdade. Isso se faz importante na demonstração das provas da existência de Deus, alvo principal em nesta pesquisa. Em outra regra (ROE IV, 2007, p. 19-20) ele afirma que “o método é necessário para a busca da verdade”. E reforça:

... é muito melhor jamais pensar em procurar a verdade de alguma coisa a fazê-lo sem método: é deveras certo, de fato, que os estudos desse tipo, feitos sem ordem, e as meditações confusas obscurecem a luz natural e cegam os espíritos. [...] Quanto ao método, entendo por isso regras certas e fáceis cuja exata observação fará que qualquer um nunca tome nada de falso por verdadeiro, e que, sem despendar inutilmente nenhum esforço de inteligência, alcance, com um crescimento gradual e contínuo de ciência, o verdadeiro conhecimento de tudo quanto for capaz de conhecer.

A descoberta de um método se torna mais que urgente diante de tamanha confusão no conhecimento onde se carece de clareza e de propósito da verdade que possa dar segurança ao homem. Segundo Cottingham (1995, p. 119), “Descartes dedicou bastante atenção sistemática e cuidadosa ao problema de

especificar o método correto para a filosofia”. Nas *ROE* ele nos oferece várias recomendações metodológicas que agora decide reduzi-las para apenas quatro como se apresenta no *DM* na parte II. Ele desenvolve e enumera as quatro regras ou passos do seu método que devem ser aplicados para evitar o erro na questão dos problemas científicos. Segundo o filósofo, o método foi estruturado para se encontrar a verdade e que, através dele, pudesse chegar a resultados do conhecimento, eis a primeiro preceito (*DM* II, 1973, p. 45) conforme se pode ver a seguir:

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

Descartes divide esse primeiro preceito em dois grupos: o primeiro, precipitação e prevenção e, o segundo, clareza e distinção. No primeiro grupo, o autor define que deve ser evitado o mal, que é a precipitação e a prevenção, duvidando de tudo quanto for necessário antes de julgar alguma coisa. Segundo ele, a prevenção é uma opinião sem fundamentação racional persistida em pensamentos irrefletidos desde a infância.

Para Descartes, esse raciocínio é julgado antes de ter um conhecimento indubitável de precipitação e que julgam apoiando-se na opinião de onde se define a prevenção. Pode-se concluir que a prevenção significa para Descartes o juízo que vem da experiência ou das opiniões oriundas de fora do entendimento, enquanto a precipitação pode ser entendida como um juízo baseado na imaginação e não no entendimento.

Para corrigir essas falsas ideias, o artifício criado por Descartes é o exercício da dúvida fundamentado pela evidência intelectual. A evidência é o sentido oposto da precipitação e da prevenção, cuja verdade não se define pelo espírito de modo imediato. É o meio para se atingir a verdade de onde estão contidas as características que as verdades devem possuir.

A intuição não significa para o filósofo a confiança instável para os sentidos, mas uma ideia de que a inteligência nasce do conceito da luz natural da razão para

se chegar à certeza da verdade. As ideias que são conduzidas pela fundamentação da certeza, tendo como base a regra da evidência são mais fáceis de obter o critério da verdade. Na (ROE III, 2007, p.13), o autor apresenta o seu entendimento sobre intuição:

Por intuição entendo não a confiança instável dada pelos sentidos ou o juízo enganador de uma imaginação com más construções, mas o conceito que a inteligência<sup>11</sup> pura e atenta forma com tanta facilidade e clareza que não fica absolutamente nenhuma dúvida sobre o que compreendemos; ou então, o que é a mesma coisa, o conceito que a inteligência pura e atenta forma, sem dúvida possível, conceito que nasce apenas da luz da razão e cuja certeza é maior, por causa de sua maior simplicidade, do que a própria dedução, embora esta última não possa ser mal feita mesmo pelo homem, como observamos mais acima.

Então, para Descartes, a intuição é um ato puramente racional em que a mente elabora seu próprio conceito, tornando-a transparente em si mesma, onde a certeza é inerente a este raciocínio. Há no método cartesiano as noções de intuição, dedução e ordem, conforme afirma Alquié (1987, p. 27):

A *intuição*, base e fundamento do conhecimento, apresenta cada termo e permite apercebê-lo. A *dedução* (por vezes denominada *inferência*, e até mesmo *indução*) permite passar de um termo a outro, entrevendo, por intuição, o seu nexos. Um tal raciocínio difere do silogismo escolástico, o qual opera fazendo entrar uns nos outros conceitos de extensão e compreensão diversas. A relação que, em Descartes, funda o raciocínio não é a inerência. É uma conexão entre quantidades, conexão que permite fixar o lugar destas quantidades na ordem.

Ele afirma que, na maioria das vezes, conhecem-se as coisas de maneira correta sem ser evidente. No *DM*, Descartes ressalta esse poder de julgar bem e fazer a distinção entre o falso e o verdadeiro, que naturalmente já é parte inseparável do homem no uso do bom senso que é a razão. Isso significa que a mente, antes de qualquer método, tem o poder de realizar seus pré-julgamentos. Esse poder natural fundamenta duas operações intelectuais: a intuição e a dedução.

---

<sup>11</sup> Há que entender quando Descartes fala de inteligência ele distingue a intuição intelectual da intuição sensível (dos olhos) que poderá se apresentar com o sentido das palavras: *mens, ratio, intellectus...*

É necessário um movimento contínuo do pensamento ligando a evidência à intuição, fato que Descartes relata nas *ROE* antes da dedução. Descartes distingue a intuição da dedução pelo fato da primeira se utilizar do recurso da memória, e a segunda se fundamenta em raciocínios a partir de uma ou mais proposições de acordo com as regras.

Através do recurso da memória é que o entendimento de um termo desconhecido liga a outro termo atual, desde que já tenha sido percorrido anteriormente pela intuição. Essas considerações mencionam neste preceito o critério de verdade que se apresenta ao espírito de forma clara e distinta das coisas, ou seja, de ideias claras que é a intuição intelectual.

Essa regra segundo Reale e Antiseri (1990, p. 361) é chamada de “evidência”, um princípio que irá nortear a filosofia cartesiana, pois se direciona para a “clareza e distinção” (Idem 1990, p. 362). A evidência surge como um conceito fundamental para se compreender todo o pensamento de Descartes: “a intuição”, que será à base de um conhecimento confiável, segundo Cottingham (1995, p. 91) refere-se à intuição como “a concepção de uma mente clara e atenta, tão fácil e distinta que não pode restar espaço à dúvida acerca daquilo que entendemos”.

O segundo preceito (DM II, 1973, p. 46) é: “o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.”

Essa regra se refere à “análise”, na qual se pode notar com facilidade a defesa de um método analítico. Segundo *Reale e Antiseri* (1990, p. 362) “é a defesa do método analítico, único que pode levar à evidência”, dividindo cada dificuldade em parcelas, e por sua vez examinando, não importando quantas vezes isso seja requerido, para que o problema seja resolvido. Como observa Silva (2005, p. 31), Descartes confere a esta regra “um teor matemático, já que a divisão das dificuldades é pensada por ele segundo o modelo da decomposição de equações complexas ou da redução de múltiplos aos seu multiplicadores.” O objetivo desta regra é organizar a dificuldade complexa dos problemas e evitar que o falso se misture com a sentença verdadeira do conhecimento. Essa defesa de um método analítico é o único que pode desarticular o complexo no simples, permitindo que se disperse a ambiguidade do método. Descartes faz ver que é necessário descobrir o simples para poder se livrar de qualquer complicação, explicitando que o método,

partindo da análise, é de fundamental importância para a divisão dos problemas. Ele afirma na (ROE V, 2007, p. 29) que:

O método consiste na ordem e na organização dos objetos sobre os quais se deve fazer incidir a penetração da inteligência para descobrir alguma verdade. Nós lhe ficaremos ciosamente fiéis, se reduzirmos gradualmente as proposições complicadas e obscuras a proposições mais simples e, em seguida, se, partindo da intuição daquelas que são as mais simples de todas, procurarmos elevar-nos pelas mesmas etapas ao conhecimento de todas as outras.

Descartes apresenta o método para que possa resolver qualquer teoria pelo caminho da análise, cujo objetivo reside na fundamentação geral do conhecimento certo. De modo geral, Descartes revela que a estratégia usada para descobrir os fundamentos da ciência é o método da análise, sendo este o responsável pela organização das ideias, inclusive da ideia que se tem de Deus. Mais adiante, no terceiro capítulo, analisaremos as duas primeiras provas da existência de Deus. Percebe-se assim, que as regras do método cartesiano conduzem aos caminhos que farão com que Descartes consiga apresentar sua descoberta do sujeito pensante que leva à demonstração do Ser perfeito: Deus.

O terceiro preceito apresenta o método como instrumento para ordenação do pensamento baseado na teoria da geometria. (DM II, 1973, p. 46):

O de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

A ordem do pensamento a que Descartes se refere não é de natureza física para se resolver um problema. Ele sustenta que a solução do problema da ciência, resolve-se por meio do método da síntese para que se possa organizar o conhecimento. É através da exigência absoluta da ordem do método da síntese que a ciência comprova o resultado da pesquisa, e mais, a ordem desse pensamento deve ser seguida pelo exame do próprio conhecimento humano.

Descartes afirma que as ideias simples são dados fáceis para se conhecer. Assim, ele afirma que se for seguida a ordem crescente é muito fácil encontrar o



resultado da complexidade. De acordo com o autor, para que esse resultado tenha validade, é preciso que se caminhe na proposição da ordem contínua. Se, por exemplo, tomarmos dois números 3 e 6, poderemos constatar que o número 6 é o dobro do número 3. Como bem observa Silva (2005, p. 30):

A evidência matemática é aquilo que o espírito humano pode apreender de mais certo; o método consistirá em captar a razão dessa certeza para que se possa estendê-la a outros campos do conhecimento.

Partindo desse exemplo, Descartes define que essas são as ideias simples, as quais, seguidas pela ordem contínua, permitem ampliar o conhecimento. Assim, o filósofo define que na ordem da construção científica, para se encontrar o resultado de sua pesquisa, tinha que ser seguida por este preceito. Esse terceiro preceito cartesiano parte de ordem epistemológica a qual é introduzida como organização dos problemas.

Essa é a regra de “conduzir com ordem meus pensamentos”, sua importância está em cuidar, segundo Silva (2005, p. 31) que “cada elemento que entra no sistema deve seu valor à posição que ocupa num determinado conjunto”. Essa regra também cuida do papel de juntar os elementos que foram separados na regra anterior, dando lugar a uma sequência de raciocínios que se desenrolam dos mais simples aos mais complexos. Aqui se pode notar características do ato “dedutivo”, assim, o todo recomposto estará totalmente já iluminado pelo pensamento que examinou cada particularidade, o que evidenciará os erros. Para Descartes, o conhecimento dedutivo possui grande importância dentro de seu pensamento, sendo o seu modo de pensar a segunda melhor forma de cognição.

E o último preceito ou regra (DM II, 1973, p. 46) é: “o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.” Essa regra consiste em enumerar completamente os dados do problema. Ela caminha em sentido oposto ao caminho percorrido pela análise, ou seja, busca a recuperação da visão da totalidade do conjunto, ou como observa Silva (2005, p. 31), “proceder a revisões e enumerações completas, para ter a certeza de que todos os elementos foram considerados”. (DM II, 1973, p. 46-7) afirma:

Essas longas cadeias de razões, todas simples e fáceis, de que os geômetras costumam servir-se para chegar às suas mais difíceis demonstrações, haviam-me dado ocasião de imaginar que todas as coisas possíveis de cair sob o conhecimento dos homens seguem-se umas às outras da mesma maneira e que, contanto que nos abstenhamos somente de aceitar por verdadeira qualquer que não seja, e que guardemos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode haver quaisquer tão afastadas a que não se chegue por fim, nem tão ocultas que não se descubram.

As regras postas na segunda parte do *Discurso* revelam a pretensão de Descartes em tornar fáceis e poder usá-las na prática do cotidiano, assim no (DM II, 1973, p. 48) “... o método que ensina a seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza às regras da aritmética”.

Esses princípios matemáticos usados por Descartes para se chegar a um método mostram a importância da ordem, ou seja, começar pelas coisas mais simples e de maior facilidade às mais complexas, e também mostra que seguindo algumas regras matemáticas é possível chegar a razões certas, tal com faziam os matemáticos. Não era, porém, sua pretensão fazer um estudo particular de todas as matemáticas. Quando apresentaremos os argumentos que demonstram as provas da existência de Deus, no terceiro capítulo, veremos que os passos construídos por Descartes no resumo dessas regras proporcionarão o uso do espírito matemático pela sua coerência e exatidão, permitindo, então, demonstrar que Deus existe.

A matemática desempenha importante papel no método de Descartes por seu domínio privilegiado da evidência. Por isso, ele busca a aplicação das matemáticas ao método. As regras do método destacam a importância de ter um pleno conhecimento de cada momento no desenvolver de uma pesquisa filosófica rigorosa. Essa tarefa se torna possível principalmente através da clareza e distinção, que dão garantia contra possíveis equívocos existentes no saber universal.

Evidentemente que o núcleo central desse preceito encontra-se na enumeração das regras completas. No entanto, cumpre saber que o conhecimento científico só pode ser organizado pela divisão dos problemas segundo o modelo matemático e da geometria como caminho para se chegar às verdades primeiras, o que, por sua vez, levará a outras que constituirão uma ciência verdadeira. Sobre essa questão Descartes (DM II, 1973, p. 48) afirma:

... ousou dizer que a exata observação desses poucos preceitos que eu escolhera deu tal facilidade de deslindar todas as questões às quais se estendem essas duas ciências que, nos dois ou três meses que empreguei em examiná-las, tendo começado pelas mais simples e mais gerais, e constituindo cada verdade que eu achava uma regra que me servia em seguida para achar outras, não só consegui resolver muitas que julgava antes muito difíceis, como me pareceu também, perto do fim, que podia determinar, mesmo naquelas que ignorava, por quais meios e até onde seria possível resolvê-las.

De acordo com Descartes, a enumeração é a via para que não se deixe escapar a ordem metodológica do referido método. Ele descobre através dessa análise que as regras servem como alicerce para o desenvolvimento da ciência. Mas, observe-se que a solução do problema deve ser dividida em várias partes para culminar num único objetivo. Com isso, o autor define que o conhecimento tem que ser guiado pela análise da revisão para definição do objeto a ser estudado.

Portanto, Descartes admite que a regra da enumeração de certas verdades não é o suficiente para chegar à dedução do conhecimento. Isso ocorre porque cada sentença tem sua sequência encadeada na razão, e a ordem dessa teoria deve ser formulada no movimento contínuo do próprio pensamento. Entretanto, o autor revela que esse movimento está inserido na organização das ideias e, caso fosse interrompido por pensamento desorganizado podia não ser concluído. O objetivo desse preceito é, pois, tentar esclarecer os conceitos obscuros a partir da ordem do método. Assim, Descartes (DM II, 1973, p. 48) diz:

Mas o que me contentava mais nesse método era o fato de que, por ele, estava seguro de usar em tudo minha razão, se não perfeitamente, ao menos o melhor que eu pudesse; além disso, sentia, ao praticá-lo, que meu espírito se acostumava pouco a pouco a conceber mais nítida e distintamente seus objetos, e que, não o tendo submetido a qualquer matéria particular, prometia a mim mesmo aplicá-lo tão utilmente às dificuldades das outras ciências como fizera com as da Álgebra.

A descoberta e uso de um método conforme o apresenta Descartes, confere segurança no uso da razão, permitindo que esta conheça os objetos de maneira evidente, bem como a possibilidade de aplicá-lo às demais ciências. Descartes tinha em mente um método que fosse capaz de por tudo em ordem, permitindo, através do correto uso da razão, conduzir a todos à verdade e a certeza de tudo.

Nos *Princípios* Descartes esclarece a importância do método e de suas regras para se chegar ao conhecimento de Deus, (PF, 1968, 105, art. 75):

Por este processo conheceremos, em primeiro lugar, que existimos, enquanto a nossa natureza é pensar; e que existe um Deus do qual dependemos. Depois de considerarmos os seus atributos, poderemos pesquisar a verdade de todas as demais coisas, visto que ele é a sua causa. Além das noções que poderemos alcançar de Deus e de nosso pensamento, acharemos ainda em nós o conhecimento de inúmeras proposições que são eternamente verdadeiras, como exemplificando, que o nada não pode ser o autor de nenhuma coisa etc [...].

O critério usado para se chegar a um conhecimento verdadeiro leva Descartes à ideia de Deus. Sendo Deus o fundamento de sua metafísica, é preciso conhecê-lo. Mas para que se chegue a este conhecimento, primeiramente será debatido o “eu” cartesiano. (conforme o capítulo seguinte). A primeira de todas as certezas que servirá como base para as provas da existência de Deus.

O método surge como uma real possibilidade de o homem tomar posse do mundo em que vive, momento de efervescência e de mudança de eixo. Agora o homem tem papel central na construção do mundo, embora sob muitas ameaças. Ele pensa livrar-se das amarras da visão aristotélica em que o mundo se submetera. Agora o homem é senhor da natureza, poderá viver com ela sem apenas contemplá-la, distante, com medo, como algo fora de sua vida. Só tem um fundamento que está antes dele, que é a ideia do Ser Perfeito. Organiza seu pensamento pelo método que almeja a verdade, através da dúvida que constrói a certeza do “EU”, enquanto ser pensante para ter o fundamento na existência de Deus.

Antes mesmo de pensar em elaborar um método, sabemos que Descartes já perseguia uma ciência que fosse capaz de unir todos os saberes. Os fundamentos que ele buscava para a “Ciência Admirável” começam a tomar rumo a partir das visões na cidade de Ulm em 1619. Estas visões representam o instante a partir do qual, Descartes irá nortear seu pensamento. Porém, somente em 1628 é que ele expõe sua ideia de método nas famosas *Regras para orientação do espírito*, uma composição de várias regras capazes de dar às ciências um caminho seguro parecido com as certezas matemáticas.

Aqui, diz ter encontrado o caminho para que possa superar as divagações e confusões a que estavam expostos a unidade do saber. Imbuído desse espírito de busca, Descartes vive a experiência da meditação intelectual com o objetivo de encontrar as bases seguras para as ciências e os sonhos cartesianos carregados de simbolismos, os quais reforçam sua visão de reconstrução do conhecimento.

## 2.6 OS SONHOS: UMA VISÃO (PARA ALÉM) DE UMA CIÊNCIA UNIVERSAL

Os escritos cartesianos que se situam entre 1618 e 1621 são já de um homem de ciência e um meditativo. Nesse período em cartas redigidas ao seu amigo Beckman<sup>12</sup>, textos também conhecidos por Baillet<sup>13</sup> e Leibniz, segundo (Alquié, 1969, p. 19). “confirmam a ambição fundamental de Descartes de fundamentar uma ciência universal”. Na noite de 10 de novembro de 1619, perto de Ulm, na Alemanha, Descartes vive a marcante experiência dos sonhos que ele próprio julga proféticos, uma vez que vieram do alto. Para Alquié (1969, p. 19) “(...) uma ambição científica que ele próprio diz ser incrível”, o faz sair do entusiasmo mágico para ceder lugar a uma ciência pura, tipicamente matemática. Não podemos determinar quando Descartes irá dizer que o que ele sonhou se trata de uma ciência universal, mas está claro de que esta ciência deverá ser constituída pelo método matemático.

Essa descoberta se deu em 10 de novembro de 1619, conforme ele relata (DM II, 1973, p. 42):

... quando retornava da coroação do imperador para o exército, o início do inverno me deteve num quartel, onde, não encontrando nenhuma freqüentação que me distraísse, e não tendo, além disso, por felicidade, quaisquer solicitudes ou paixões que me perturbassem, permanecia o dia inteiro fechado sozinho num quarto bem aquecido onde dispunha de todo o vagar para me entreter com os meus pensamentos. Entre eles, um dos primeiros foi que me lembrei de considerar várias peças, e fitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou.

---

<sup>12</sup> Isaac Beckman, médico, um erudito com grande interesse científico, teve muita influência sobre seu amigo Descartes o que deixa evidente através das cartas trocadas, nas quais em 1919, numa delas destinada a Beckman, Descartes escreveu: “para dizer a verdade, foi de fato o senhor que me tirou de minha ociosidade e me fez recordar de coisas que havia aprendido e que quase esqueci: quando meu espírito se desviava das coisas sérias...” (SORELL, 2004, p. 15). Coisas sérias de que fala aqui são as questões matemáticas.

<sup>13</sup> Adrien Baillet, biógrafo e amigo de Descartes.

Descartes busca a tranquilidade e a paz de espírito que possa proporcionar-lhe a visão que irá dar sentido e desenvolvimento ao seu sistema e, nesse cenário de um quarto aquecido e tranquilo, no paradoxo do seu próprio frenesi é que ele vive a experiência meditativa para dar início ao método que norteará toda sua filosofia dali em diante.

Descartes tem presente a desordem intelectual em que se encontra o mundo de sua época, e deseja, então, construir urgentemente um método para bem conduzir sua vida e a das ciências em geral. Evitando dogmatismos, ele inicia um caminho em que pretende ser possível um conhecimento firme e seguro nas ciências. Por ter sido educado em meio a tantos ensinamentos tidos como infalíveis, e embora eles sejam praticados em importantes escolas, estão tão carregados de preconceitos, falsidades e ilusões, de modo que ele busca trilhar novas sendas capazes de levar ao progresso do saber. A ideia é livrar-se das opiniões falsas e assim contornar o problema em que está submetida a humanidade. (DM II, 1973, p. 42) diz:

E assim pensei que as ciências dos livros, ao menos aquelas cujas razões são apenas prováveis e que não apresentam quaisquer demonstrações, pois se compuseram e avolumaram pouco e pouco com opiniões de muitas e diferentes pessoas, não se acham, de modo algum, tão próximas da verdade quanto os simples raciocínios que um homem de bom senso pode efetuar naturalmente com respeito às coisas que se lhe apresentam.

O *Discurso* apresenta uma combinação de elementos tanto metafísicos quanto metodológicos, mas a questão central defendida por Descartes é que o conhecimento em geral precisa ser assentado em bases diferentes e sólidas que garantam o saber verdadeiro.

O projeto de Descartes é inédito e agora bem mais abrangente, pois vai além de uma “*mathesis universalis*”,<sup>14</sup> do puramente matemático para uma dimensão ampla onde o conhecimento deverá ser reconstruído em seu todo.

---

<sup>14</sup> “Matemática universal”, “Ciência universal” – Determinante descoberta de Descartes que funciona como método para a Metafísica que nos faz demonstrar a existência de Deus. (cf. GAUKROGER, 2002, p. 124-141). Uma ciência geral capaz de explicar tudo o que diz respeito à quantidade e a ordem. O projeto *mathesis universalis* foi apresentado no sec. XVII – parte da filosofia racionalista encontrou na matematização das ciências. Mas, essa ideia remonta a Pitágoras e Platão na antiguidade. No sec. XV com o ressurgimento do Platonismo encontram-se fontes da *mathesis universalis* com Ficino, Nicolau de Cusa, Da Vinci, Copérnico... Para Descartes, a *mathesis*

Diz Valéry. (1954, p. 12):

Ao passar, porém, do estudo das letras para os da Lógica, da Física e da Metafísica, se viu chocado pela incerteza e obscuridade das doutrinas não menos que pela espantosa diversidade de opiniões: observava que nada havia, por mais estranho que fosse e por mais inacreditável, que não houvesse sido ensinado por qualquer filósofo.

Portanto, o dia é este, quando comentadores como Alquié e Cottingham, por exemplo, acreditam ser o momento em que Descartes sonha com o desígnio de elaborar um método. O argumento dos três sonhos acontece como marco fundamental em resposta às buscas empreendidas por Descartes. Num estado de delírio e de ansiedade nervosa, Descartes tem três sonhos seguidos que, para muitos, refletem a sua incessante busca por um projeto que fosse universal. Os dois primeiros parecem refletir a confusão interna vivida por ele, sua luta pessoal; enquanto o terceiro parece estar mais próximo de sua busca intelectual.

Depois de um dia cheio de meditação filosófica, Descartes sente que havia descoberto as bases do seu sistema filosófico e que os sonhos parecem provir do alto numa experiência espiritual. O primeiro, cheio de fantasmas assustadores, um vento forte que não conseguia deixá-lo ficar de pé. O segundo, um ruído alto e violento como um trovão, ele abre os olhos e vê muitas faíscas pelo quarto em um enorme clarão. Tudo passa e ele volta a dormir com uma considerável sensação de calma. O terceiro e último sonho tem uma tônica diferente dos dois primeiros, pois, não havia neste sonho nada de temor. Havia um primeiro livro que era um dicionário que, conforme sua interpretação, significava todas as ciências juntas. Já o segundo livro era de poesia, (*corpus poetarum*), abriu-o e encontrou o seguinte: “*Quo vitae sectabor iter*” (*Por que caminho na vida deverei seguir?*). Um homem que não conhecia deu-lhe um poema que começava com: “*Est et non*” (*Sim e Não*). Este livro é uma combinação da filosofia e da sabedoria, o *Sim e Não* de Pitágoras que simboliza a verdade e falsidade no conhecimento humano e nas ciências.

---

*universalis* não se limita ao domínio das ciências matemáticas, mas das outras ciências, na formação via direção pelo espírito de uma atitude que sustente ‘juízos sólidos e verdadeiros, sobretudo aquilo que a ele se apresenta’. (ROE – Regra 1). E Descartes chama as ciências matemáticas de “ciências admiráveis” e aspirava construir a filosofia à imagem da matemática. “A *mathesis universalis* se utiliza para designar um ideal de uma matéria universal que possibilita uma ciência também universal, e tendo na matemática o seu modelo na certeza dos argumentos.” (COTTINGHAM, 1993, p. 109).

É interessante perceber que os sonhos cartesianos estão cheios de significados que refletem a sua própria vivência na busca de bases firmes para erguer o conhecimento verdadeiro.

Para comentadores, como os já citados acima, os sonhos de Descartes representam um momento decisivo para sua filosofia, pois os estudiosos que tentaram decifrar os sonhos cartesianos concluem que mais que estudar, ele vive uma experiência muito íntima e pessoal. Descartes estava profundamente decepcionado com tudo que tinha visto e estudado no Colégio *La Flèche*, por isso, seu estado de ansiedade parece chegar ao ápice a partir da noite de 10 de novembro de 1619. Para Alquié (1956, p. 17) “O entusiasmo mágico dá lugar a confiança dentro da ciência pura, como do tipo matemática.”<sup>15</sup>

Esse acontecimento serviu para que Descartes pudesse criar um Método. De posse de um método simples, ele buscou por em ordem o que para ele representava o caos do conhecimento, a confusão de uma ciência que mais confundia do que explicava. Na sua visão, somente um método seria capaz de restabelecer a segurança e a verdade das coisas.

Foi com esse espírito que Descartes iniciou sua empreitada, seguindo um caminho seguro até a conquista das verdades do sujeito pensante e de Deus. Proposto o método por onde trilhar, o próximo passo será a investigação, a utilização do elemento metodológico: a dúvida. Esta será parte imprescindível no processo de superação das incertezas e enganos apresentados pelos sentidos.

O propósito do capítulo a seguir será o de mostrar o papel da dúvida metódica na descoberta do *Cogito*, o *eu pensante*, a primeira certeza na cadeia das descobertas do projeto cartesiano e este representará o elo que une todo texto.

---

<sup>15</sup> “L’enthousiasme magique fait place à la confiance dans la science pure, conçue comme de type mathématique”. (ALQUIÉ, 1956, p. 17 )



### 3 DA DÚVIDA METÓDICA AO COGITO<sup>16</sup>

Descartes é conhecido como o pai da filosofia moderna. Mas, como acontece com todo pai, há aceitações, rejeições e incompreensões. Por isso, a história jamais deixará de referenciá-lo e todos os que exercem a função da reflexão apurada e crítica tem como referência de alguma maneira, a filosofia de Descartes. De qualquer forma, ele jamais passará despercebido entre os homens de reflexão, conscientes, de que todo homem de bom senso aproveitará aquilo que o fez marco fundamental para a filosofia. Pode-se afirmar que a valiosa contribuição de Descartes para o progresso das ciências reside no fato dele querer fazer do conhecimento algo possível ser alcançado com a participação imprescindível do sujeito pensante. É partindo da dúvida que se chegará, segundo ele, ao sujeito que pensa, encontrando aí a primeira verdade. Depois dele e de outros pensadores modernos, o homem passa a ter papel importante nessa construção.

Descartes sairá, portanto, em busca de um fundamento de certeza onde possa aportar, e que seja capaz de resistir a tudo, até mesmo a astúcia de um *deus enganador*.

E o sistema cartesiano é uma reação contra a filosofia escolástica que dominava a Europa do século XVII. A relação não amistosa de Descartes com a

---

<sup>16</sup> O *Cogito ergo sum*, ou *Je pense donc je suis*, o *Penso, logo existo* que aparece na IV parte do *Discurso do Método* tão conhecido na filosofia cartesiana como descoberta da primeira certeza não é, portanto, o ápice de tudo, primeiro princípio da filosofia a iniciar uma cadeia de razões que nos levará ao Ser Perfeito tratado no pensamento de Descartes, fundamento de seu sistema. E não representa, também, um silogismo lógico, o “logo” antes da existência é somente uma ligação da frase. Nas *Meditações Metafísicas* não aparece dessa forma, mas, *Eu sou, Eu existo (Dubito, ergo sum)* o “*fallor ergo sum*”, o “*engano-me*” dito por Santo Agostinho na obra *De civitate Dei*, XI 26. A tradução portuguesa da Calouste Gulbenkian *A Cidade de Deus* Lv X 26, p. 1051-1052, segundo Agostinho em seu argumento do “engano-me” assim existo por ser eu que me engano respondendo então, aos Acadêmicos que perguntavam: “Que será se enganares?” Ao que responde: “Pois, se me enganar, existo. Realmente, quem não existe de modo nenhum se pode enganar. Por isso, se me engano é porque existo. Porque, portanto, existo se me engano, como poderei enganar-me sobre se existo, quando é certo que existo quando me engano? Por conseguinte, como seria eu quem se enganaria, mesmo que me engane não há dúvida de que não me engano nisto: - que conheço que existo. Mas a consequência é que não me engano mesmo nisto: - que conheço que me conheço. De facto, assim como conheço isso mesmo: - que me conheço.” Percebe-se, então, onde Descartes busca a origem do seu *Cogito* como primeira certeza e consciência do *eu penso*, daí existo o que torna importante descoberta para se provar a existência de Deus. Eneias Forlin em seu livro *O papel da dúvida metafísica no processo de constituição do cogito*,(2004) afirma em sua introdução a diferença apontada da tese da dúvida e até a inexistência desta no *Discurso*. E que do *Cogito* do *Discurso* para as *Meditações* existe diferença a que a maioria dos comentadores de Descartes são adeptos embora ele questione dizendo que “... não existe realmente dúvida metafísica no *Discurso*? Mais que isso, ela vai contra a possibilidade mesma dessa tese: é possível instaurar o *cogito* sem passar pela dúvida metafísica?”(p. 10).

escolástica, especialmente com o pensamento aristotélico, ainda tão forte, é o puro poder e autoridade que exercia o aristotelismo no referido século. Toda uma concepção de mundo e de relação com ele reina com muito vigor nesse tempo. É cercado pela insegurança desse conhecimento herdado da tradição que ele, Descartes, procurará a primeira verdade a que se apegar, antes, porém, será preciso duvidar de tudo que está ao seu redor.

No dizer do próprio Descartes em uma passagem na primeira Meditação (MM I, 1973, p. 93§2) que “[...] o menor motivo de dúvida que eu neles encontrar bastará para me levar a rejeitar todas”. Era assim, com olhar crítico, que ele procura (re)construir todo o saber. Nesse contexto é que o pensamento de Descartes irá sendo formatado, mergulhando na realidade de um mundo das ciências que se encontra imerso na desordem. Assim, o pensamento de Descartes cria o debate quando submete seus escritos à crítica das *Objeções*<sup>17</sup> e das *Respostas*<sup>18</sup> tornando a obra mais rica sem esquecer de que seus escritos são próprios para serem não apenas lidos, mas refletidos e meditados. É uma espécie de contemplação feita a partir da razão que busca fomentar um pensar verdadeiro no sentido de evitar confusões àquele que o pratica. E na relação entre o exercício do pensar e a realidade, talvez possa a razão mostrar que o pensar faz a pessoa ser. O pensamento de Descartes é fruto de sua experiência de vida vivida na intensidade de seu recolhimento, nas buscas por respostas novas frente a uma realidade de incertezas. Por isso, autores como Alquié (1969, p. 19), o chamam de “o meditador” e diz que “os escritos cartesianos... são de um homem de ciência e de um meditativo”.

. A partir deste capítulo se verá o tratado da *dúvida metódica* conforme Descartes a constrói, suas características, passando pelos argumentos dos *sentidos*, dos *sonhos* e na hipótese do *gênio maligno* como formas de estender ao máximo a

<sup>17</sup> As *Objeções* se constituem num conjunto de objeções feitas por vários intelectuais da época de Descartes que reuniram essas questões para contestar os escritos de as *Meditações Metafísicas*. Dentre as que mais nos interessam estão: As primeiras feitas por Johannes Caterus que tece críticas às provas cartesianas da existência de Deus; as segundas reunidas por Mersenne sobre questões do Círculo; e por fim, as terceiras objeções desferidas por Hobbes que critica a teoria da mente e a ideia de Deus, pois para ele, “... não temos uma ideia supra-sensível de Deus, mas sob este nome reuniu-se todas as limitações empíricas que, estas sim, podem ser ideias”. Descartes contraria esta concepção, pois para ele o que é percebido de imediato são as ideias, portanto, estas são questões que ao longo de nosso texto necessitamos sempre retornar ou referir-se a elas.

<sup>18</sup> As *Respostas* elaboradas por Descartes para responder às *Objeções* dirigidas aos seus escritos, especialmente às *Meditações Metafísicas*.

dúvida, a *superação do ceticismo* até chegar à primeira certeza: o *Cogito*, o *eu* enquanto sujeito pensante, descoberta importante para as provas da existência de Deus.

### 3.1 A DÚVIDA HIPERBÓLICA

O século XVII marca o mundo por se apresentar como uma parte importante da história com novos olhares, todos eles voltados à dimensão pluricultural dos acontecimentos que estão fluindo na vida humana por todas as partes do mundo conhecido da época. Um mundo recém “saído” ou ainda envolto nos resquícios de uma visão formatada na antiguidade e dogmatizada da Idade Média, tendo por base o pensamento aristotélico-tomista, articulada pela maestria de um “arquiteto”, espécie de demiurgo a reger com “harmonia” o cosmos, onde tudo funcionava a partir de uma inspiração desse pensamento estático sob os olhares distantes do homem, assim se apresentava o mundo em que viveu Descartes.

É nesse contexto de ares já oxigenados pela permanente busca de emancipação do homem, da inquietude das várias correntes científicas existentes, da confusão reinante sob fortes resquícios dos ensinamentos da escolástica que René Descartes parte como iniciador desta nova visão, após ter viajado pelo mundo através dos textos antigos e pela meditação feita. Ele percebe a urgente necessidade de se empreender um projeto que, partindo de si e de seus pensamentos, pudesse servir a todos quantos quisessem. Isso está bem claro quando ele, logo no princípio do *Discurso*, escreve para aqueles homens de bom senso que estarão abertos à busca do conhecimento e à distinção do vero e do falso para melhor conduzir a própria razão e se manter num caminho reto, sem se desviar dele. Assim, Descartes cria para si o seu próprio caminho, para bem conduzir sua razão, mostra que outras pessoas poderão ser guiadas pela razão que está em cada um.

Descartes procura estabelecer uma tarefa de poder edificar a ciência a partir da dúvida, isto é, ele empreende uma busca incessante pela certeza das coisas utilizando-se do exercício de duvidar sempre de tudo para poder, então, chegar à verdade do conhecimento, isento da menor mácula de incerteza. O interesse cartesiano é, em primeira instância, a indubitabilidade. Daí, duas possibilidades

existirão perante a dúvida: 1) Poderá cair em ceticismo ou 2) descubra algo novo com base sólida e impossível de ser colocada em dúvida, o “eu pensante” que se constitui como a nova base indubitável que servirá para a construção de toda sua filosofia. A dúvida mais radical, estendida ao máximo, permite fugir do erro para obtenção da clareza e evidência, e poder chegar à verdade na ciência. Dessa dúvida hiperbólica surge a primeira certeza inabalável: a de que *sou eu que penso* e, assim, *existo*. E isto se constitui numa primeira verdade. Toda a teoria cartesiana fomenta-se em torno do sujeito – o *eu pensante* – que pela intuição chega ao conhecimento mais seguro. Por isso, Descartes duvida de tudo, exceto de que ele próprio existe, porque é um ser de razão, um ser que pensa. O que realmente é aceito é aquilo que é possibilitado pelo *cogito*, pela razão. Para que se conheça bem as coisas, será necessário que eu desconfie de toda e qualquer verdade a mim apresentada. A desconfiança é sinal de procura, a fim de que o conhecimento adquirido passe sempre pelo crivo da reflexão apurada antes de ser uma verdade acabada e pronta sem arestas de análises. Como deverá ser toda a filosofia, o pensamento cartesiano é muito especial em se tratando desse cuidado com o propósito de se produzir um conhecimento eficaz e seguro contra a desordem estabelecida. Agora, colocará todo esse conhecimento transmitido à prova. É o fazer filosófico que Descartes propõe tendo em primeiro plano, a desconfiança a ser considerada, no seu dizer, (DM I, 1973, p. 37) “com um olhar de filósofo”. Descartes chega a uma conclusão que gerará a partir daí o itinerário de toda sua filosofia, a importância de duvidar de tudo, não por um capricho apenas de duvidar como já o faziam os cétricos de sua época.

Porém, o faz após conhecer os caminhos que nortearam a sua própria formação no Colégio Jesuíta de La Flèche, sob uma visão da escolástica. Tendo visto e experimentado a grande diversidade em que estava vivenciando o mundo de então, Descartes olha para essa diversidade de pessoas, de saberes, de cultura e se pergunta como a filosofia poderia ajudar com o entendimento, e já bem mais amadurecido nessa empreitada parece pensar na filosofia antiga em que se aguardava atingir a maturidade filosófica, a *akmé* dos antigos, antes de lançar mão do seu pensamento.<sup>19</sup> Para salvaguardar das grandes ilusões, Descartes pensa em

---

<sup>19</sup> Para Descartes, a maturidade intelectual parece ter acontecido a partir da famosa noite dos sonhos de novembro de 1619. Ali parece iluminá-lo na perseguição por uma filosofia verdadeira, livre dos enganos postados da antiguidade até a idade média. Além disso, encontra-se no princípio das *Meditações* que seu propósito é ter maior consciência de seu pensamento quando afirma que

criar um bloqueio a fim de parar toda uma onda que faz o homem tomar por verdade o que realmente é falso. E isso só será possível tendo-se encontrado uma “primeira verdade indubitável.” A partir dela seria, por dedução, possível garantir novas verdades delas decorrentes. Encontrar tal forma, tal verdade indubitável, era o problema a ser enfrentado. É o que irá se perseguir a partir de agora.

Entenda-se qual é a insatisfação de Descartes e sua crítica contra Aristóteles e os ensinamentos na escolástica. Aristóteles havia estabelecido várias substâncias, e o que ele define por substância é tudo aquilo que existe em si e por si, não dependendo, portanto, de outra coisa. O que dependente de outrem é o imperfeito que aspira à perfeição. O Deus aristotélico é imóvel, causa não causada e que existe a partir dele.

Para Aristóteles, Deus é aquele que nunca muda, imóvel, causa não causada e que criou, fazendo o universo apoiar-se na forma hierárquica do mundo, que existe com seus corpos, astros e planetas. Essa perfeição, causa primeira de tudo, anima e movimenta os corpos do universo numa harmonia perfeita. Na física moderna, toda esta visão desmorona com a descoberta do movimento da terra girando em torno do sol. As ideias de Aristóteles parecem não mais responder a questões deste novo mundo que o homem desvendara. Um exemplo claro são as quatro causas defendidas pelo estagirita: material, formal, eficiente e final, pois, apenas a causa eficiente terá o espaço garantido na filosofia moderna.

A dúvida é fundamental no sistema cartesiano, tudo aquilo que, por acaso, tiver qualquer suspeita de inconsistência, de imediato deverá ser afastado, com isso, vale ressaltar que Descartes não está falando em questões que remetam a conteúdos de fé. Todo esse tratado encontra-se em outra perspectiva: a do conhecimento natural, humano. As questões de fé estão no plano da revelação e do sobrenatural o que não faz parte das preocupações de Descartes pelo menos nesse momento.

Para Descartes, a dúvida funciona como um caminho que conduz ao conhecimento científico verdadeiro. Com isso, ele crê estar contribuindo para a evolução do saber isento das máculas do que é, de fato, apenas ilusório e falso. Se a dúvida cartesiana funciona como um “meio” ou “método” como atesta seus

---

“...aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela...” (MM III, 1973, p. 93§1)

escritos, pode-se perguntar: que razões ele aponta para que se tenha a dúvida como método? Descartes responderá que é devido aos juízos das coisas que são muito precipitados. Emitem conclusões preconceituosas e de forma aparente. O costume leva a inferir que o que se vê é toda a realidade o que na verdade não é, pensa o filósofo.

É um erro, para Descartes, apegar-se aos sentidos, pois estes nos enganam sempre. Será preciso apuração profunda das coisas que se deparam, como seu objetivo maior é ter um conhecimento que seja verdadeiro diferente dos conhecimentos que ora são oferecidos por virem carregados desses preconceitos impregnados em si mesmos. Falta um critério seguro capaz de garantir a distinção entre estar dormindo ou acordado. Pois, mesmo quando se utiliza da exatidão que parece ter a matemática, mesmo assim, esta poderá também enganar-se.

### 3.2 A FORMAÇÃO E AS ETAPAS DA DÚVIDA

A dúvida é o fundamento do método e a maior meta deste é alcançar a certeza. Existe todo um contexto em relação à dúvida que deixou sua maior marca porque Descartes a fez importante para seu sistema. Por isso, ela se torna o ponto de partida da filosofia de Descartes que inicia a primeira *Meditação* (1973, p. 93§1) dizendo:

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisessem estabelecer algo de firme de constante nas ciências.

Vê-se nesta passagem das *Meditações* que o propósito de Descartes passa por sua pretensão de desfazer de tudo que recebera em sua formação como verdade de conhecimento, demolir e erguer num caminho totalmente novo, assentado em novas bases todo o saber a fim de estabelecer com firmeza toda a ciência. É claro que inicialmente Descartes ainda não estabelece nenhuma certeza ou verdade. Seu objetivo é desfazer-se das antigas opiniões que recebera e que

agora prepara, através da dúvida metódica, o caminho para chegar à verdade. Souza (1996, p.166) afirma que:

... parte do sujeito a decisão de duvidar, e o que se põe em dúvida é sempre um conteúdo, ao passo que o puro pensar é conteúdo de si mesmo. É esta coincidência exatamente o que torna o *cogito* - verdade subjetiva – parâmetro para o critério de ideia clara e distinta. Desta forma, não só o *cogito*, mas todas as verdades claras e distintas passam a ser admitidas como verdadeiras, desde que não situadas fora do âmbito do pensamento.

Na dúvida como ponto de partida, é claro que Descartes tem uma responsabilidade de fazê-la progredir e, enfim, poder dar ao mundo o resultado de sua pesquisa que será a firmeza quanto ao conhecimento. A convicção de duvidar de tudo como início em busca desta certeza tem que ser uma atitude a partir do sujeito, de maneira pessoal nesse primeiro momento, refletindo e meditando para descobrir os passos que o conduzem à verdade. Embora Descartes tenha abordado a questão da dúvida, é comum para estudiosos e comentadores como Alquié (1969) e Cottingham (1986) apontarem que a dúvida do *Discurso* não é a mesma das *Meditações*,<sup>20</sup> porém, as duas formas não distanciam do nosso objeto das provas da existência de Deus. A dúvida que é apresentada na IV parte do *Discurso* tem caráter científico enquanto a dúvida nas *Meditações* é ontológica como fica bem evidente quando lemos as duas obras citadas. Silva (2005, p. 33) diz:

Ao examinar o papel da dúvida no *Discurso do Método*, não devemos esquecer que esse texto foi escrito para ser um prefácio a ensaios científicos [...]. Nesse sentido, o problema geral da realidade das coisas e das ideias não ocupa o primeiro plano.

As obras as quais se refere este comentador são *a Dióptrica*, *a Geometria* e os *Meteoros*, as quais eram introduzidas pelo *Discurso* que acabou tendo maior repercussão do que estas obras. Porém, o mais importante é que se consiga

---

<sup>20</sup> Do *Discurso* para as *Meditações* além da diferença de tempo, nessa última, para Descartes a dúvida funciona de forma mais geral e não mais apenas com relação às matemáticas. Eneias Forlin em seu livro *O papel da dúvida metafísica no processo de constituição do cogito*, afirma em sua introdução a diferença apontada da dúvida metafísica do *Discurso* para as *Meditações* a que a maioria dos comentadores de Descartes são adeptos, conforme já se tem apontado no rodapé da página 46 do presente texto.

sempre ter presente o caráter de cada dúvida mesmo tendo único objetivo: produzir conhecimentos seguros.

Para Silva (2005), pelo fato de a necessidade da dúvida ser metódica é que se pode compreender que ela se estende para além do questionamento dos ensinamentos devidos à tradição, que, ainda segundo Silva, (2005), “é preciso que a dúvida atinja também os conhecimentos matemáticos.” Ora, a matemática tinha a confiança de Descartes e é modelo para sua ciência nova, cujo método é inspirado no dos geômetras. Mas, até a matemática passará pelo crivo da dúvida.

A dúvida como método funciona como este elemento cuja importância passa a ser fundamental, embora ela servirá de caminho provisório dentro do método cartesiano rumo às especulações em que se busca a verdade. Portanto, a dúvida não pode ser algo mais importante do que a certeza, ela é preciosa enquanto se investiga as coisas. Para Descartes, primeiro foi preciso descobrir o método, e a dúvida passa a ser elemento principal que estará presente em cada passo investigado. Em segundo lugar, não é tão importante saber quem se situa antes ou depois, pois, tanto uma como a outra, na verdade, possuem caráter de dependência, daí ser conhecida por *dúvida metódica*.

### **3.2.1 O Argumento do erro dos sentidos**

Para Descartes, os sentidos sempre nos enganam. Não podemos confiar neles, pois sua realidade é somente aparente. A dúvida sistemática tem o sentido de ser um caminho que leva, após sua superação, a alcançar com segurança o conhecimento verdadeiro. Desta forma, explica-se que toda a rejeição de Descartes às crenças e ensinamentos da tradição é a preocupação em conduzir a mente humana para “longe dos sentidos”, e, unicamente poder chegar à verdade através da luz da razão. (MM I, 1973, p. 93-4 § 3):

Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.



Aqui se percebe que Descartes está convicto de seu racionalismo que fortalece a confiança na reconstrução da ciência, mesmo sendo alvo de críticos que não estavam convencidos, como mostra Cottingham (1995, p. 79) de que “a confiabilidade do intelecto seja maior do que os sentidos”. Descartes foi atacado por defender esta concepção, particularmente por Hobbes.<sup>21</sup>

Aperfeiçoando cada vez mais um método que lhe revele a verdade, ele agora trabalha com a dúvida, (DM IV, 1973, p. 54) e diz que “[...] quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões, que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis.” Partindo desse ponto, ele julga necessário fazer o contrário, rejeitar as coisas que tragam dúvida, a fim de verificar se ao final resta algo de indubitável.

Depois de seguir alguns princípios, que outros formularam, de aceitar e rejeitar opiniões, Descartes conclui que até mesmo “os nossos sentidos nos enganam” (DM, 1973, IV, p. 54), também os nossos pensamentos, no sentido de que acordados ou dormindo eles podem acontecer, dessa forma “resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos” (DM, 1973, IV, p. 54).

Dessa forma, somente a razão tem o poder de corrigir as distorções causadas pelos sentidos, pois estes, no dizer de Cottingham (1986, p. 52) “só nos fornecem, assim, dados para o raciocínio;” enquanto “a razão ou intelecto é necessário para julgar.” Portanto, Descartes radicalizará seu argumento, como resposta aos críticos, de que os sentidos de forma isolada não têm condições de correção dos erros que são apresentados através da visão. É preciso, então, a ação do intelecto para que se adquira a confiança no conhecimento verdadeiro. Esse argumento cartesiano, tal como aparece no princípio das *Meditações Metafísicas*, é importante por se tratar de um elemento determinante para descoberta do *eu*, do sujeito pensante, condição essencial do pensamento para as provas da existência de Deus como veremos no último capítulo.

O fato é que, se muitas vezes os sentidos enganam, produzindo percepções equivocadas, e que, portanto, as coisas podem não ser como parecem, leva Descartes a concluir que o mundo exterior pode não ser como parece.

---

<sup>21</sup> Nas *Terceiras objeções* tece críticas a Descartes quanto à teoria da mente e a explicação para a ideia de Deus.

Não tendo indicadores claros que lhe permitam distinguir as impressões que se têm quando acordado das que lhe acontecem quando dorme, ele considera possível que as percepções obtidas enquanto se dorme sejam totalmente ilusórias e que as coisas ao seu redor, incluindo o seu próprio corpo, podem não ser como se veem, no entanto, para ele o que não se pode negar é que as coisas representadas durante o sono são, no mínimo, representações de coisas reais.

### 3.2.2 O Argumento dos sonhos

Na tentativa de abalar o sustentáculo de suas crenças adquiridas ao longo da vida, Descartes utiliza-se do argumento dos sonhos, através do qual constata não haver nada que diferencie a vigília do sono, como escreveu no início da *Meditação I* (MM I, 1973, p. 94 §4):

Devo aqui considerar que sou homem e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro do meu leito? [...] Mas, pensando cuidadosamente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestadamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: o meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo.

Porém, Descartes não nega que os sonhos sejam “amplamente diferentes” da vigília na *Meditação VI*, (1973, p. 150 § 42) “... estou inteiramente certo de que as percebo em vigília e de modo algum em sonho.” Como apresentam seus críticos, (COTTINGHAM, 1995, p. 146), o que não desfaz seu pensamento “de que o meditador não dispõe de um teste capaz de fornecer uma garantia lógica total de que seja real aquilo que ele agora experimenta (em oposição a um sonho).” Na *Meditação primeira* (§4-9), aqui está colocado o segundo grau da dúvida em que: “... as coisas que nos são representadas durante o sono são como quadros e pinturas, que não podem ser formados senão à semelhança de algo real e verdadeiro.”

O intuito desses argumentos criados por Descartes é testar ainda mais o seu conhecimento, ver se, na verdade, está consolidado em bases sólidas. Segundo ele, o argumento dos sonhos, é que a crença no mundo das coisas “externas”, o que está posto em nossa frente, à percepção sensorial, merece que se coloque em dúvida. Para Alquié (1969, p. 69) “[...] o argumento do sonho, que me faz duvidar de se estou acordado ou a dormir, varre simultaneamente as qualidades sensíveis e a existência da coisa”.

### 3.2.3 O *deus enganador* e o *gênio maligno*<sup>22</sup>

A criação de um *deus enganador* ou *gênio maligno* é uma criação, diga-se, invenção cartesiana visando mais ainda a fazer com que a dúvida possa ir além dos limites do sensível e torne-se um elemento capaz de, ao ser superado, fazer com que a certeza tenha toda clareza e evidência de ser. A figura do *deus enganador* introduzido por Descartes, possui importante papel nas *Meditações*, trata-se de um ser astuto e muito poderoso que poderá nos enganar sempre. A radicalização dessa dúvida permite somente construir em bases sólidas todo o meu conhecimento. Afirma ele: (MM I, 1973, p. 96§12) “Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo *gênio maligno*, não menos artiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me.” Descartes supõe, então que a ficção é a sua arte de buscar da forma mais completa e radical fazer com que a dúvida esteja a preencher tudo. Com a introdução do argumento do *gênio maligno*, Descartes põe em xeque até os conhecimentos que ele acreditava ser evidentes e seguros como o conhecimento das matemáticas. Mesmo assim, terá que se submeter a mais uma prova de fogo, resistir aos

---

<sup>22</sup> Tanto o *deus enganador* quanto o *gênio maligno* possuem a mesma função nessa criação de Descartes. Tem função de fazer com que não se esqueça da importância da dúvida e que ela agora passa a ser universalizada. Porém, o *gênio maligno* com seu artifício psicológico que impressiona minha imaginação a fim de levar-me a tomar a dúvida mais a sério para que esta fique melhor impregnada em minha memória. Importante observação levanta o prof. Juan A. Bonacinni ao afirmar que: “... um homem de ciência como Descartes esteja preocupado em erigir uma metafísica e fundamentá-la de modo último como a base de todas as ciências *na existência de Deus*.” (itálico grifo nosso). Essa questão tem razão de nos fazer questionar sempre sem se deixar de olhar o contexto vivido de condenações e daí Descartes buscará fundamentos capazes de serem aceitos. (Explora-se esta questão mais adiante, no terceiro capítulo que tratará propriamente deste fundamento). Já Raul Landim Filho em seu livro *Evidência e verdade no sistema cartesiano*, (1992, p. 107) diz que o *gênio maligno* possui uma função: “ela é uma razão, por assim dizer, metafísica de duvidar, pois parece pôr em questão a razão humana como faculdade de conhecimentos verdadeiros.” E essa dúvida está presente na *Meditação I*.

caprichos de um *deus enganador* que mesmo sabendo que existe-se realmente, teima em continuar a fazer-se acreditar que não se é. Portanto, Descartes (MM II, 1973, p. 100) argumenta:

Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e de ter por constante que esta proposição, *eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.

Uma das diferenças entre o *Discurso para as Meditações*, Descartes acresce o *gênio maligno* no desenvolvimento da dúvida, importante criação cartesiana de uma figura muito astuta e poderosa e que tem suscitado muitos debates. Mas, a interpretação muito bem aceita é a de Alquié (1969) que alega ser um artifício usado por Descartes para chamar a atenção de que a dúvida é provisória e tem por meta a verdade.<sup>23</sup>, e o intuito era o de prolongar a dúvida para colher resultados profícuos para o conhecimento.

No entender de Cottingham (1995, p. 72) o *gênio maligno* é:

... um elemento artificial introduzido para auxiliar o meditador a persistir na suspensão de suas confortáveis crenças habituais. No que tange a seu escopo, a trama do gênio não vem impugnar qualquer crença que já não tenha sido posta em dúvida por argumentos prévios; em vez disso, ela reforça meu empenho em concentrar-me nas dúvidas que já foram estabelecidas.

Uma suposição ou ficção de um *gênio* criada por Descartes para que passe sob o crivo mais ainda criterioso da dúvida. A esperteza de um ser que possa

---

<sup>23</sup> A figura do *gênio maligno* criada por Descartes tem por objetivo estender ao máximo a dúvida, segundo Alquié (1969, p. 65) “A dúvida é um processo para chegar à afirmação, é uma dúvida metódica”.

confirmar e conduzir cada vez mais longe as dúvidas já estabelecidas e outras que poderão vir a surgir, com a finalidade de prolongar a dúvida que o prepare para a certeza. Cottingham (1995, p. 72) continua:

O *gênio maligno* representa a dúvida extrema ou ‘hiperbólica’, levada a seu limite último; sua aparição prepara o terreno, portanto, para Descartes chegar a seu ‘ponto arquimediano’ – a certeza do meditador quanto a sua própria existência, que sobrevive a todos os esforços do gênio para enganar de todas as maneiras possíveis.

Para se entender mais essa ideia de criação cartesiana, Alquié (1969, p. 65) sustenta que a hipótese do *gênio maligno* é puramente filosófica e “[...] puramente metodológica” para que Descartes reforce ainda mais o mecanismo de se duvidar e esta ser superada com o mais nítido da certeza que é o ponto de chegada. É a dúvida levada ao seu extremo, por isso, é chamada de hiperbólica. O Deus apresentado na primeira *Meditação* que tudo pode é colocado como sendo enganador. Bonaccini (2004, p. 1) diz:

... o ponto de partida somente pode ser a dúvida que abarque a falta de certeza tanto do conhecimento sensível quanto do racional, a qual se concretiza na hipótese de uma ignorância e uma certeza absolutas, grau zero de certeza e conhecimento, plasmada na suposição de um gênio maligno que me engane o tempo todo.<sup>24</sup>

Ou seja: enquanto perdurarem dúvidas e enganamentos não há como ter a posse da certeza que fundamenta o conhecimento verdadeiro. Por isso, Descartes enfrentará o maior problema a partir da *terceira Meditação* que será a de eliminar essa hipótese de incerteza absoluta, no caso aqui do *gênio maligno*.

Além da representação trazida na imagem do *gênio maligno* ela se pretende ser total quando envolve qualquer possibilidade, seja sensível ou racional.

Descartes necessita dessa ficção do *deus enganador ou gênio maligno*, como uma hipótese que vise sempre à solução do problema do conhecimento. Afirma Silva (2004, p. 35):

---

<sup>24</sup> BONACCINI, J. A. **Descartes, entre deus e o diabo...** (Breve consideração sobre a estratégia cartesiana para conquistar a certeza da ciência nas *Meditationes*). Revista eletrônica Criticanarede. 2004, p. 01. Acesso em 02 de dezembro de 2010, às 23h46.

... a ficção do *deus enganador* ou do *gênio maligno* é necessária. Será também legítima? Se repararmos no caráter metódico da dúvida verificaremos que a suposição cartesiana tem a função de uma hipótese de que lançamos mão para melhor formular um problema visando à sua solução. A inspiração matemática do método aparece aqui de maneira nítida. Assim como o astrônomo supõe linhas de uma figura para melhor trabalhar com ela, assim também o filósofo lança mão de uma ficção que lhe permite *prolongar* a dúvida a fim de que o *problema do conhecimento* venha a ser inteiramente formulado, para que se possa resolvê-lo a partir de uma visão total de todos os seus termos.

O que interessa para Descartes é muito mais fazer com que se esteja livre de todas as possibilidades do engano e, por isso, cria os vários argumentos que permite encontrar a verdade. É prolongar a dúvida enquanto puder a fim de resolver a questão do conhecimento que ele persegue.

### 3.3 SUPERANDO OS CÉTICOS

Por utilizar-se da dúvida metódica para adquirir um conhecimento certo, Descartes recebeu inúmeras críticas como a de ser ateu e cético... O que poderá se dizer é que seu legado em relação à dúvida o credencia como forte combatente aos céticos da modernidade o que abriu grandes discussões às quais ele não esteve alheio. Toda citação sobre a questão da dúvida feita por vários autores da modernidade, obrigatoriamente tem que se referir-se Descartes. Com isso, percebe-se que não se pode dissociar que a dúvida, especialmente a hiperbólica, está ligada ao próprio Descartes.

É pertinente observar que o objetivo principal do ceticismo é a dúvida das coisas postas à sua frente e de maneira incisiva elevada ao grau de “suspensão dos juízos.”

Para os céticos, a dúvida era o único caminho para se ter uma atitude coerente diante da quantidade de opiniões contraditórias, bem como diante dos erros reinantes do conhecimento sensível. Então, era muito próxima a ideia de que Descartes fosse confundido como sendo cético. Em certo sentido, ele se aproxima de muitos deles quando se utiliza dos mesmos argumentos, com a diferença de que o objetivo que Descartes tem, é claro: o alcance da verdade. Ele até retoma muitos dos argumentos postos pelos céticos acadêmicos, como também, recebeu forte

influência de Michel Montaigne no século XVI. Porém, Descartes se distinguirá de todos eles, conforme afirma Silva (2005, p. 41):

Descartes se distingue dos céticos acadêmicos na medida em que não julga que a certeza seja impossível de atingir. Para ele, a matemática é a prova de que a razão humana é compatível com a verdade. O projeto de reconstrução do saber só tem sentido a partir da convicção de que o intelecto humano é capaz de atingir a verdade.

Descartes não utiliza a dúvida apenas para constatar que não é possível atingir a verdade. Para ele, a dúvida é metódica (e metodológica), possui caráter provisório e tende ao objetivo de encontrar a verdade. O cético suspende os juízos por não acreditar que a verdade esteja ao alcance de ninguém. É a dúvida pela dúvida, pois, segundo argumentam, que ao homem é impossível o conhecimento. Diferentemente, a postura de Descartes, é que a dúvida é instrumento, método, meio para se chegar a um ponto a ser alcançado. Tem caráter purificador das mazelas das incertezas, rumo ao conhecimento verdadeiro. Ele, (DM III, 1973, p. 52) diz:

...efetuando particular reflexão, em cada matéria, sobre o que podia torná-la suspeita e dar ocasião de nos equivocarmos, desenraizava, entretantes, do meu espírito todos os erros que até então nele se houvessem insinuado. Não que imitasse, para tanto, os céticos, que duvidam apenas por duvidar e afetam ser sempre irresolutos: pois, ao contrário, todo o meu intuito tendia tão somente a me certificar e remover a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha ou a argila.

Note-se aqui que Descartes está de toda forma tentando se livrar dos erros que estão arraigados na vida desde o princípio do entendimento, de tudo que se recebe durante todo o tempo em que se é educado nos saberes transmitidos pela tradição. Nessa empreitada de procurar a verdade nas ciências, Descartes contesta o ceticismo ressurgido na modernidade<sup>25</sup>, por se apresentar irresoluto sem perspectivas de chegar à certeza das coisas. A dúvida que Descartes apresenta vai

---

<sup>25</sup> Pode-se destacar aqui a forte influência de Montaigne exercida sobre o pensamento cartesiano. Em sua obra *Ensaíos* "... a característica mais marcante é antes o exercício da dúvida que a enumeração das certezas."

além da simples radicalização dela própria, diferente da dúvida exercida entre os céticos. Ele a utiliza como importante instrumento para elaboração científica. Por isso, Gaukroger (2002, p. 382) ao comentar o papel da dúvida e dos céticos, diz:

Dado o papel do ceticismo e da dúvida epistemológica no pensamento maduro de Descartes, é importante apreciarmos as diferenças entre a dúvida antiga e a cartesiana, sobretudo uma vez que elas foram amplamente obscurecidas na literatura sobre a história do ceticismo. A dúvida cartesiana tem sido tratada, simplesmente, com uma versão radical de um projeto tradicional, quando, na verdade, ela é muito diferente do pirronismo.

Não se percebe de maneira evidente como o projeto pirrônico seria executado, apenas na possibilidade de uma dúvida relativista. O pirronismo, segundo Gaukroger (2002, p.383) tem o papel de questionar “a capacidade de escolher entre aparências diferentes e, talvez, conflitantes. O objetivo desse exercício era mostrar que as condições para distinguir a percepção verídica e inverídica nunca podem ser satisfeitas”. Para os céticos pirrônicos, há um objetivo evidente em sua busca: a suspensão dos juízos<sup>26</sup> a tranquilidade e imperturbabilidade do espírito através de uma viagem intelectual. Assim, Gaukroger (2002, p. 384):

O projeto pirrônico baseia-se na existência de um conflito de opiniões que não admite resolução. O conflito de opiniões leva à suspensão do juízo, e essa suspensão do juízo, quando realizada a contento, leva o pirrônico ao estado de tranqüilidade que ele busca.

Está bem claro a diferença do tipo de dúvida que há entre o ceticismo pirrônico e Descartes. Comentando sobre isso, Gaukroger (2002, p. 417), diz que:

Ao introduzir o ceticismo, Descartes usa o método pirrônico tradicional. O cético deixa que seu oponente faça uma asserção de conhecimento e, em seguida, mostra que a asserção não atende aos requisitos de conhecimento do próprio oponente, evidenciando que não existe a justificação necessária para ela.

---

<sup>26</sup> Segundo Gaukroger (2002, p. 383) a suspensão dos juízos, a chamada *ataraxia* ou *apatheia* proposta pelos céticos é a “isenção de perturbações, a tranquilidade – alcançada através de uma ‘viagem’ intelectual”.



E por isso, ao percorrer os passos desse método cético, Descartes o fará perceber que existe algo além do próprio duvidar das coisas. E usa as próprias armas dos céticos contra eles mesmos. Gaukroger (2002, p. 417) continua:

Mas Descartes vira a mesa e usa esse método contra o próprio cético. Para ser cético, antes de mais nada, o sujeito tem que se empenhar na dúvida cética, e Descartes usa a existência dessa dúvida para mostrar ao cético que, afinal, existe algo de que ele não pode duvidar, a saber, o fato de estar duvidando.

Entende-se que Descartes não é cético como muitas vezes o quiseram enquadrá-lo. Sabiamente toma emprestado o caminho da dúvida usado pelos céticos com um objetivo a ser alcançado. Ele não está buscando uma *ataraxia*, uma suspensão do juízo apenas, procura sim, desvendar toda falsidade a que submeteram o saber e prova a possibilidade do conhecimento a partir do *Cogito*. Com isso, vai além do ceticismo vigente, superando-o.

### 3.4 A DÚVIDA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A dúvida cartesiana possui algumas características que lhes são peculiares: Ela é *metódica* enquanto busca um conhecimento seguro. Silva (2005, p. 35) “A geração da certeza a partir da dúvida é que dá a dúvida o seu caráter *metódico*”. É claro que a busca cartesiana é pela certeza, porém, de acordo com este argumento, antes é preciso percorrer da dúvida. Ela é *provisória* e por isso diferente da dos céticos. Tem caráter momentâneo por ser componente de um método cujo objetivo é encontrar a verdade, é obter conhecimento verdadeiro. É também chamada de *hiperbólica* por ser exagerada. Essa característica faz com que a dúvida se estenda ao máximo e assim purifique o conhecimento, levando à verdade como objetivo final. Não deixa que nada permaneça na velha estrutura, tudo será demolido para que se erga uma outra e nova estrutura em bases novas, portanto, é chamada de *universal*, por perpassar todo o conhecimento. Desce à raiz de todo o saber, não permitindo atuar somente na superfície sendo, portanto, *radical*. Por fim, funciona como uma espécie de *catarse* que purifica e liberta dos erros, que incide em nosso pensamento.

É com tais características que Descartes pretende apresentar ao mundo um novo rumo para um conhecimento seguro, uma nova ciência superando o que até agora a tradição tinha como algo imutável e seguro. A dúvida pelo seu caminho metodológico coloca-se no rumo a que se propõe nesta pesquisa, qual seja: chegar aos argumentos das provas da existência de Deus que Descartes mostrará como fundamento de sua filosofia. O caminho seguro que Descartes está propondo surge da necessidade de (re)construção do conhecimento que terá razão de ser em Deus que garante com que o seu sistema encontre-se bem sustentado por ele ser a causa e razão maior da existência de todas as coisas, inclusive da existência do *eu pensante*. Portanto, o centro da metafísica cartesiana “é provar a existência de Deus cuja ideia o espírito possui em si mesmo”. (GUENANCIA, 1991, p. 91). Por isso, faz-se este percurso para chegar ao fundamento maior do pensamento cartesiano que é Deus.

#### **3.4.1 Da dúvida hiperbólica ao *Cogito***

A dúvida estendida que se chama de hiperbólica servirá para mostrar a intenção de Descartes de radicalizar e colocar num extremo até que se busque uma saída. É esta dúvida extrema que conduzirá através da razão a uma primeira verdade, onde não pode mais haver desconfiança ou incerteza. E mesmo que a dúvida insista em permanecer, mesmo assim, não se poderá duvidar de que pelo menos existe aquele que está a duvidar. Chegou-se à primeira certeza: O *Cogito* cartesiano, o sujeito que pensa. Eis aqui a principal contribuição dada por Descartes ao pensamento filosófico moderno, encontrando o fundamento para o conhecimento seguro, e para refutar o argumento cético e o pensamento desordenado com o intuito de chegar a Deus e garantir a segurança do sistema que propõe.

É a partir do *Discurso do Método* que se inicia a noção de *Cogito*. A radicalização da dúvida através do método leva à metafísica e ao próprio *Cogito*. O *Cogito* tem a função de correção dos preconceitos que se recebe durante a vida, os quais poderão agora ser eliminados. A dúvida tem a missão de separar o certo do errado, demolir o saber antigo e reconstruir todo um sistema do Conhecimento, daí é que Descartes usa a metáfora da construção do novo edifício do saber, desde o alicerce, como fundamento firme para uma sólida e profícua ciência. A partir do *Cogito* vê-se que Descartes se apega ao princípio filosófico o qual procurava há

muito tempo. Estando ele cercado por tantos erros era preciso existir algo que o levasse a dizer se é verdadeiro e certo, (DM IV, 1973, p. 54) conforme comprova a seguir:

... enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que eu procurava.

Como já vimos no primeiro capítulo (p. 29), Descartes tinha grande desejo de criar um sistema total do mundo, uma Ciência Universal á luz da matemática. (cf. também a pág. 44). Ele revela que esta não foi posta no lugar que merece como ciência capaz de delinear as demais. Seu plano era criar uma enciclopédia que pudesse conter todo o conhecimento humano calcado sob a nova visão da realidade. Daí é que Silva (2005, p. 28) lembra que, "... é duvidoso que gerações diferentes ao longo de séculos tenham seguido o mesmo método, e é isso que faz com que a ciência não tenha sido mais que um mero acúmulo de opiniões."

### **3.4.2 A importância do *Cogito* para o sistema cartesiano**

O fundamento do conhecimento cartesiano está na certeza que se pode ter sem que a menor dúvida a possa abalar, e tudo terá que ser varrido, demolido no terreno das ciências enquanto não estiver absolutamente possuído de certeza. Com esse propósito, Descartes fomentará toda uma cadeia de raciocínios que o levarão ao objetivo da verdade. Depois de procurar qualquer sinal ou mácula de incerteza nas coisas, ele chega ao *Cogito*, (*je pense donc je suis*), a consciência de que ele não poderia deixar de existir enquanto exerce o pensar. Descartes (DM, 1973, IV, p. 55) toma "por *regra geral* que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras..." isto faz com que este critério de clareza e distinção permita encontrar o conhecimento verdadeiro. Tendo encontrado o sujeito enquanto *eu pensante*, esta é uma certeza que une o pensar e o existir. E, Pensamento e

existência, o *penso logo existo* pode ter sido antecipado por Agostinho,<sup>27</sup> porém, é com Descartes que ela toma sentido e força dentro da filosofia moderna. Essa descoberta do pensar e existir terá muita importância para toda sua epistemologia e sua metafísica. E para a metafísica, a importância do “eu que pensa é uma substância imaterial sem nenhum elemento corpóreo” como afirma Cottingham (2009, p. 173). Sua certeza, a propósito desta ideia, com relação ao pensamento e à existência e incerteza em relação a seu corpo, remete à temática que irá estar presente em todo o seu sistema: o dualismo. A filosofia de Descartes é considerada dualista<sup>28</sup>, por tratar de um lado da substância espiritual, da essência do homem, marcada pelo pensamento puro. Por outro lado, trata da substância corporal, capaz de receber diversas figuras e movimentos de Corpo e Mente. Descartes, portanto, mesmo apontando uma separação entre essas duas realidades presentes no ser humano (DM IV, 1973, p. 54), afirma que:

... examinando com atenção o que eu era, e vendo que podia supor que não tinha corpo algum e que não havia qualquer mundo, ou qualquer lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas seguia-se mui evidente e mui certamente que eu existia; [...]

É o pensamento, o eu pensante que faz com que esta primeira certeza possibilite ir superando a dúvida avassaladora e encontrar a segurança que procura para a nova filosofia como nova maneira de conceber o conhecimento. A partir desta primeira certeza encontrada, o projeto cartesiano estará se definindo na primazia do intelecto, da razão para chegar à verdade da existência de Deus fundamento primordial dessa filosofia. Então, reconhecer a separação e até a inexistência do corpo o que não significa que também possa não existir como ser, reforçando a ideia de uma supremacia da razão, essa como única capaz de se obter a verdade.

Mesmo admitindo a possibilidade de não ter corpo, Descartes prova mais uma vez que o fato de pensar é que lhe garante existir. Reconhece ser uma substância

---

<sup>27</sup> *De Trinitate*, Lv X, Cap. 10. (Já exposto esta origem do *Cogito* em Agostinho no rodapé da página 46 de nosso texto).

<sup>28</sup> O dualismo cartesiano remonta em suas origens a Platão quando divide o mundo: ideias e o sensível. De acordo com Cottingham (1995, p. 55), “... há dois tipos de substância, mente (ou substância pensante) e corpo (ou substância extensa), cujas naturezas são radicalmente opostas.” Há, portanto, uma substância pensante (*res cogitans*) e uma substância corpórea (*res extensa*).

que pensa, é porta em sua independência de lugar, coisa material. E Descartes deixa claro que o pensar é inerente ao ser da razão e esse não pode reproduzir-se no espaço dos sentidos, que além de serem enganosos não possuem a dimensão que tem o intelecto. É por este caminho, pensa Descartes, que o sujeito alcança a certeza que tanto busca e garante estar seguro das coisas que o cercam. Seguindo o mesmo raciocínio, Descartes (DM IV, 1973, p. 55) prossegue:

... compreendi por aí que era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo que é.

Note-se que Descartes não deixa de ser fiel ao seu racionalismo, pois a certeza que tem ele do pensamento pode garantir sua existência e deixa claro que ao superar tudo que pudesse vir a ter qualquer sombra de dúvida, sobra somente a razão a garantir a eliminação das incertezas<sup>29</sup>. Dormindo ou acordado a razão não poderá ser alterada. Observando em várias obras como o *Discurso*, as *Meditações* nos *Princípios* e *Busca da Verdade* percebe-se de maneira firme esse dualismo entre corpo e mente defendido por Descartes. Mostra que ele está certo de seu pensamento e logo de sua existência, mas, não tem a mesma certeza do seu corpo.

Ressaltar a importância dessa afirmação da certeza de seu pensamento e sua existência, “*o Penso, logo existo*”, vai além de sua filosofia tendo que ser levado a cabo por ser constante na sua forma de elaboração de seu projeto. Essa ideia, além de ser central, é a base de toda sua filosofia. É onde surgem todos os problemas e é o elo que permite uma junção de todo sistema cartesiano. Pensar faz o homem ser na concepção de Descartes, tornando-o peça fundamental no contexto do mundo moderno. Sua intervenção, no meio em que vive, e com ele, o mundo converge para elaborar o que seria a ciência, ou melhor, a nova ciência.

O tema da dúvida já era conhecido na época de Descartes, porém, com ele passa a ser marca forte dentro de seu sistema com pretensões de revolução no conhecimento científico. Francis Bacon, já em 1620, em seu famoso *Novum*

---

<sup>29</sup> A Razão garante a eliminação das incertezas, e a ideia de Deus conforme aparecerá nos argumentos que provam a existência Dele passam a garantir o conhecimento certo e seguro dentro do sistema cartesiano.

*Organum* mostra seu projeto de renovação das ciências, aponta para uma dúvida física, assim, como os céticos propuseram a prática da dúvida tão conhecida e combatida por Descartes.

### 3.5 O *COGITO* – EU PENSANTE

Vimos que Descartes, na busca pela verdade nas ciências, inicia pelo método capaz de levá-lo a descobertas importantes que darão sentido ao seu pensamento, e, com esses passos dados agora, no dizer dele, encontrou a primeira certeza: a de que sendo o *eu* que está a pensar sobre todas as coisas, não se poderá não ser. Portanto, a descoberta do sujeito pensante, autor do ato de estar pensando, é a verdade indubitável que se torna o principal fundamento de seu pensamento até este momento. O que se vê, então, será a forma de como ele concebe o *cogito* a partir do qual o conduzirá com firmeza, superando a dúvida e tendo como verdade primeira, a certeza de que o *eu pensante* não poderá ser motivo de dúvida.

#### 3.5.1 A descoberta da primeira certeza

Na busca pela clareza e distinção das coisas, a construção de um caminho efetivado a partir da dúvida metódica rumo à verdade nas ciências, faz com que Descartes chegue a uma descoberta que lhe valerá muitas discussões, mas, que ele terá como a primeira certeza depois de ter passado por tantas dúvidas e incertezas. Até o momento, tudo tinha sido posto pelo critério devastador da dúvida. Os sentidos enganam, agora, pois, será preciso que o *eu*, autor do pensamento, não poderá não ser. E pensando, poderá até duvidar de tudo, mas de uma coisa jamais se poderá ter dúvidas: que o autor do pensamento é o *eu*. É o ato de pensar que duvida de tudo. No instante mesmo em que se está a duvidar, surge a primeira certeza: “sou eu quem duvido”.

É claro que Descartes pensa ao argumentar sobre esta primeira certeza, o *Cogito*, princípio filosófico a que procurava. A verdade do *Cogito* não permite abalos frente aos argumentos dos céticos. Percebe-se que a descoberta da primeira certeza proporciona a Descartes, através do *cogito*, atingir também àquela que é a base de

todo o seu sistema: Deus. Como? Através de uma análise do sujeito pensante que possui em si a consciência e a ideia de Deus.

Com isso, Descartes vai além do ceticismo vigente, superando-o. O *Cogito* será a primeira certeza descoberta tendo a consciência da existência de seu eu. O sujeito pensante buscará o fundamento para si e para todas as coisas: Deus. Descartes acredita que a única coisa que está completamente no poder são os “pensamentos” (*res cogitans*), assim, as outras coisas que se encontram exteriormente ao pensamento não são de total domínio, nisso se inclui as riquezas, bens, a fortuna. Daí o princípio que se usa para vencer a si e depois a fortuna, pois estando estes fora de nós, fora de nosso domínio não há razão para se lamentar sua ausência. Ele reconhece que é necessário um longo exercício da mente para se chegar a tal, mas por sua vez também admite que é possível ser feliz dessa maneira, pois para ele não convém que o homem venha a lamentar-se pelo que não tem, pelo que é exterior a ele (*res extensa*). O homem tem total domínio de seus pensamentos, logo, pode dominá-los suficientemente para não desejar aquilo que não tem, e ser feliz com o que lhe pertence.

Assim, Descartes busca conhecer todas as ocupações que são possíveis ao homem exercer, mas, não encontra nada que lhe traga maior satisfação que sua própria ocupação, ou seja, continuar cultivando sua própria razão, buscando o conhecimento da verdade.

As regras usadas por ele na construção de uma moral<sup>30</sup> lhe servem para continuar buscando o conhecimento, pois lhe parece inútil contentar-se apenas com as opiniões de outros, obviamente há aqueles momentos em que as opiniões dos mais sensatos são aceitas, mas sua busca consiste em sempre encontrar outras melhores, isto quando houver.

O seu objetivo é, dessa forma, examinar o fundamento que existe para as várias categorias de crenças que possui. Se o fundamento de toda uma categoria de crenças pode ser questionado, as crenças baseadas nesse fundamento não podem ser tidas como inteiramente certas. Pode até ser que as crenças sejam verdadeiras, mas é também possível que sejam falsas, e, se é possível que sejam falsas, elas não podem ser consideradas indubitáveis. É possível que ao encontrar fundamentos

---

<sup>30</sup> DM III, 1973, p. 49-52 Descartes descreve sobre as regras de uma moral provisória e criada para si na terceira parte do *Discurso*.

certos e indubitáveis para suas crenças, ele possa voltar a aceitar algumas das crenças abandonadas e mostrar que são verdadeiras. Por enquanto, porém, ele as colocará de lado como suspeitas e indignas de credibilidade.

Que os estudos matemáticos foram altamente necessários para a elaboração do método cartesiano não resta dúvida, porém, seu pensamento para se chegar ao conhecimento da verdade ultrapassa os limites matemáticos. Sobre seu pensamento se pode concluir como diz Cottingham (1986, p. 194):

Que a filosofia deveria começar voltando a mente para o interior de si própria é talvez o traço mais característico de pensamento de Descartes, e a sua manifestação mais conhecida é obviamente o *Cogito* – a apreensão inicial da sua própria existência pela mente.

O *cogito*, é algo tão real que é aceito por Descartes (DM IV, 1973, p. 54) como o “primeiro princípio da Filosofia”<sup>31</sup> pode-se dizer que, em meio a tantas dúvidas e incertezas, Descartes encontra algo em que se pode confiar: sua existência, enquanto ser pensante.

E dessa maneira, ele tem uma certeza indubitável, a de que realmente é uma coisa pensante, e de muitas coisas se podia duvidar, não obstante não podia duvidar de que ele que duvidava era algo verdadeiro. Descartes apud Silva reforça este pensamento (MM II, 1973, p. 100§4) “Não há, pois, dúvida alguma de que eu sou [...], enquanto eu pensar ser alguma coisa”, mesmo que seja iludido e enganado.

Ele tem a certeza de que é algo, mesmo que ignore coisas como seu próprio corpo, ele não pode deixar de existir no mundo enquanto pensar que exista, assim, (DM IV, 1973, p. 55) conclui que é,

...uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo que é.

---

<sup>31</sup> Mais adiante em nosso texto, especificamente quando se tratará deste princípio na ordem das razões: *Ratio cognoscendi* (Razão para conhecer) e *ratio essendi* (Razão de ser). Cf. p. 79 de nosso texto.



Descartes irá conduzir, então, seu raciocínio em busca da segunda certeza em sua filosofia, pois, a primeira evidência foi a descoberta do *eu* pensante. Mesmo assim, esse ser, por ser finito buscará no Ser mais perfeito do que o *eu* encontrado a sua real causa: O Ser Perfeito. Para a filosofia cartesiana, Deus representa a certeza e a garantia de que o conhecimento agora se encontra confiável, por este Ser infinito é fazer com que tudo exista por sua causa. Então, a primeira certeza, o *cogito*, a garantia de que *eu* existo, permite inaugurar a partir desta descoberta cartesiana: uma cadeia de razões até chegar a Deus.

### 3.5.2 O contra-argumento do pedaço da cera

O pensamento cartesiano se apresenta de forma dualista<sup>32</sup> onde de um lado tem-se o corpo, do outro, a mente e a possibilidade de um existir sem o outro. No homem essas duas substâncias são unidas, porém, delimitadas, propondo um dualismo radical oposto à consubstancialidade<sup>33</sup> difundida pela escolástica de Tomás de Aquino. Seguindo essa mesma visão dicotômica, ele afasta a imaginação do pensamento, ou seja: a imaginação é separada da alma (mente) por esta primeira estar ligada aos órgãos corporais, restrita aos sentidos. O eu sou uma ‘coisa pensante’ (*res cogitans*), isto é, antes de qualquer coisa “eu sou, eu existo”. Esse ‘eu’ (ce moi) pelo qual *eu* sou, será portanto, a primeira certeza, ponto de partida da metafísica de Descartes, daí se poderá apreender a natureza da imaginação e que as coisas advindas como os sonhos, são apenas ilusões por virem do corpo. Por esse raciocínio pode-se dizer que tudo que existe, inclusive a imaginação está dependente da verdade primeira, a de que “eu sou uma coisa pensante”. Daí dizer (MM II, 1973, p. 103-4, § 10) que:

Mas não me posso impedir de crer que as coisas corpóreas, cujas imagens se formam pelo meu pensamento, e que se apresentam aos

---

<sup>32</sup> (Cf. explicação de rodapé da página 68 de nosso texto sobre a concepção dualista de Descartes). Uma das questões mais referendadas em nossos dias é quanto à visão cartesiana por promover a separação das realidades de um mundo, claro, sem se esquecer que isto já é posto por Platão muito antes ao dividir o mundo das ideias e o mundo sensível. Em Descartes a questão é posta a partir da separação corpo e mente (*res extensa e res cogitans*), encontrada ao longo de suas obras e explorada por todos os estudiosos do pensamento dele, fato em que se baseia a presente pesquisa, e especialmente no *DM* e *MM* e obras de: COTTINGHAM, 1996, p.161-165; 1995, p.55-6; 2009, p.285-309. RODIS-LEWIS, 1982, p.65-76; GAUKROGER, 1999, p.474-481; LEOPOLDO E SILVA, 2005, na introdução;

<sup>33</sup> Conceito cristológico numa profissão de fé instituído no Concílio de Nicéia 325 d.C. que estabelece a divindade Cristo em união à mesma substância do Pai.

sentidos, sejam mais distintamente conhecidas do que essa não sei que parte de mim mesmo que não se apresenta à imaginação: embora, com efeito, seja uma coisa bastante estranha que coisas que considero duvidosas e distantes sejam mais claras e mais facilmente conhecidas por mim do que aquelas que são verdadeiras e certas e que pertencem à minha própria natureza.

A imaginação apresenta-se no estado daquilo que se faz cometer os erros: Sensações como olfato, o tato, a visão etc... São ligadas ao corpo humano e não estão no estágio da razão, mas, propensas ao erro, ao engano que está no fingir o que é diferente do conhecimento do *eu* mesmo. É evidente para Descartes a importância da imaginação, porém, o entendimento é o que pode ser colocado no nível bem superior. Isso está claro quando Cottingham (1995, p. 83) apresenta um trecho escrito por Descartes a Mersenne em julho de 1641, o qual diz que “tudo que concebemos sem uma imagem é uma ideia da mente pura (*une idée du pur esprit*), e tudo que concebemos como uma imagem é uma ideia da imaginação.” Pode-se até imaginar, porém, só se imagina por que antes de tudo se é. É a partir dessa consciência que se poderá entender o quanto as imagens são falsas e enganosas. Descartes ilustra seu raciocínio com o exemplo do pedaço de cera, (MM II, 1973, p. 104 § 11) afirma:

... por exemplo, este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia: ele não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são patentes; é duro, é frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. Enfim, todas as coisas que podem distintamente fazer conhecer um corpo encontram-se neste. Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor exala-se, o odor se esvai, sua cor se modifica, sua figura se altera, sua grandeza aumenta, ele torna-se líquido, esquenta-se, mal o podemos tocar e, embora nela batamos, nenhum som produzirá.

Descartes faz a distinção entre o que seja imaginação e o entendimento. A primeira é uma faculdade que me pertence, na medida em que sou um ser humano, possuidor de um corpo, a segunda é a faculdade puramente cognitiva. Diante disso, a imaginação é a aplicação cognitiva(mente) a um corpo existente. Apesar de considerar ter a imaginação como importante, ele a coloca num estágio inferior aquilo que é a verdadeira percepção do pensamento: o intelecto. (MM II, 1973, p. 105, § 13) diz:

Mas o que é de notar é que sua percepção, ou a ação pela qual é percebida, não é uma visão, nem um tatear, nem uma imaginação, e jamais o foi, embora assim o parecesse anteriormente, mas somente uma inspeção do espírito, que pode ser imperfeita e confusa, como era antes, ou clara e distinta, como é presentemente, conforme minha atenção se dirija mais ou menos às coisas que existem nela e das quais é composta.

O que se pode perceber é que para ele o entendimento é puramente cognitivo o qual poderia funcionar sem o corpo. Já a imaginação, ele demonstra ser totalmente o oposto, pois, é a “aplicação da faculdade cognitiva a um corpo”. (MM II, 1973, p. 105, § 13 ). Descartes deixa claro, na verdade, é que entre entendimento e imaginação, a segunda se acomoda no âmbito físico o que não se aplica ao “puramente mental” como é o caso do entendimento que perpassa os limites fisiológicos faz com que se possa entender perfeitamente um quiliógono (figura de um polígono regular com mil lados), não imaginar (visualizar) uma tal figura por não se poder tê-la de forma sensível a não ser de maneira muito confusa. “O que concebemos sem imagem é uma ideia da mente pura” diz Descartes em carta a Mersenne em 1641, porém, “o que concebemos com uma imagem é uma ideia da imaginação”. <sup>34</sup>O filósofo ainda afirma (MM II, 1973, p. 105 § 15):

...prefiro passar adiante e considerar se eu concebia com maior evidência e perfeição o que era a cera, quando a percebi inicialmente e acreditei conhecê-la por meio dos sentidos exteriores, ou ao menos por meio do senso comum, como o chamam, isto é, por meio do poder imaginativo, do que a concebo presentemente após ter examinado o que ela é e de que maneira pode ser conhecida.

Os sentidos enganam ao se imaginar que as coisas que se vê são verdades, pois, Descartes afirma que no início se acredita conhecer por meio deles aquilo que se apresenta à nossa visão.

Na segunda Meditação, como veremos a seguir, Descartes irá, pois, apresentar o argumento de que o que posso ver como objeto, nesse caso o pedaço de cera, e eu que estou a pensar não se pode concluir de que eu que penso não

---

<sup>34</sup> Carta à Mersenne 1641 (cf. COTTINGHAM, 1995, p. 83).

seja algo e mesmo que não seja cera pelo fato de pensar que a vejo, por eu entender que penso *eu sou* então, já existe algo: o sujeito pensante. Declara, então, Descartes (MM II, 1973, p.106§16):

Pois pode acontecer que aquilo que eu vejo não seja, de fato, cera; pode também dar-se que eu não tenha olhos para ver coisa alguma; mas não pode ocorrer, quando vejo (coisa que não mais distingo) quando penso ver, que eu, que penso, não seja alguma coisa. Do mesmo modo, se julgo que a cera existe, pelo fato de que a toco, seguir-se-á ainda a mesma coisa, ou seja, que eu sou; e se o julgo porque minha imaginação disso me persuade, ou por qualquer outra causa que seja, concluirei sempre a mesma coisa.

Assim, Descartes quer mostrar que o conhecimento realmente verdadeiro é aquele advindo do intelecto, de nossa razão. É pela “inspeção do espírito” que se pode perceber a distinção entre pensar (espírito) e imaginar (corpo). Essa inspeção afasta as imagens sensíveis. O *cogito* poderia, pois, estar ligado à possibilidade de existir, caso fosse afirmado pelos sentidos? Talvez, ‘sinto, logo existo’? Não seria bem mais evidente ir por essa via? Para um empirista, talvez, esse fosse o caminho mais provável. No caso do nosso autor, não. Para Descartes, o *cogito* parte da dimensão do pensamento, e é nesse ato de estar pensando que o sujeito tem consciência de existir, portanto, o ato mesmo de pensar permite àquele que se encontra no exercício deste pensar que se pode dizer mesmo que ele existe. E esse ato, para ele, não pode ser porque é pela razão que se é aquilo que se é como primeira descoberta. Os sentidos, diz Descartes, eles enganam sempre, por isso, não é possível crer neles e não é o caminho que ele escolheu, mas, a via digna de confiança é a razão. Assim, todo conhecimento advindo da experiência sensível corre o risco da superficialidade e não representa um saber confiável, estando, pois, no nível das opiniões que é muito inferior.

### 3.5.3 A ordem das razões: a *Ratio cognoscendi* e *Ratio essendi*<sup>35</sup>

Na busca pela ordem das razões, Descartes mostra na ideia que o saber tem limites grandes sobre a inteligência que persegue a certeza das coisas de forma a não restar-lhe sequer fragmentos de dúvidas e que é preciso duvidar de tudo, exceto que pela inteligência se terá a consciência de existir. E que nada se pode conhecer antes da inteligência, por isso, argumenta Gueroult (1968, p. 16) que: “o *cogito* é o primeiro dos conhecimentos, o espírito é mais fácil de conhecer do que o corpo, pois o espírito se conhece sem o corpo,...”<sup>36</sup>.

Como resolver a tensão em que se encontra entre o *cogito* como primeiro princípio na ordem das razões, a *Ratio Cognoscendi* (razão para conhecer) e de Deus como primeiro princípio na ordem das razões, a *Ratio Essendi* (razão de ser)? Porém, é sabido que o *cogito* não é o principal fundamento do pensamento cartesiano por encontrar-se como descoberta da primeira certeza, a evidência do sujeito pensante importante, pois, para a demonstração de Deus como fundamento que garante a estabilidade e a verdade, inclusive daquele que é autor do ato de pensar e da ideia que possui do próprio Deus. Mas, ao olhar-se o *cogito* como aquele que deverá ser instaurado bem anterior em sua forma subjetiva, até mesmo com esse entendimento de que sua descoberta é passo necessário para se chegar a Deus, então, nesse sentido, Deus não é o primeiro princípio dessa ordem. Isso se se pensar na ordem das razões do “*eu sou, eu existo*” das *Meditações Metafísicas* é uma verdade que não depende epistemologicamente de nenhuma outra, mesmo estando com a dúvida colocada pelo método como ausência de verdades. Assim, na ordem das razões realmente o primeiro princípio é independente de elementos que o fizessem ser o que é.

Essa independência se dá através do ponto de vista puramente epistemológico, é claro que não se está colocando em outro sentido a não ser este. Agora, olhando na dimensão ontológica, o *cogito* aparece como aquele que participa do Ser, pois, por ele não poder criar-se nem conservar-se a si próprio, depende,

<sup>35</sup> *Razão para conhecer* e *Razão de ser* como ordem das razões apresentadas por Martial Gueroult no vol. 1 de seu livro *Descartes selon l'ordre des raisons – l'ame et Dieu* que utilizei para compreensão dessa tensão entre o *Cogito* como primeiro princípio na razão do conhecimento e Deus como primeiro princípio na razão de ser.

<sup>36</sup> le *cogito* est la première des connaissances, l'esprit est plus aisé à connaître que le corps, car l'esprit se connaît sans le corps,...

portanto, ontologicamente da criação e conservação de Deus. Assim, Ibrahim (2007, p. 87) argumenta que se pode falar em primazia do *cogito* como autônomo na medida em que por si só chega-se ao conhecimento de si. Tal primazia, portanto, é apenas no campo epistemológico, pois, é nesse campo que ele se afirma como primeiro e como princípio. Por esse raciocínio, o conhecimento de Deus verdadeiro depende, na ordem das razões da antecedência do *cogito*.

No *cogito* há ordem das razões e tem duas verdades. Primeiro, da existência dotada de valor objetivo independe da garantia divina. Segundo, a verdade da natureza depende de uma garantia divina. É o que se chama de cisão do *cogito* apresentada por Gueroult.

Para tentar resolver esse impasse em que se encontra o *cogito*, Martial Gueroult em seu livro *Descartes selon l'ordre des raisons* apresenta uma análise de como é estabelecido, segundo ele, o primeiro princípio nessa ordem das razões, onde Descartes faz uma distinção das duas ordens: analítica e sintética. Tanto no *DM* quanto nas *MM* a ordem é analítica, já na exposição das *Segundas Respostas*<sup>37</sup> ou dos *Princípios*, a ordem será a sintética. Mas, sendo para se optar por entre essas duas ordens de acordo com Gueroult (1968, p. 22-3): “O próprio Descartes nos diz: é a ordem analítica. A demonstração sintética, com efeito, não é a ‘verdadeira via’...”<sup>38</sup> e acrescenta: “A via sintética, portanto, é sobretudo cômoda para apresentar o conjunto dos resultados já obtidos graças ao método da descoberta, de forma que o leitor o possa ‘compreender de um só golpe.’”<sup>39</sup> (*Tradução nossa*). Claro que seguindo a ordem das *Meditações* com ordem da análise é quase impossível separar da ordem da síntese. Essa confusão poderá ser logo dirimida por defender que as duas ordens são opostas. Assim, argumenta Gueroult (1968, p. 26):

...a ordem da análise é a ordem da invenção, aquela, portanto, da *ratio cognoscendi*; ela se determina segundo as exigências de nossa certeza; é o encadeamento das condições que a tornam possível. A ordem sintética é, ao contrário, aquela que se institui segundo os resultados da ciência; e esses resultados, é a verdade da coisa. É,

<sup>37</sup> Nas *Segundas Respostas* de Descartes às *Objeções* ele apresenta uma compreensão da **ordem** e da **análise** e **síntese**. (SR, 1973, p. 176-177).

<sup>38</sup> Descartes nous Le dit lui-même: c'est l'ordre analytique. La démonstration synthétique n'est pas, em effet, La 'vraie voie'...” (GUEROULT, 1968, p. 22-3).

<sup>39</sup> La voie synthétique est donc surtout commode pour presenter l'ensemble des resultants déjà obtenus Grace à la méthode de découverte de façon que Le lecteur puisse le 'comprendre tout d'un coup.' (Idem).

portanto, a ordem da *ratio essendi*, aquela segundo a qual se dispõem em si as coisas quanto a sua dependência real.<sup>40</sup>

Para Gueroult (1968), a ordem analítica que parte do conhecimento do *eu* como primeira certeza para o sujeito pensante (*cogito*) é o princípio primeiro que torna possível provar a existência de Deus. Ainda segundo ele, a linha que conduz esse raciocínio é aquele que parte indo do mais simples ao mais complexo, apresentando Deus como Aquele que faz parte dessa sequência da cadeia de conhecimentos. Quem, portanto, é o primeiro nessa ordem das razões? O *cogito* é o primeiro na ordem do conhecimento (*ratio cognoscendi*)- o *eu* como sujeito pensante; mas, na ordem da essência (*ratio essendi*), o primeiro é Deus. Porém, na construção efetiva para a verdadeira prova da existência de Deus, o processo de encadeamento das razões inicia-se no primeiro princípio da ordem do conhecimento, o *eu pensante* até a conquista da primeira verdade: Deus. Desse modo, não significa que um substitua o outro, porém, tem consciência dessa necessidade entre sujeito e a divindade. Claro, não devemos esquecer o que já dissemos ao longo deste texto sobre ambos, de que Deus é o fundamento e garantidor do sistema de Descartes. Sem Ele não há ciência e que a consciência do sujeito como existente é ponto inicial para a demonstração de Deus. Tanto o *cogito* quanto Deus, a ciência é constituída desses dois princípios fundamentais em níveis diferenciados de uma mesma natureza intelectual.

#### **3.5.4 Superação da dúvida e a certeza do *Cogito* rumo às provas da existência de Deus**

O caminho percorrido até aqui revela que para o pensamento cartesiano estabelecer um fundamento será necessário provar a existência de Deus não como uma confissão de fé, mas como aquele cuja perfeição colocada faz ver o verdadeiro conhecimento. O *eu*, sujeito pensante, primeira verdade.

A segunda certeza que agora tem é a ideia de um ser mais perfeito que ele, pois uma vez que ele duvida conseqüentemente é porque seu ser não é perfeito.

---

<sup>40</sup> ...l'ordre de l'analyse, c'est l'ordre de l'invention, donc celui de la *ratio cognoscendi*; il se détermine selon les exigences de notre certitude; il est l'enchaînement des conditions qui la rendent possible. L'ordre synthétique, c'est au contraire celui qui s'institue entre les résultats de la science; et ces résultats, c'est la vérité de la chose. Il est donc l'ordre de la *ratio essendi*, celui selon lequel se desposent em soi les choses quant à leur dépendance réelle. (Idem, p. 26)

Descartes expressa esse pensamento (DM, 1973, p. 55) ao dizer que “[...] meu ser não era totalmente perfeito, pois via claramente que o conhecer é perfeição maior do que o duvidar deliberei procurar de onde aprendera a pensar em algo mais perfeito do que eu era [...]”

De acordo com Descartes a ideia de um ser mais perfeito que ele, não poderia sair do nada ou dele mesmo, pois como poderia do nada sair alguma coisa? Assim o era com relação a sair dele mesmo, como poderia isso acontecer sendo ele um ser imperfeito?

Com relação à origem da ideia de um Ser Perfeito, Descartes acredita que existe um ser mais perfeito que ele, um ser do qual ele depende, e recebe tudo que tem, pois se fosse ele mesmo a fonte de toda perfeição, não teria negado a si as perfeições que se atribui a um Ser mais perfeito. Para ele, este Ser é Deus que possui em si todas as perfeições.

No próximo capítulo, o argumento fundamental que Descartes utiliza para provar a existência de Deus é o Princípio da Causalidade, que aparecerá nas duas primeiras provas, (*a posteriori*) onde pelos efeitos necessariamente há de se ter a causa, a mesma ou maior realidade que contem seu efeito. Já a terceira prova (*a priori*), ou Ontológica, o Ser Perfeito precisa existir a fim de garantir a verdade buscada por Descartes e todo o conhecimento. Existindo, como Deus será essa garantia de todo um sistema? Segundo Cottingham (1986, p. 105), “A resposta está na própria natureza temporária dos lampejos de intuição de que o pensador frui.” Nossa capacidade de atenção não é infinita, divaga-se, distrai-se sempre. Por isso, há uma necessidade de Deus, para Descartes, único que nos dá tal garantia e que permite (COTTINGHAM, 1986, p. 105) “fazer progressos que ultrapassam esses lampejos isolados da cognição e de construir um corpo sistemático de conhecimento.” Para Descartes, provar Deus torna-se necessário porque pode-se passar da mera cognição das coisas para o autêntico conhecimento.

É o que leva ao terceiro capítulo de nossa pesquisa que tratará das provas da existência de Deus e seu papel no projeto filosófico em Descartes.



#### 4 AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS<sup>41</sup>

Neste capítulo, analisaremos como Descartes apresenta as provas da existência de Deus, principalmente na *terceira Meditação*, com as provas *a posteriori* e na quinta Meditação, a prova *apriori*, denominada depois de Ontológica<sup>42</sup>.

A existência de Deus garante a veracidade de sua filosofia, convidando o leitor a meditar junto com ele por seu argumento racional, fazendo-o abstrair-se dos sentidos, superar a visão do que se apresenta para todos. Tem-se já a certeza da existência do *eu pensante*, carente da exterioridade pela certeza da existência de Deus. Nas duas primeiras provas que aparecem na terceira Meditação, a ideia de Deus presente no Sujeito pensante de forma inata é posta em todos por um Ser sumamente perfeito “é impossível que a ideia de Deus que em nós existe não tenha o próprio Deus por sua causa”. (Cf. Meditação III). Já a prova Ontológica que se vê na *quinta Meditação* demonstrada em novas razões, melhor explicitada nas *Respostas às Objeções*, o Ser de Deus no seu existir não pode ser separado de sua essência.

Depois de adotar a dúvida como método, caminho que conduz ao conhecimento da verdade, Descartes encontra a primeira certeza do *cogito*, entretanto, ainda falta o fundamento que possa legitimar seu pensamento. E isso só será possível num Ser que seja mais perfeito do que o *eu* imperfeito e limitado. Um Ser que seja causa de minha existência bem como da existência das demais coisas. Para López (1976), demonstrar a existência de Deus é questão central para a filosofia cartesiana que permite ser o sustentáculo de seu pensamento e sem ele seria impossível se chegar à verdade que procurava. Diz López, (1976, p. 37) “... a demonstração da existência de Deus, juntamente com a sua verdade, constitui uma exigência de salvação para o sistema filosófico de Descartes.”<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> As provas da existência de Deus desenvolvidas por Descartes serão trabalhadas neste capítulo a partir das *Meditações Metafísicas*, especialmente na terceira e quinta Meditação, além das *Objeções e Respostas*.

<sup>42</sup> Utilizam-se também outros textos de Descartes e comentadores como: Ferdinand Alquie, Cottingham, Guenancia, Guéroult, Beyssad, Rodis-Lewis, López, Landim Filho dentre outros. Inicia-se questionando qual a importância de Deus para o sistema cartesiano? Como Ele é a fonte e a garantia de todo o conhecimento? Procurando responder a estas questões é que se direciona a pesquisa deste capítulo.

<sup>43</sup> “...la demostración de la existencia de Dios, juntamente com a sua verdad, constituye una exigencia de salvación para el sistema filosófico de Descartes.”

A questão de Deus no pensamento cartesiano tem papel central, pois a validação do conhecimento no sistema de Descartes exige a demonstração de um Ser Perfeito a fim de que “o meditador passe do conhecimento subjetivo isolado de sua própria existência ao conhecimento de outras coisas.” (COTTINGHAM, 1995, p. 49). Logo, nas duas primeiras provas pode-se ver que elas parecem completar-se ou mesmo como afirmam alguns comentadores, embora essa não seja questão determinante, porém, pode-se citar o exemplo de Rodis-Lewis (1982, p. 39) que diz: “Elas repousam no princípio da causalidade: na primeira, o efeito considerado é a ideia de infinito; a segunda, mais concreta, apóia-se na existência do *eu* pensante, e na sua contingência”.

O movimento que vai do *eu*, do sujeito pensante para o mundo exterior encontra-se, portanto, nos argumentos que provam a existência e natureza de Deus como aparecem na terceira e quinta meditação. As provas da existência de Deus em Descartes possuem o caráter de garantia de seu sistema que, segundo Cottingham (1986, p. 105) argumenta que não se consegue manter a mente voltada para uma grande quantidade de proposições. Assim, o pensador divaga, pois a capacidade de atenção é limitada e finita e não se consegue prestar atenção a tantas coisas ao mesmo tempo.

Na verdade, com isso, têm-se apenas lampejos de cognição o que permite esse limite, por isso é estabelecida a existência de Deus que garante ultrapassar esses lampejos da cognição e então, constrói-se um corpo sistemático de conhecimento. É o caminho construído que vai da mera cognição para o verdadeiro saber, conhecimento autêntico enquanto ciência.

Com isso quer dizer que o Deus cartesiano não está submetido a nada no mundo, nem a paradigmas, nem a um modelo, ele está somente em conformidade com a ideia que se possui d’Ele.

No *Discurso* (1973, parte IV, p. 58) Descartes afirma:

... se não soubéssemos de modo algum que tudo quanto existe em nós de real e verdadeiro provém de um ser perfeito e infinito, por claras e distintas que fossem nossas ideias não teríamos qualquer razão que nos assegurasse que elas possuem a perfeição de serem verdadeiras.

Logo, essa mesma ideia foi Ele próprio que a pôs nos espíritos como registro, como a “marca do operário em sua obra”. É pelo espírito que se sabe pertencer a essência de Deus, como argumento de Guenancia (1991, p. 91) “... é sempre pela inspeção do meu espírito e sem sair de mim mesmo, cuja existência é a única que me é certa, que descubro essa ideia e, ao mesmo tempo, essa essência”.

O Deus cartesiano não é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus dos cristãos como aparece no Êxodo (Êx: 3, 16). Não! Como bem afirma Sorell (2004, p. 79): “[...] o Deus das *Meditações* está bem distante do Deus das Sagradas Escrituras.” E prossegue Sorell (2004, p. 79):

O Deus de Descartes é o ser que garante que pensamentos gerais sobre a matéria são verdadeiros. É o Deus de um físico, ou, melhor talvez, é o tipo de Deus requerido por uma filosofia anticética da física, que procura colocar fora de dúvida as leis gerais da física.

O Deus cartesiano que aparece nas *Meditações* está longe de ser o Deus das sagradas escrituras, é “alma” enquanto se pode denominá-lo de um tipo de mente. Para Sorell, as leis da física não estão em discordância com a metafísica, não há dúvida sobre elas e são dedutíveis por sua evidência quanto à natureza da matéria<sup>44</sup>. Descartes isenta qualquer possibilidade de dúvida quanto às leis gerais da física, ele é coerente com seu pensamento de que Deus é quem garante a explicação da matéria. E Sorell (2007, p. 79) diz: “O que é percebido de forma clara e distinta pela mente humana é verdadeiro.” Caso contrário, Deus não seria perfeito, e, portanto, não seria digno de garantia. Mas não, Deus é perfeito e sem defeitos, por isso, é que as ideias com clareza e distinção também devem ser perfeitas.

É preciso examinar se há um Deus e se ele pode ser enganador. Sem essas duas verdades, portanto, não se pode estar certo de nada, pois o caminho é feito de maneira gradativa, por ordem, como Descartes sugeriu nos princípios que estão no método, pela dúvida, dividindo os pensamentos para que esses encontrem a realidade verdadeira e segura das coisas. As dúvidas possuem o papel de fazer a

---

<sup>44</sup> Pode-se ver que Descartes apresenta ao longo da *VI Meditação Metafísica* sua visão sobre a existência das coisas materiais quando principia dizendo que “Só me resta agora examinar se existem coisas materiais: e certamente, ao menos, já sei que as pode haver, na medida em que são consideradas como objeto das demonstrações de Geometria, visto que, dessa maneira eu as concebo mui clara e distintamente.” Descartes admite a possibilidade da existência devido as ideias por ele concebidas como evidentes. Claro, demonstrando a distinção entre corpo e alma, a separação e a união como já se tem visto, da *res cogitans* da *res extensa* (cf. rodapé na página 68).

separação, o que é apresentado para o espírito, está na dimensão mental (*res cogitans*); e o que se apresenta como coisas é a (*res extensa*). De forma alguma Descartes nega que exista tal dicotomia, e que há coisas exteriores. Disso não se pode duvidar. Mas o espírito é o que permitirá conhecer as questões de metafísica. Para varrer toda a dúvida se procurará provar que há um Deus e que este não nos engana.

Qual é a origem dessa ideia de um Ser tão perfeito? Está em cada um a ideia de Ser infinito, onisciente, todo poderoso e infinitamente bom. A existência desse Ser perfeito é o que dá sentido ao existir, pois, como primeira certeza descoberta, o *eu*, sujeito pensante, não poderá ser fundamento de si. Esse fundamento encontra-se no que não se vê nem se percebe, uma existência contingente, não necessária, por isso, carece de um fundamento que faz “o eu” ser. Admite-se, assim, a existência de outro ser com qualidades superiores, a existência de Deus, este que fundamenta a própria existência. Por fim, trata-se da prova chamada de ontológica. Está no centro de toda reflexão metafísica de Descartes que apresenta as três demonstrações da existência de Deus a partir de um mesmo ponto: o *eu pensante*. Toda tentativa de Descartes é provar Deus, fundamento e garantia de seu sistema, sendo Ele, o Ser Perfeito, tem-se pelo menos a ideia desse Ser que é a causa das demais coisas. Assim, Guenancia (1991, p. 91) afirma que a busca cartesiana tem como “...fim principal, senão único, é provar a existência de Deus cuja ideia o espírito possui em si mesmo.” Portanto, provar a existência de Deus é para Descartes mais do que uma simples demonstração, mas, permitir que sua filosofia esteja apoiada em algo firme que para ele é Deus. Desse modo, em se tratando das duas primeiras provas que ele apresenta, Rodis-Lewis (1982, p. 39) diz que:

Elas repousam no princípio da causalidade: na primeira, o efeito considerado é a ideia de infinito; a segunda, mais concreta, apoia-se na existência do eu pensante, e na sua contingência. Mas eu não saberei dizer que a causa primeira é Deus, ‘se não tenho verdadeiramente a ideia de Deus.’

Na relação dessas duas primeiras provas que se verá a partir da seção seguinte, tem-se a evidência do desenvolvimento do que fala Rodis-Lewis sobre a

consciência do *eu* e da *ideia de Deus* em mim. Então, o pensamento de Deus está contido na existência de si e a realidade objetiva como única ideia.

Demonstrada a existência de Deus e a sua existência, não há mais enganos, nem gênio que engane, nem há dúvidas... Sabe-se que ele existe e não se engana. Se procura afirmar apenas ideias que são em si claras e evidentes para que se possa realmente encontrar o que desde o começo era o propósito de Descartes: chegar à verdade, não ter mais enganos por não estar afirmando ideias obscuras. A existência de Deus é o suporte, a garantia de que os objetos pensados por ideias claras e distintas são, na verdade, reais. Ou seja, possui realidade. Vejamos agora a primeira prova da existência de Deus.

#### 4.1 A PRIMEIRA PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS PELOS EFEITOS<sup>45</sup>

As coisas que antes eram duvidosas e incertas, agora dão lugar à evidência do Ser Perfeito que varre toda suspeita da dúvida prevalecendo a ideia de Deus que está no *eu*.

Na demonstração das provas da existência de Deus, observa-se que alguns comentadores divergirão, especialmente em se tratando das duas primeiras provas pelos efeitos. Existem muitas defesas de que essas provas são diferentes na sua forma de explicar, como por exemplo, para Guérout.<sup>46</sup> Outros, como John Cottingham que se utiliza em boa parte do texto no que diz respeito aos aspectos similares que aparecem em ambas as provas conseguem servir de suporte uma a outra fazendo com que se completem com maior brilhantismo. Mas isso é apenas para mostrar que existem essas concepções diferentes que mais enriquecem o pensamento cartesiano nesse debate.

A existência, de fato, de um Deus pela certeza de que nada pode vir do nada já é tão evidente no pensamento cartesiano, pois o nada não tem condições de criar

---

<sup>45</sup> A demonstração desta primeira prova encontra-se na *Terceira Meditação* (MM III, 1973, p. 115 § 22).

<sup>46</sup> No seu livro *Descartes selon l'ordre des raisons*, Martial Guérout diverge, por exemplo, de John Cottingham quanto à segunda prova, na qual Guérout (1968) defende que a segunda prova não é uma simples repetição ou explicação da primeira. Essa procurou colocar no centro a ideia que se tem do infinito como causa eficiente da ideia de perfeito que se possui. Quanto à segunda prova é Deus, de forma absoluta, em relação a nós e a Ele mesmo demonstrando então, ser causa de si. A concepção de causalidade em Descartes diverge da concepção dos antigos e de medievos como no caso de Tomás de Aquino. Para Descartes, Deus é causa de tudo, inclusive de si próprio, diferente da ideia de que Deus não é causado.

um ser perfeito, isto já é uma compreensão herdada da tradição que veremos ao longo das defesas cartesianas das provas da existência de Deus. Para melhor entendimento de tais demonstrações, García López (1976, p. 79-80) em seu livro *El conocimiento de Dios en Descartes* apresenta um esquema para cada prova da existência de Deus das *Meditações*. O ponto de partida passando pelo processo de demonstração e, por fim, a conclusão encontra-se no seguinte esquema dessa primeira prova:

*Ponto de partida.* Existe em nós a ideia de Deus, quer dizer, a ideia de um ser infinitamente perfeito, a qual contém uma realidade objetiva infinita.

*Processo de demonstração.* Porém a realidade objetiva de uma ideia só pode ser causada, em última análise, por um ser no qual esta mesma ideia exista formal e eminentemente, e portanto, a realidade objetiva da ideia de Deus só pode ser causada, em última análise, por Deus mesmo.

*Término da prova.* Logo, Deus existe, ou seja, o ser infinitamente perfeito.<sup>47</sup>

O esquema apresentado por López ajuda-nos a perceber o caráter metafísico das provas da existência de Deus nas *Meditações Metafísicas*. Para tanto, tenta-se explicar na seção a seguir o valor objetivo das ideias, sobre as quais Descartes se coloca no nível do senso comum no que diz respeito a sua classificação, quando (MM III, 1973, p. 109§10) afirma: “Ora, destas ideias, umas me parecem ter nascido comigo...” para, a partir daqui, iniciar sua crítica da classificação dessas ideias segundo o senso comum e dos preconceitos em que ela implica. Eis o primeiro passo deste caminho de investigação.

Esse método de investigação, em sua obra *Meditações Metafísicas* parte da dúvida metódica que questiona toda forma de conhecimento adquirida a partir de informações recebidas pelos sentidos e percepções. Com isso, ele tenta encontrar exclusivamente na própria razão o único conhecimento livre das distorções impostas pela experiência, sobre o qual todos os conhecimentos verdadeiros serão fundados.

---

<sup>47</sup> “a) *Punto de partida.* Existe en nosotros la idea de Dios, es decir, la Idea de un ser infinitamente perfecto, la cual contiene una realidad objetiva infinita. b) *Proceso de la demostración.* Pero la realidad objetiva de una Idea sólo puede ser causada en último término por un ser en el que esa misma realidad exista formal o eminentemente, y por tanto, la realidad objetiva de la Idea de Dios sólo puede en último término por Dios mismo. c) *Término de la prueba.* Luego existe Dios, es decir, el ser infinitamente perfecto”. (LÓPEZ, J. G. *El conocimiento de Dios en Descartes*. 1976, p. 79-80).

Meditando sozinho, Descartes faz a experiência de se saber que é uma coisa que pensa.

Logo no começo da *Terceira Meditação*, Descartes (MM III, 1973, p. 107, § 1) em seu exercício meditativo nos apresenta o seguinte:

Fecharei agora os olhos, tamparei meus ouvidos, desviarei-me de todos os meus sentidos, apagarei mesmo de meu pensamento todas as imagens de coisas corporais, ou, ao menos, uma vez que mal se pode fazê-lo, reputá-las-ei como vãs e como falsas; e assim entretendo-me apenas comigo mesmo e considerando meu interior empreenderei tornar-me pouco a pouco mais conhecido e mais familiar a mim mesmo. Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que nega, que conhece poucas coisas, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente. Pois como notei acima, conquanto as coisas que sinto e imagino não sejam absolutamente nada fora de mim e nelas mesmas, estou entretanto, certo de que essas maneiras de pensar, que chamo sentimentos e imaginações, somente na medida em que são maneiras de pensar, residem e se encontram certamente em mim. E nesse pouco que acabo de dizer, creio ter relatado tudo o que sei verdadeiramente, ou pelo menos, tudo o que até aqui notei que sabia.

Com estas palavras, Descartes enuncia a regra geral de clareza e distinção. O “*cogito ergo sum*” - *Penso, logo existo*, traz consigo as características dessa regra. No *IV Discurso* (1973, p. 55) ele diz que o *Cogito* pelo menos uma verdade da existência do eu pensante, “... julguei poder tomar por regra geral que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras...” e nas *Meditações* passam a apresentar de forma universalizada o critério de clareza e distinção pela refutação na hipótese de um *deus enganador*.

Para as provas da existência de Deus, Descartes prioriza nesta descoberta a existência das ideias e depois analisa a relação que porventura exista entre estas e as coisas. Segundo Landim Filho (1992, p. 62), no que concerne à teoria das ideias, Descartes promove uma ruptura de seu pensamento com a visão da escolástica.<sup>48</sup>

Deixando de lado todo o conhecimento adquirido por meio dos sentidos, desligando-se de todas as coisas exteriores a ele, Descartes chega a uma conclusão: só existe uma coisa certa, essa é o pensamento, no entanto, o melhor a

---

<sup>48</sup> Mesmo consciente da influência recebida por Descartes da escolástica, existe uma ruptura forte no que se refere às ideias cartesianas, embora se defenda haver muitos elementos advindos desse período ainda tão próximo a Descartes presentes em seu pensamento mesmo sendo criticados pelo pensador francês.

se fazer é examinar os seus modos. Assim Descartes (MM III, 1973, p. 109§6) conceitua ideias: “Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e só àqueles convém propriamente o nome de ideia.”

Nesse sentido é importante entender a divisão que Descartes faz dos pensamentos, em um primeiro momento ele divide os pensamentos em imagens de coisas ou ideias, com relação a essa aplicação, Landim Filho (1992, p. 58) revela o seguinte:

Mas, as ideias são também “como as imagens das coisas”. “Imagem”, como assinala Descartes em diversas ocasiões, não significa cópia ou reprodução, mas tão-somente representação. Representar, por sua vez, significa apresentar algo na consciência. Por serem “formas” dos atos de pensamento, as ideias tornam os sujeitos conscientes de serem sujeitos dos seus atos, mas, “como as imagens das coisas”, elas apresentam ou tornam presentes algo na e para a consciência do sujeito; elas indicam, portanto, que ser consciente é ao mesmo tempo ter consciência de si e de alguma coisa.

Dessa maneira, pode-se entender que as ideias são como o ato de representar as coisas, não uma cópia fiel, mas de alguma maneira elas apresentam semelhança com o objeto. A ideia é um modo da substância pensante, e como tal, deve ser entendida como o ato de perceber instantaneamente, ou propriamente a consciência de algo. A ideia é uma realidade mental. Não é a mesma coisa que a realidade atual, e sim, captada e percebida pelo espírito.

Descartes tinha consciência de que era preciso e necessário demonstrar as provas da existência de Deus que apresentara nas *Meditações Metafísicas*. Mesmo sendo um homem de fé, pela razão natural, buscará provar a existência de Deus. Primeiro, porque somente a fé não haveria convencimento o bastante para ateus, gentios. E as provas cartesianas da existência de Deus se firmam no campo da realidade mental da ideia.

Por ideia, nas *Meditações*, entende-se não a percepção imediata dos objetos que se apresentam à vista, pois, a ideia é o próprio objeto da percepção, o que é conhecido e apreendido pelo espírito. As ideias ganham em Descartes *status* de ser enquanto realidade que está no pensamento. Elas não estão fora do mundo onde se está, porém, não de maneira como se concebe os objetos que estão à vista. Elas são como imagens das coisas. A maneira de conhecer é limitada, mas,



como as coisas são postas à nossa frente é que não é real. O real para Descartes é o conhecimento apresentado como verdadeiro e apreendido pelo intelecto.

Nas razões que ele põe como argumentação da questão das ideias, nas *Objeções* (1973, p. 179, § II) afirma que:

Pelo nome de *ideia*, entendo esta forma de cada um de nossos pensamentos por cuja percepção imediata temos conhecimento desses mesmos pensamentos. De tal modo que nada posso exprimir por palavras, ao compreender o que digo, sem que daí mesmo seja certo que possuo em mim a ideia da coisa que é significada por minhas palavras. E assim não dou o nome de ideia às simples imagens que são pintadas na fantasia; ao contrário, não lhes dou aqui esse nome, na medida em que se encontram na fantasia corporal, isto é, na medida em que são pintadas em algumas partes do cérebro, mas somente na medida em que enformam o próprio espírito, que se aplica a esta parte do cérebro.<sup>49</sup>

A outra divisão que Descartes faz do pensamento (MM III, 1973, p. 109 § 6) refere-se às “vontades ou afecções e outros juízos,” para melhor esclarecimento, ele destaca o importante papel que tem a vontade na hora de dar ou não uma confirmação, conforme mostra-se em (PF, I, art. 34):

Para fazer um juízo, obviamente requer-se o intelecto, já que, no caso de algo que não percebemos de forma alguma, não há juízo; mas a vontade é também exigida, para que, quando algo for por mim recebido de alguma forma, meu assentimento possa então ser dado.

Com isso, Descartes requer a segurança do intelecto e se evitar a falsidade, ele inspeciona as ideias para fugir da possibilidade do erro.

Assim, os tipos de pensamentos (ideias, vontade/afecção e juízo) são por ele explicados, e no que a isso concerne pode-se concluir que nem as ideias nem a vontade podem ser falsas, pois a falsidade estaria no juízo, ou seja, no lugar que as ideias que estão em *mim* correspondem aos objetos exteriores dos quais elas partiriam. Dessa maneira, enquanto mudança simples de pensamento as ideias e a vontade não dão ocasião ao erro. Para Descartes, tais tipos de pensamentos por advirem de humanos poderão incorrer em erro, tendência própria do humano,

---

<sup>49</sup> *Objeções e Respostas – Razões que provam a existência de Deus e a distinção que há entre o espírito e o corpo humano, 1973, p. 179, § II*

porém, isso não se aplica ao intelecto e a vontade que é sinônimo de liberdade, mas, o mau uso da liberdade da vontade não é de responsabilidade do intelecto.

Descartes intenciona mostrar que não há nenhuma possibilidade de ir das coisas exteriores às suas ideias, pois o mundo exterior ainda está inacessível. Dessa forma, ele (MM III, 1973, p. 109-110§10) apresenta a divisão das ideias:

Ora, destas ideias, umas me parecem ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras ser feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenha a faculdade de conceber o que é aquilo que geralmente se chama uma coisa ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte senão em minha própria natureza; mas se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor até o presente julguei que estes sentimentos procediam de algumas coisas que existem fora de mim; e enfim parece-me que as sereias, os hipógrifos e todas as outras quimeras semelhantes são ficções e invenções de meu espírito. Mas também talvez eu possa persuadir-me de que essas ideias são do gênero das que eu chamo de estranhas e que vêm de fora ou que nasceram todas comigo ou, ainda, que foram todas feitas por mim; pois ainda que não lhes descobri claramente a verdadeira origem. E o que devo fazer principalmente neste ponto é considerar, no tocante àquelas que me parecem vir de alguns objetos localizados fora de mim, quais as razões que me obrigam a acreditá-las semelhantes a esses objetos.

Para o senso comum existem três motivos que o levam a imaginar que existem objetos exteriores e idênticos às ideias; primeiro: a tendência natural que sente-se e que faz julgar que esses objetos existem, no entanto essa tendência não se confirma na ocasião, por não ser uma intuição clara e distinta como se mostrou o *Cogito*; segundo motivo: a sequência em que estas ideias surgem, uma vez que elas não dependem da vontade, (MM III, 1973, p. 110§11) “pois amiúde se apresentam a mim mau grado meu, como agora, quer queira quer não, eu sinto calor [...]”, dessa maneira, certas ideias não dependem da vontade do homem. Também nos sonhos há a independência das sensações em relação à vontade, (MM III, 1973, p. 110-111§13) “talvez haja em mim alguma faculdade ou poder próprio para produzir essas ideias sem auxílio de quaisquer coisas exteriores [...]” que poderia sim, ser a causa das sensações. E como terceiro motivo: o raciocínio fundamental é que existam ou não coisas exteriores ao homem, causadoras das sensações, não se pode obrigatoriamente dizer que suas ideias seriam iguais às causas, pois as mesmas poderiam ser ocasionais. Descartes diz ter notado, então, nos vários exemplos, “[...]”

haver uma grande diferença entre o objeto e sua ideia.” E confessa ter em seu espírito duas ideias de sol. E acrescenta: “essas duas ideias que concebo do sol não podem ser ambas semelhantes ao mesmo sol; e a razão que me faz crer que aquela que me vem imediatamente de sua aparência é a que lhe é mais dessemelhante.” (MM III, 1973, p. 110-111§13).

O pensamento envolve a ideia, sendo assim, para Landim Filho (1992, p. 57), o pensar pelo sujeito torna-se ato consciente. Pensar, então, é ter consciência de algo e de si. O fato de estar conhecendo é ter esta consciência de que há uma ideia que é a forma como as coisas se apresentam ao sujeito que percebe. O pensamento é algo que está em si, no sujeito pensante que tem como característica possuir autonomia que o faz independente das coisas exteriores. Decorre com isso que somente pode-se empreender a tarefa de conhecer bem e com verdade se o conhecimento buscado for amparado, consciente das coisas que se conhece.

Esse é o ponto que permite entender as duas primeiras provas: A ideia de infinito que é Deus em *nós*, causa de tudo, e consciência de finitude. Superando as dúvidas nas quais, antes, estava-se imerso. Com isso, para se estar certos da verdade do conhecimento da existência de Deus é que Descartes propõe a distinção entre realidade formal e objetiva da ideia.

#### **4.1.1 A realidade formal e objetiva da ideia<sup>50</sup> e o princípio de causalidade**

Bem, aqui se procura uma compreensão da realidade formal e objetiva da ideia juntamente com o princípio de causalidade demonstrado na *Terceira Meditação* que se apresenta ao longo desta seção, bem como, sua importância para a compreensão da existência de Deus em Descartes. A princípio faz-se necessário entender que a realidade objetiva é a existência, na mente, de um objeto do entendimento e a realidade formal contempla a sua existência atual, na sua forma extramental. Descartes, pois, parte da realidade objetiva de suas ideias ou o conteúdo delas para provar a existência de Deus. O sentido de objetividade cartesiana não é o mesmo que se tem hoje, já é um conceito herdado da escolástica

---

<sup>50</sup> Realidade Formal e Objetiva que para Descartes tem aspecto intelectual, as ideias e suas representações. Em boa parte da *Terceira Meditação*, especialmente dos § 10-18, Descartes apresenta a concepção sobre a Realidade objetiva e formal da ideia.

e que com Descartes adquire importante papel na concepção racional. Sobre essa questão, Alquié (1969, p. 85) afirma:

O eu, que possui uma realidade formal finita, não pode ser a causa de uma ideia com uma realidade objectiva infinita, isto é, que o ultrapassa. Porque a realidade objectiva supõe sempre alguma decadência relativamente à realidade formal. A realidade formal de uma coisa é sempre superior à realidade objectiva de sua ideia, isto é, à forma como a coisa é em mim. Pode haver mais realidade na causa da ideia do que na própria ideia; mas não pode haver menos. Portanto, a causa da ideia de Deus não pode deixar de ser Deus.

Sendo Deus, portanto, a causa da ideia que há no sujeito, ele garante a certeza de que o eu não poderá ser causa de uma ideia de realidade objectiva infinita, pois assim, ultrapassaria a dimensão de finito em que se encontra o sujeito. E as ideias, segundo pensa Descartes, necessitam de outra causa além do *eu* somente que ele assegura como única certeza até aqui. Precisa buscar outro Ser, a partir de suas ideias, que possa ser causa dessas mesmas ideias. Ter consciência desse limite que está no *eu* que se sabe finito, isto é, consciência da necessidade de um Ser como causa, apontando como sinal de Deus que fundamenta todo conhecimento é fundamental para que se possa dizer que Ele existe e que, por isso mesmo, garante a verdade do conhecimento e de todo sistema cartesiano. Portanto, nessa perspectiva é que Alquié (1969, p. 88) diz:

E porque o homem é a ideia de Deus que Descartes pode presentemente fundamentar o seu conhecimento: a consciência de minha finitude e a de Deus são uma e mesma consciência, da qual Deus e o eu são dois pólos sucessivamente afirmados. O homem não é um animal, um ser finito ordinário, é um ser que se sabe finito e por isso é, na terra, sinal de Deus.

O que na visão desse autor, "... equivale dizer que a ideia de Deus não está em mim, mas eu sou a ideia de Deus" (1969, p. 88). Por isso, ao afirmar dessa maneira que o homem é esta ideia do divino, Descartes o coloca como aquele ser que se sabe infinito, possui a consciência desta finitude. Com isso, ele pôde fundamentar o seu conhecimento.

Embora o termo ideia em Descartes não seja muito claro e de fácil compreensão, há uma designação desse período traduzido como sendo *forma*. A

*forma* de uma coisa para além de sua existência em si, isto é uma concepção já encontrada em Tomás de Aquino.<sup>51</sup> Herança das formas anunciadas por Platão que influenciaram os autores cristãos como Agostinho e Tomás que as utilizam para afirmar que as formas estão na mente de Deus. Para eles, (Setentiae I, 36, 2,1) “as ideias sendo exemplares originais dos quais as coisas criadas no mundo são imitações só podem situar-se na mente de Deus”. Isso para dizer que Descartes utiliza ideia rememorando o termo já corrente na antiguidade e idade média.

Há carência de um Ser Perfeito capaz de garantir a existência do *eu* e do próprio conhecimento para que tenha nele seu fundamento e seja real. Pelos argumentos das provas da existência de Deus como caminho seguro para o conhecimento, Descartes teve que enfrentar um problema de cunho estrutural por ser acusado de que seu pensamento incorreu em circularidade. Ele está carregado de otimismo quando deposita toda confiança no intelecto humano sobre a certeza das percepções claras da mente dada por Deus. Se Deus é o criador, Aquele que dotou o ser humano de intelecto, pergunta Cottingham (1986, p. 98) “como se poderá, primeiramente provar a existência de tal criador? Como se poderá saber que essas percepções da mente não são fundamentalmente defeituosas?” Aqui não se pode apelar para a verdade de Deus, pois nesse momento ainda não se provou que Ele existe. Todo o problema da circularidade cartesiana se dá a partir da declaração de Descartes (MM V, p. 136 § 15) “... a certeza e a verdade de toda ciência dependem tão só do conhecimento do verdadeiro Deus: de sorte que, antes que eu o conhecesse, não podia saber perfeitamente nenhuma outra coisa”. Sendo assim, se todo o conhecimento realmente depende de Deus como assegura, (MM V, p. 136 § 15) “... quais as premissas necessárias para provar a existência de Deus, sem primeiro conhecer Deus?” Quando seus contraditores o acusaram de que poderia cair num argumento circular, Descartes diz que suas afirmações foram apenas com referência ao (COTTINGHAM, 1986, p. 98) “... momento em que se está ocupado com um argumento, não é necessário ter conhecimento de Deus para se ter certeza de sua validade”. Essa parece ter sido uma maneira de Descartes sair do círculo vicioso em que fora colocado ao dizer que algumas proposições sendo, pois, tão claras e evidentes, não havia a necessidade de garantia divina.

---

<sup>51</sup> *Summa Theologiae I, 15,1*

Sobre a origem de Deus, Cottingham (1995, p. 28) refaz a transição pelo “Princípio Causal” do conhecimento do EU para Deus: “... com a finalidade de demonstrar sua ideia de que a origem de Deus deve, necessariamente, estar no próprio Deus.” E que “deve haver pelo menos tanta realidade na causa quanto no efeito.” Tudo que é representado em uma ideia deve estar em sua causa nas formas: objetiva, representativa e na realidade atual, formal.

Assim, é a primeira prova da existência de Deus pelos efeitos pela demonstração do princípio fundamental: a causalidade, Descartes (MM III, 1973, p. 111-112§16) aplica o princípio da seguinte maneira:

Agora, é coisa manifesta pela luz natural que deve haver ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto no seu efeito: pois de onde é que o efeito pode tirar sua realidade senão de sua causa? E como poderia essa causa lhe comunicar se não a tivesse em si mesma? Daí decorre não somente que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, isto é, o que contém em si mais realidade, não pode ser uma decorrência e uma dependência do menos perfeito. E esta verdade não é somente clara e evidente nos seus efeitos, que possuem esta realidade que os filósofos chamam de atual ou formal, mas também nas ideias onde se considera somente a realidade que eles chamam de objetiva [...].

O princípio de causalidade, que aparece na *Terceira Meditação* é de suma importância para a primeira demonstração cartesiana em suas duas formulações, a primeira formulação diz: a) a causa tem que ter tanto ou mais grau de realidade que seu efeito, é o que mostra Descartes ao dizer: “deve haver ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto no seu efeito” e a segunda, numa formulação mais restrita, afirma que: b) o efeito deve estar contido na causa, formal ou eminentemente: Portanto, afirma Descartes (MM III, 1973, p. 112§17) “a pedra que ainda não foi, não somente não pode agora começar a ser, se não for produzida por uma coisa que possui em si formalmente, ou eminentemente, tudo o que entra na composição da pedra [...]”

Observe-se a colocação de Landim (1992, p. 74) com relação ao assunto:

O princípio da Causalidade garante, quando muito, a existência da realidade que é causa, pois o enunciado “do nada nada se faz” é uma noção comum. Obviamente, se X é causa de Y, segue-se que X é uma realidade (formal ou objetiva). Para romper o nexos da causalidade entre as ideias, é então necessário encontrar ou bem

uma ideia sensível que tenha o corpo como a sua causa. O princípio de Causalidade, quando corretamente aplicado, fundamenta juízos de existência, mas não justifica, ao menos para as ideias sensíveis, juízos de semelhança.

Pois é claro que os conceitos apresentados foram considerados como sendo realidade, Landim sustenta, então, que deverá ser aplicado ao princípio causalidade, o que nos motiva a questionar que tudo que existe remete-se a procurar a sua causa. Visto que o nada não poderá ser causa, pois este não produz nada, fica evidente em qualquer formulação do princípio da causalidade é que (LANDIM, 1992, p. 74) “a causa tem *ao menos* tanta realidade ou perfeição quanto o seu efeito.”

É importante também lembrar que Descartes estabelece uma diferença entre a realidade formal e a realidade objetiva<sup>52</sup> das ideias. Enquanto as ideias são tomadas apenas como formas de pensar, está se considerando apenas sua realidade formal, que é ser um ato do pensamento; e, nesse sentido, não há nenhuma diferença entre elas. Mas enquanto as ideias são tomadas como apresentando um conteúdo, está se considerando sua realidade objetiva; e é forçoso notar que se distinguem umas das outras, pois apresentam conteúdos distintos. A realidade formal corresponde à realidade atual de qualquer coisa, o que relativamente às ideias significa dizer que são certo ato de pensamento. A realidade objetiva diz respeito aos diferentes conteúdos das ideias que apresentam uma realidade no pensamento. E uma ideia que possua uma realidade objetiva tem sua origem numa causa com igual ou mais realidade formal. (MM III, 1973, p. 112§17):

Ora, a fim de que uma ideia contenha uma tal realidade objetiva de preferência a outra, ela o deve, sem dúvida, a alguma causa, na qual se encontra ao menos tanta realidade formal quanto esta ideia contem de realidade objetiva.

---

<sup>52</sup> É constante, em Descartes, o contraste entre os termos “objetivo” e “formal”. Uma ideia, segundo Descartes, pode ser considerada, ou do ponto de vista psicológico, como uma certa modificação na consciência, ou do ponto de vista de seu conteúdo representacional; Descartes designa o primeiro aspecto como a “realidade formal” de uma ideia, e o segundo como sua “realidade objetiva”. “A natureza de uma ideia é tal que não requer de si qualquer realidade formal, a não ser a que extrai de meu pensamento; mas para que uma determinada ideia contenha determinada realidade objetiva, deve certamente extraí-la de alguma causa [...] realidade objetiva será simplesmente, a existência, na mente, de um objeto do entendimento (COTTINGHAM, 1995, p. 138).

O princípio de causalidade, derivado da noção comum de que tudo que é tem uma causa, em outras palavras, pode-se dizer também que a causa tem que ter tanto ou mais grau de realidade que seu efeito. Pode-se dizer que as realidades objetivas das ideias das coisas singulares e a do *eu* podem ser produzidas pelo próprio *eu*, já que este é uma substância finita e, dessa forma, pode produzir ideias de substâncias finitas, porque tem grau de realidade igual ou maior que eles.

Na Realidade Objetiva da ideia de Deus, mostrou-se a ideia de perfeição que há no homem (que embora seja imperfeito, retém o valor de perfeição), no entanto essa ideia requer uma causa maior, uma substância infinita. Em seu objetivo de esclarecer, ou melhor, provar a existência de Deus, Descartes (MM III, 1973, p. 113§18) prossegue:

Mas enfim, que concluirei de tudo isso? Concluirei que se a realidade objetiva de alguma de minhas ideias é tal que eu reconheça claramente que ela não está em mim nem formal nem eminentemente e que, por conseguinte, não posso, eu mesmo, ser-lhe a causa, daí decorre necessariamente que não existo sozinho no mundo, mas que há ainda algo que existe e que é a causa desta ideia; ao passo que, se não se encontrar em mim uma tal ideia, não terei nenhum argumento que me possa convencer e me certificar da existência de qualquer outra coisa além de mim mesmo; pois procurei-os a todos cuidadosamente e não pude, até agora, encontrar nenhum.

Seguindo esse método, todas as ideias serão remetidas às primitivas que são: a alma, o corpo e Deus.

As ideias das coisas corporais se dividem em dois gêneros: ideias obscuras e confusas e ideias claras e distintas. Na lista das ideias obscuras, encontram-se como observa Descartes (MM III, 1973, p. 114§19):

A luz, as cores, os sons, os odores, os sabores, o calor, o frio e as outras qualidades que caem sob o tato, encontram-se em meu pensamento com tanta obscuridade e confusão que ignoro mesmo se são verdadeiras ou falsas e somente aparentes, isto é, se as ideias que concebo dessas qualidades são, com efeito, as ideias de algumas coisas reais, ou se não me representam apenas seres quiméricos que não podem existir. Pois ainda que eu tenha notado acima que só nos juízos é que se pode encontrar a falsidade formal e verdadeira, pode no entanto ocorrer que se encontre nas ideias uma certa falsidade material, a saber, quando elas representam o que nada é como se fosse alguma coisa. Por exemplo, as ideias que



tenho do calor e do frio são tão pouco claras e tão pouco distintas, que por seu intermédio não posso discernir se o frio é somente uma privação do calor, ou o calor uma privação do frio, ou ainda se uma ou outra são qualidades reais ou não são [...].

Essas ideias têm tão pouca realidade objetiva, ou seja, representam tão pouca realidade que não se pode ter certeza se de fato são representativas ou se são apenas falsas ideias. O conceito de ideia é dado pelo seu papel representativo: ou seja, se encontro ideias que representam falsos objetos, como se fossem coisas exteriores ao pensamento, logo, não se caracteriza literalmente como ideia, e sim, modificações da substância pensante. Descartes exclui de seu pensamento as ideias que denotam qualidades sensíveis e corpóreas. Assim, as dessa lista (obscuras) (MM III, 1973, p. 114§19) “[...] são verdadeiras, todavia, já que me revelam tão pouca realidade que não posso discernir nitidamente a coisa representada do não-ser não vejo razão pela qual não possam ser produzidas por mim mesmo e eu não possa ser o seu autor.<sup>53</sup>” Evidente que Descartes nessa passagem exclui as qualidades das ideias sensíveis corpóreas e ele afirma nas cartas a Gassendi que jamais afirmou que as ideias das coisas sensíveis derivassem do espírito.

Em relação às ideias claras e distintas das coisas corporais, Descartes (MM III, 1973, p. 115§21) diz o seguinte:

Quanto às outras qualidades de cujas ideias são compostas as coisas corporais, a saber, a extensão, a figura, a situação e o movimento de lugar, é verdade que elas não estão formalmente em mim, posto que sou apenas uma coisa que pensa; mas já que são somente certos modos da substância, e como que as vestes sob as quais a substância corporal nos aparece, e que sou, eu mesmo, uma substância parece que elas podem estar contidas em mim eminentemente.

Quanto às ideias claras e distintas, no que diz respeito a noções de substância, duração e número, como citadas acima, por serem noções gerais, encontram-se no homem, logo, podem, por suposição, ser causadas pela substância

---

<sup>53</sup> Trata-se da falsidade material por esta representar o que nada é como se fosse algo verdadeiro. São ideias (sensíveis) que se apresentam a mim de maneira falsa sendo apenas uma pseudoideia.

pensante. Já as da extensão, figura, situação e movimento, não obstante, não se encontraram formalmente na substância pensante, poderiam estar nela contidas eminentemente.

Até o momento a única realidade que existe em ato é a substância pensante, assim, ela pode ter sua existência tirada do pensamento.

Agora que foram isoladas as ideias corporais, resta averiguar se a ideia de Deus pode ser atribuída à substância pensante.

Com relação à ideia de Deus, ela não poderia ter sido produzido por mim mesmo, como observa o próprio Descartes (MM III, 1973, p. 115§22):

Portanto resta tão-somente a ideia de Deus, na qual é preciso considerar se há algo que não possa ter provindo de mim mesmo? Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas. Ora, essas vantagens são tão grandes e tão eminentes que, quanto mais atentamente as considero, menos me persuado de que essa ideia possa tirar sua origem de mim tão-somente. E por conseguinte, é preciso necessariamente concluir, de tudo que foi dito antes, que Deus existe; pois, ainda que a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, todavia, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita.

A ideia de Deus constitui uma ideia cuja realidade objetiva apresenta uma substância infinita, que, devido ao princípio de causalidade, não pode ter sido produzida pelo *eu* em função de sua finitude.

Descartes conclui que somente uma realidade formal, diferente do *eu* pensante, pode ter produzido esta ideia e, necessariamente, ela tem que ser uma substância infinita, ou seja, Deus.

A realidade objetiva da ideia de Deus exige como causa uma realidade formal, também perfeita e infinita, pois, do contrário, não poderia ter a ideia de perfeição. Nas palavras de Reale e Antiseri (1990, p. 372) a ideia de perfeito só pode vir de um Ser perfeito.

[...] fica evidente que o autor dessa ideia que está em mim não sou eu, imperfeito e finito, nem qualquer outro ser, da mesma forma

limitado. Tal ideia, que está em mim, mas não é de mim, só pode ter por causa adequada um ser infinito, isto é, Deus.

A ideia de perfeição é inata ao próprio homem, pois ela é algo colocada por um ser perfeito. A consciência do *eu* finito não o separa das dúvidas, desejos e buscas por completude, e esse só se sentira completo em Deus, por isso, as provas da existência de Deus tem sua base nessa consciência do *eu* finito. Guenancia (1991, p. 92) afirma que o homem possui em si a ideia de Deus em sua consciência. Por isso, ele acha que a discussão que se gerou em torno das provas da existência de Deus “desviou” o foco da verdadeira metafísica cartesiana e complementa: “[...] que consiste em voltar o olhar do nosso espírito para a ideia que está nele de algo que não é ele, e que não pode fingir ter produzido apenas com suas forças.”

Através da ideia de Deus, limite do espírito humano, somente será possível a descoberta dessa ideia, graças ao método reflexivo, metafísico, sem precisar formar imagens externas delas. Os pensamentos são verdadeiros dados, resultados da construção do espírito, de um julgamento, Guenancia (1991, p. 93):

Para Descartes o espírito só trata imediatamente com ideias, e só pode chegar à verdade das coisas obrigando-se aceitar apenas como fatos verdadeiros as ideias que se apresentam a ele, sem acrescentar nem subtrair absolutamente nada.

Um aspecto que não se pode deixar passar despercebido no pensamento de Descartes é o de inseparabilidade entre a ideia de infinito e a própria finitude do sujeito. É óbvio que não há como separar essas duas ideias, mas, também, é necessário reconhecer a supremacia da ideia de infinito sobre as demais, pois essas dependem da ideia de Deus. Veja-se que Descartes rejeita totalmente a possibilidade de que para provar a existência de Deus se parta dos efeitos, do mundo sensível à causa invisível. Segundo Guenancia, 1991, p. 104) afirma que ele:

... rejeita o raciocínio que remonta dos efeitos ou das coisas sensíveis a uma causa invisível, pois pelo fato de que o meu espírito não possa conceber causas para o infinito, não fico autorizado a concluir que deve haver uma causa primeira, mas apenas que uma sucessão infinita de causas e efeitos ultrapassa a capacidade do meu espírito finito de concebê-la.

Para ele, é melhor partir dos efeitos evidentes, do ‘eu existente’, é “reconhecer na ideia de Deus um efeito do qual só Deus pode ser causa.” (GUENANCIA, 1991, p. 104). A ideia do Ser perfeito em cada um não tem origem no eu, apesar de estar com ele de forma inata, pelos seguintes motivos, conforme destaca Staccone (1991, p. 74): “porque eu sou, apenas, um *Eu penso*, sem outros conteúdos, e do nada não pode nascer a ideia do Ser perfeito;” bem como, continua o comentador a dizer que, “tampouco pode vir da minha atividade pensante, porque um ser imperfeito não pode pensar um ser perfeito.”

Veremos agora, como ele apresenta a defesa da ideia de Deus como substância em grau de realidade superior a substância pensante que possui esta ideia.

#### 4.1.2 A defesa da ideia de Deus

Se a ideia de substância<sup>54</sup> está presente na ideia da substância pensante, não poderia se excluir a substancialidade de Deus? Para Descartes, não. Pois, se o *eu* pode ser, por hipótese, a causa eminente da ideia da extensão, não pode ser da mesma maneira a causa eminente da ideia de Deus ou, em outras palavras, a causa da realidade objetiva da ideia de Deus cujo grau de realidade é infinito. Silva (2005, p. 58) explica através da relação causa e efeito algo importante para se chegar à ideia de Deus:

Para estabelecer a causa de qualquer ideia, Descartes lança mão de um axioma que prescreve a proporcionalidade entre a realidade objetiva da ideia (efeito) e a realidade formal à qual corresponde a ideia (causa). A razão e o bom senso me mostram que no efeito pode existir, no máximo, o mesmo grau de ser ou de realidade que existe na causa, mas não um grau maior. Ou seja aquilo que é efeito não pode ser mais do que sua própria causa. Pois de onde o efeito tiraria

---

<sup>54</sup> Aristóteles definiu substância com “aquilo que não se pode afirmar de um sujeito ou em um sujeito, como por exemplo, um determinado homem ou um cavalo”. O contraste aqui estabelecido se dá entre coisas que existem de forma independente (tais como o cavalo individual) e as propriedades ou atributos (tais como ter patas ligeiras), que só podem ser atribuídas como predicados a um sujeito, ou a ele pertencer. Tomando essa noção de existência independente, Descartes assinala que somente Deus pode, sem restrições, ser dito independente de “qualquer coisa que seja”; assim somente Deus pode, em sentido estrito, ser qualificado como substância. Descartes admite atribuir a outras coisas, entretanto, a qualidade de substâncias no sentido secundário de que independem de tudo menos de Deus, ou em suas palavras, de demandarem somente o concurso divino para existir (COTTINGHAM, 1995, p. 146).

esse excedente de ser? Aplicando esse princípio de causalidade à ideia de infinito, sou obrigado a concluir que a existência em mim dessa ideia só se explica pela existência da causa dessa ideia fora de mim, uma vez que eu mesmo não posso ser a causa dessa ideia.

Uma substância finita não pode ser a causa da ideia de uma substância infinita. Mesmo sabendo que existir em ato é mais perfeito que existir no entendimento, quando se trata da realidade objetiva da ideia de Deus, pelo seu grau de realidade objetiva ser infinito exige-se uma realidade existindo em ato que também seja infinita. A ideia de Deus ultrapassa a capacidade finita do pensamento, tendo como explicação outra realidade atual, que é o próprio Deus. Ao que parece, toda vez que se admite a existência da ideia de Deus, admite-se também sua existência atual. O próprio Descartes reforça esta noção quando nas *Segundas Respostas* (1973, p. 164) afirma o seguinte:

Em segundo lugar, quando dizeis: Que temos em nós próprios um fundamento suficiente para formar a ideia de Deus, nada dizeis em contrário à minha opinião. Pois eu mesmo afirmei em termos expressos, ao fim da Meditação Terceira: Que esta ideia nasceu comigo, e ela não me vem de outra parte senão de mim mesmo. Confesso também que poderíamos formá-la, embora não soubéssemos que há um soberano ser, mas não se efetivamente não existisse um ente assim; pois, ao invés, adverti que toda força de meu argumento consiste em que não poderia ocorrer que a faculdade de formar essa ideia existisse em mim, se eu não tivesse sido criado por Deus.

Descartes argumenta que a ideia do infinito anterior à ideia do finito. Expressa claramente este pensamento ao dizer (MM III, 1973, p. 116§23): “vejo manifestamente que há mais realidade na substância infinita do que na substância finita [...] tenho em mim a noção do infinito anteriormente à do finito, isto é, Deus antes de mim mesmo”

A ideia que se tem de cada um surge da ideia de Deus, embora só se tenha um conhecimento evidente disso após longa reflexão. É interessante observar a colocação feita por Guenancia (1991, p. 103) com relação à ideia de Deus ele diz que:

Essa ideia está “impressa do mesmo modo no espírito de todo mundo”, mas poucos observam ao mesmo tempo a inseparabilidade da ideia de infinito e a finitude do seu espírito, e a impossibilidade de tirar a primeira da segunda.

A ideia do infinito é uma aspiração da mente humana à perfeição, embora não seja esta aspiração que define a ideia de infinito; a ideia do infinito é que dá origem a esta aspiração.

Com relação à ideia, Beyssade (2009, p. 222)<sup>55</sup> acrescenta o conhecimento do leitor ao dizer:

A ideia de perfeição é assim encontrada, concebida e reconhecida antes e independentemente de qualquer aspiração humana. E a ideia da unidade entre todas as perfeições, que é a base da natureza verdadeiramente infinita de cada uma delas, e da “incompreensibilidade positiva” do todo, é anterior a qualquer outra ideia. Ela é inata, e como toda ideia inata, não é tanto uma ideia realmente presente quanto um poder ou uma faculdade de produzir a ideia.

A ideia de Deus é real, e é encontrada no homem antes de qualquer outra coisa. A ideia de perfeição que existe em cada um, ajuda a compreender um pouco a existência de um ser infinito, embora seja o homem um ser finito, ele possui essa ideia inatacável de perfeição, logo, de Deus. O Autor afirma que esta é uma ideia verdadeira, como se pode observar. (MM III, 1973, p. 116§25):

A ideia, digo, desse ser soberanamente perfeito e infinito é inteiramente verdadeira; pois ainda que talvez se possa fingir que um tal ser não existe, não se pode fingir, todavia, que sua ideia não me representa nada de real [...].

A ideia não poderia ser falsa, pois, uma ideia materialmente falsa seria uma ideia que representaria uma entidade indeterminada, ou seja, um objeto indistinto ou confuso, como ilustrado um pouco acima, por Descartes, quando discorria sobre as ideias obscuras.

Reforçando a veracidade da ideia de Deus Guenancia (1991, p. 105) diz o seguinte:

---

<sup>55</sup> Este capítulo está no livro DESCARTES organizado por J. Cottingham, 2009.

A plena possibilidade da ideia de infinito pela qual todas as perfeições de Deus, assim como sua unidade e inseparabilidade, são representadas ao espírito, faz dessa ideia a mais verdadeira que exista, a mais certamente conhecida pelo espírito humano que não poderia entretanto compreendê-la.

Esclarecendo o termo compreender o próprio Guenancia (1991, p. 105) explica sua aplicação “Para Descartes, Deus é completamente incompreensível e perfeitamente conhecido”.

Continuando, ele se aprofunda um pouco mais nesse conceito:

A ideia de Deus representa um máximo de realidade ou de perfeição ou de ser, ela se impõe, pois como uma incomparável evidência do espírito que, pelo próprio fato dessa superabundância de ser ou de realidade, só pode perceber uma parte muito pequena dela, suficiente para conhecê-la, mas não para compreender.

Descartes defende a ideia de Deus como a ideia do infinito, cuja realidade simples serve para compor tudo que se concebe de claro e distinto na própria substância pensante e que sua perfeição não pode ser forjada pelo entendimento, mas é causada pelo próprio infinito existindo em ato. Assim, a seguir ele explicará melhor a causalidade eficiente de Deus. Termina aqui os argumentos dessa primeira prova cartesiana de demonstrar a existência de Deus. O próximo passo será apresentar os argumentos da segunda prova da existência de Deus.

#### 4.2 A SEGUNDA PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS PELOS EFEITOS<sup>56</sup>

Essa segunda prova da existência de Deus encontra-se demonstrada também na terceira Meditação cartesiana, assim como a primeira já apresentada. Esta prova se aproxima da primeira, ambas são *a posteriori*, porém, apoiada na presença do *eu* pensante que possui a ideia de Deus e mais ainda, tem consciência de sua própria existência enquanto sujeito o que o faz buscar na garantia para si e para as coisas que o cercam a existência de Deus. Na primeira prova viu-se que o sujeito reconhecendo-se finito, porém, tem a ideia de Deus em si. Assim, o próprio

<sup>56</sup> A demonstração desta prova encontra-se na *Terceira Meditação* (MM III, 1973, p. 117 §29-30).

Deus, causa de todas as coisas, absoluto que é como causa de si, em relação a Ele mesmo. O *eu*, sujeito pensante, necessita de saber que existe, embora reconheça que sendo imperfeito tem a ideia de Deus como Ser perfeito.

O esquema da segunda prova da existência de Deus que López (1976) apresenta a seguinte síntese:

*Ponto de partida.* Eu existo, substância pensante tendo em mim a ideia de Deus e reconhecendo-me imperfeito.

*Processo de demonstração.* O ser que tem ideia de Deus e que se reconhece e (por ser somente substância que pensa) é imperfeito, não existe senão porque Deus o conserva.

*Término da prova.* Logo, Deus existe, o Ser infinitamente perfeito cuja ideia se dá em mim.<sup>57</sup>

Nessa segunda prova, Descartes parece oferecer um reforço explicativo à primeira prova pelos efeitos, mas, as duas tendem a convergir para um mesmo sentido. Reale e Antiseri (1990, p. 372) dizem:

A própria ideia inata de Deus pode propiciar uma segunda reflexão, que comprova o resultado da primeira argumentação. Se a ideia de um ser infinito que está em mim fosse minha, não seria eu um produto perfeito e ilimitado e não, ao contrário, um ser imperfeito, como resulta da dúvida e da aspiração nunca satisfeita à felicidade e à perfeição? Com efeito, quem nega o Deus criador por esse próprio fato está se considerando um autoproduto. Ora, nesse caso, tendo a ideia do ser perfeito, então nos teríamos dado todas as perfeições que encontramos na ideia de Deus. E isso é desmentido pela realidade.

Segundo a citação acima, a ideia de um Ser Infinito e Perfeito não pode de maneira nenhuma ser da autoria do homem, por ser o homem um ser finito e imperfeito, não poderia jamais ter as qualidades de um ser infinito e perfeito, se a ideia fosse de autoria humana, o próprio homem seria beneficiado com as qualidades de um ser infinito.

---

<sup>57</sup>a) *Punto de partida.* Existo yo, substancia pensante, teniendo en mí la idea de Dios y reconociéndome por ello imperfecto. b) *Proceso de la demostración.* El ser que tiene Idea de Dios y que se reconoce y (por ser solamente sustância que piensa) es imperfecto, no existe sino porque Dios le conserva. c) *Término de la prueba.* Luego existe Dios, el Ser infinitamente perfecto, cuya Idea se da en mí." (LÓPEZ, J. G. *El conocimiento de Dios en Descartes*, 1976, p. 99-100).



A segunda prova da existência de Deus pelos efeitos é mais que isso (mais que uma prova). Ela mostra a execução do princípio de causalidade, é um complemento à primeira, ou seja, expõe de modo mais claro a aplicação do princípio de causalidade que é um caminho importante para provar a existência de Deus.

Na terceira Meditação Metafísica, Descartes diz o seguinte a respeito da segunda prova da existência de Deus (MM III, 1973, p. 117§29-30):

E por certo nada vejo em tudo o que acabo de dizer que não seja muito fácil de conhecer pela luz natural a todos os que quiserem pensar nisto cuidadosamente: mas, quando abrando um pouco minha atenção, achando-se meu espírito obscurecido e como que cegado pelas imagens das coisas sensíveis, não se lembra facilmente da razão pela qual a ideia que tenho de um ser mais perfeito que o meu deva necessariamente ter sido colocada em mim por um ser que seja de fato mais perfeito. Eis por que desejo passar adiante e considerar se eu mesmo, que tenho essa idéia de Deus, poderia existir, no caso de não haver Deus. E pergunto de quem tirarei minha existência?

Nesse ponto a questão se volta para a substância pensante que tem a ideia de Deus. A ideia fundamental da segunda prova é a não possibilidade de se ser a causa da ideia de Deus, isso porque a causa não pode ser um ser finito, mas necessariamente precisa ser um Ser infinito, Deus.

Beysade (2009, p. 240) explica de maneira muito proveitosa o porquê de um ser finito, não poder ser a causa da ideia de Deus:

A segunda versão da prova de Deus a partir de seus efeitos torna clara a estratégia de Descartes. A reflexão sobre o que eu teria feito de mim mesmo, se fosse independente, mostra-me ao mesmo tempo, quais perfeições devem ser concebidas como pertencentes a Deus e mostra também a coerência dessas perfeições. A lacuna ou distância entre mim e Deus, isto é, sua incompreensibilidade, é estabelecida quando reconheço que não sou, e nunca serei independente. O que me é revelado é assim o próprio infinito, inteiro e como ele realmente é; mas ele me é revelado como algo que eu não sou e que não posso compreender. E essa é a maneira apropriada de um ente infinito manifestar-se a uma mente finita.

Se a substância pensante fosse causa de si mesma, ela daria a si com certeza todas as perfeições as quais apenas se conhece. Dessa forma, é bem verdade que a substância pensante não pode ser de si mesma a autora, a menos

que existisse sem causa, e sempre houvesse sido como é agora. Observe-se a declaração de Descartes (MM III, 1973, p. 118§33):

E ainda que possa supor que tenha sido sempre como sou agora, nem por isso poderia evitar a força desse raciocínio, e não deixo de conhecer que é necessário que Deus seja o autor de minha existência. Pois todo tempo de minha vida pode ser dividido em uma infinidade de partes, cada uma das quais não depende de maneira alguma das outras; e assim do fato de ter sido um pouco antes não se segue que eu deva ser atualmente, a não ser que neste momento, isto é, me conserve.

Deus, portanto, não se coloca como causa em *nós* de uma ideia, porém, Ele é o autor do sujeito que tem essa ideia de Deus. E, por qualquer momento da existência, tem-se sempre essa certeza de que Deus é a causa de *nós* mesmos.

Aqui pode-se imaginar que um ateu não admitiria essa ideia de um Deus como existente e autor do sujeito e que haja essa dependência para também se exista. É claro que Descartes provocou este tipo de reação dos que discordaram e ainda discordam desta necessidade de uma garantia divina como suporte de uma ciência. O ateu pode conhecer?<sup>58</sup> No início Descartes diz que lhe faltava a consciência do verdadeiro Deus e por isso, seria incapaz de conhecer até mesmo uma simples verdade da geometria, como aquela que diz que a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual à de dois ângulos retos, (COTTINGHAM, 1995, p. 24).

E Descartes em resposta admitiu que o ateu pudesse, sim, conhecer, mas que esse conhecimento não é verdadeira ciência, pois nenhum ato de consciência que possa ser posto em dúvida adequa-se à designação de ciência, apresenta ele nas *Segundas Respostas*. Retornando à época de Descartes, era recorrente se perguntar *quanto um ateu pode conhecer?* Descartes, é claro, entende que este pode conhecer sim, porém, sua concepção é de que um Ser supremo garante-lhe a solidez do saber para além da experiência que se realiza ou mesmo da confiança de nossas próprias mentes. O conhecimento científico estará fundamentado de forma verdadeira quando desaparecerem todas as dúvidas. Portanto, para um ateu que nega, fica mais difícil alcançar essa ciência, pois não dispõe de algo que valide a confiabilidade da mente humana. A intenção de Descartes aqui não é tanto converter

<sup>58</sup> Questão discutida com Descartes a partir de suas ideias postas nas *Meditações* objetado por seus contraditores nas *Segundas Objeções* e rebatidas nas *Segundas Respostas*.

peças a admitir a existência de Deus, parece-me que a questão seja a de que escolhendo Deus como sustentáculo de seu projeto filosófico, o sujeito pensante que tem em si de forma inata a ideia de Deus, permitirá, portanto, manter a solidez de sua ciência ainda carente dessa garantia. Assim, para ele, o ateu, aquele que não admite a existência de Deus, pode sim conhecer, mas falta-lhe aquela confiabilidade que tanto defendeu para uma ciência segura tendo Deus por sustentáculo. Hoje, talvez não exerça influência sobre crentes ou não crentes e a ciência mesmo assim continuaria seu percurso normal.

Segundo Staccone (1991) a filosofia cartesiana é refundadora e moderna por trazer uma problemática nova e original: “a validade do conhecimento humano”. A investigação filosófica tem como objetivo a razão que está no sujeito, portanto, por ser intramundano, profano e laico é marco inicial para um primeiro passo de “rompimento” com a escolástica. Com a ideia de dualismo já explorada nos textos da *res cogitans* e *res extensa*, a filosofia cartesiana permite iniciar as bases do ateísmo moderno, explorado a partir de seus vários aspectos por diferentes pensadores. Dentre eles dois podem ser destacados: Karl Marx e Jean-Paul Sartre. Sobre o primeiro, afirma Staccone (1991, p. 73): “K. Marx entendeu bem que a afirmação da total autonomia da *res extensa* abria caminho para uma *ontologia materialista* que, realmente, tornar-se-ia fundadora de uma nova concepção do mundo.” Quanto a Sartre, Staccone (1991, p. 73) afirma haver uma vertente da filosofia cartesiana apresentada por Sartre em *O existencialismo é um humanismo*, a *racionalista-idealista* “quando destaca o sentido *ontológico-gnoseológico* do *Cogito* que é, ao mesmo tempo, afirmação ontológica do *sujeito*, e primeira verdade do sujeito pensante”. Isso reforça que na filosofia cartesiana começa-se por pensar o existir do sujeito que pensa e inspira a se pensar o homem e seu papel na construção do mundo e de seu conhecimento.

. Estando certo de que a substância pensante depende de uma causa externa, Descartes (MM III, 1973, p. 118§35) questiona que poderá “ocorrer que este ser de que dependo não seja aquilo que chamo Deus”

No entanto, como o próprio Descartes mostra, uma causa não perfeita não pode ser a causa da ideia de Deus enquanto criação (MM III, 1973, p. 119§35):

... é uma coisa evidente que deve haver ao menos tanta realidade na causa quanto no seu efeito. E, portanto, já que sou uma coisa

pensante, e tenho em mim alguma ideia de Deus, qualquer que seja, enfim, a causa que se atribua à minha natureza, cumpre necessariamente confessar que ela deve ser de igual modo uma coisa pensante e possuir em si a ideia de todas as perfeições que atribuo à natureza divina.

Falando-se tanto na criação quanto na conservação da substância, todos os argumentos levantados apontam para uma única causa responsável – Deus. É partindo deste argumento que Descartes chega à última prova da existência de Deus em sua terceira meditação, a prova ontológica, baseada na contingência do espírito. Para ele, é impossível não admitir que Deus existe verdadeiramente quando há em cada um a ideia dEle. Perceba-se o quanto a ideia de Deus, além de ser muito importante, apresenta-se de forma muito poderosa para Descartes que se torna inconcebível que essa tenha origem em *nós* mesmos, seres imperfeitos. Como, então, não poderia um ser imperfeito ter a ideia de um Ser perfeito? Descartes (MM III, 1973, p. 120§39) diz:

E toda a força do argumento que aqui me servi para provar a existência de Deus consiste em que reconheço que seria impossível que minha natureza fosse tal como é, ou seja, que eu tivesse em mim a ideia de um Deus, se Deus não existisse verdadeiramente; esse mesmo Deus, digo eu, do qual existe uma ideia em mim, isto é, que possui todas essas altas perfeições de que nosso espírito pode possuir alguma ideia, sem no entanto compreendê-las a todas, que não é sujeito a carência alguma e que nada tem de todas as coisas que assinalam alguma imperfeição.

Assim, Descartes chega a conclusão da segunda prova da existência de Deus de que Ele existe verdadeiramente e sua perfeição faz existir as outras coisas do mundo. Por fim, busca-se desenvolver a próxima e última prova da existência de Deus demonstrada por Descartes na quinta Meditação, denominada de prova ontológica.

### 4.3 A TERCEIRA PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS: O ARGUMENTO ONTOLÓGICO<sup>59</sup>

Esta terceira prova possui uma estrutura diferente das anteriores já apresentadas neste capítulo, embora carregue forte dependência em relação às duas primeiras na ordem das razões metafísicas. Poderá ser classificada como a prova mais importante dentre todas. A verdade é que essa prova se encontra num plano diverso das anteriores, e Descartes examinará esta prova *a priori* da existência de Deus aonde não se chega à conclusão a partir da existência do *eu* e da existência da *ideia no eu*, porém, sua conclusão será a partir da própria essência do Ser perfeito: Deus. Essa demonstração *a priori* será investigada por Descartes na busca pela verdade para provar a existência de Deus por sua essência. Para isso, Descartes procura analisar essa essência de Deus bem como a do ser finito. Importante para o conhecimento desse Ser Perfeito é ter a clareza e a distinção das coisas que têm por base as certezas matemáticas. O que tem concepção como sendo verdadeiro tem existência e que não pode ser negada por causa de sua clareza e distinção.

Chamada por Kant de ontológica, esta prova aparece na quinta Meditação cartesiana que López (1976, p. 107) mostra no seguinte esquema:

*Premissa maior.* O que concebemos clara e distintamente como próprio da natureza, essência ou forma imutável e verdadeira de alguma coisa pode predicar-se a esta com toda verdade.

*Premissa menor.* É assim que concebemos, que clara e distintamente, que a existência é própria da verdadeira e imutável natureza divina; porque: 1 – a ideia de Deus, representando a verdadeira e imutável natureza divina, contém o conjunto de todas as perfeições; 2 – e visto que a existência é uma perfeição; 3 – a existência é própria da ideia de Deus e, da mesma forma, da verdadeira e imutável natureza divina.

*Conclusão.* Logo podemos afirmar com certeza que Deus existe <sup>60</sup>

<sup>59</sup> A demonstração desta prova encontra-se na *Quinta Meditação* cartesiana (MM V, 1973, p. 132-134 § 7-10).

<sup>60</sup>a) *Premisa mayor.* Lo que clara y distintamente concebimos como próprio de la naturaleza, esencia e forma inmutable y verdadera de alguna cosa puede predicarse de ésta con toda verdad. b) *Premisa menor.* Es así que clara y distintamente concebimos que la existencia es propia de la verdadera e inmutable naturaleza divina; porque: 1 – La Idea de Dios, representativa de la verdadera e inmutable naturaleza divina, contiene el conjunto de todas las perfecciones; 2 – y puesto que la existencia es una perfección; 3 – La existencia es propia de la Idea de Dios, y, por lo mismo, de la verdadera e inmutable naturaleza divina. c) *Conclusión.* Luego podemos afirmar con verdad que Dios existe.” (LÓPEZ, J. G. *El conocimiento de Dios en Descartes*, p. 107).

O argumento desta prova parte da ideia para a existência do Ser de perfeição infinita. A construção desta prova tem no seu itinerário uma formulação matemática.

Nessa perspectiva, a mudança do papel de Deus é também percebido por Beyssade ( 2009, p. 216) quando afirma que:

O papel da ideia de Deus sofre uma mudança crucial: Deus não é mais o predicado, mas sujeito, e a existência é o predicado que lhe é atribuído. Aqui a ideia não é mais o significado de uma palavra, mas uma 'natureza verdadeira e imutável'. A definição inicial de um ente sumamente perfeito nos leva a reconhecer a existência desse ente como uma de suas perfeições.

Ele é o Sujeito que se afirma por sua existência que é a propriedade que Ele possui, por isso, tem todas as perfeições o que o faz existir como Ser perfeito.

Portanto, se empenhou desde o princípio em provar a existência de Deus partindo da ideia de um Ser perfeito, da causa dessa ideia, e ainda nesse contexto observa-se o início da discussão para demonstração da terceira prova: (MM V, 1973, p. 131§1):

Resta-me muitas outras coisas a examinar, concernentes aos atributos de Deus e à minha própria natureza, isto é, ao meu espírito: mas retomarei em outra ocasião, talvez, a sua pesquisa. Agora (após haver notado o que cumpre fazer ou evitar para chegar ao conhecimento da verdade), o que tenho principalmente a fazer é tentar sair e desembaraçar-me de todas as dúvidas em que mergulhei nesses dias passados e ver se não é possível conhecer nada de certo no tocante às coisas materiais.

O autor mostra que essa ideia que se tem de Deus, não lhe foi atribuída pelos sentidos, muito menos postas por si mesmo, pois como ele mesmo diz não está em seu poder diminuir ou acrescentar qualquer coisa. É Deus, sumamente poderoso e perfeito que põe em cada um a sua marca como autor assinando a obra que fizera. Assim, Descartes começa argumentar para provar que, com evidência,

---

Deus é o Ser que não pode não ser, por fazer-me ver com clareza de sua ideia posta em nós por Ele (MM V, 1973, p. 132§7):

Ora, agora, se do simples fato de que posso tirar de meu pensamento a ideia de alguma coisa segue-se que tudo quanto reconheço pertencer clara e distintamente a esta coisa pertence-lhe de fato, não posso tirar disto um argumento e uma prova demonstrativa da existência de Deus? É certo que não encontro menos em mim sua ideia, isto é, a ideia de um ser soberanamente perfeito, do que a ideia de qualquer figura ou de qualquer número que seja.

Descartes é consciente em seu pensamento de que as ideias estão em cada um de forma inata, pode-se até separar a essência da existência das coisas, mas com relação a Deus isso não pode ocorrer. Pensar Deus é pensá-lo em sua essência, existindo, e isso é inseparável, afirma Descartes (MM V, 1973, p. 133§7):

Pois, estando habituado em todas as outras coisas a fazer distinção entre a existência e a essência, persuado-me facilmente de que a existência pode ser separada da essência de Deus e de que, assim, é possível conceber Deus como não existindo atualmente. Mas, não obstante, quando penso nisso com maior atenção, verifico claramente que a existência não pode ser separada da essência de Deus, tanto quanto da essência de um triângulo retilíneo não pode ser separada a grandeza de seus três ângulos iguais a dois retos ou, da ideia de uma montanha, a ideia de um vale; de sorte que não sinto menos repugnância em conceber um Deus (isto é, um ser soberanamente perfeito) ao qual falte existência (isto é, ao qual falte alguma perfeição), do que em conceber uma montanha que não tenha vale.

A prova ontológica da existência de Deus diz que a existência e a essência estão intimamente ligadas, assim, não se pode conceber que haja a ideia de Deus separada de sua existência. Especialmente quando se está falando de Deus, que é perfeito, não há como pensar essência e existência separadas. Observe-se o comentário de Reale e Antiseri (1990, p. 372-3) com relação ao assunto:

A existência é parte integrante da essência, de modo que não é possível ter a ideia (a essência) de Deus sem simultaneamente admitir a sua existência, da mesma forma que não é possível conceber um triângulo sem pensá-lo com a soma dos ângulos internos iguais a dois retos ou como não é concebível uma montanha

sem vale. Só que, enquanto do fato de não poder “conceber uma montanha sem vale não deriva que existam no mundo montanhas e vales, mas somente que a montanha e o vale, existindo ou não existindo, não podem de modo algum ser separados um do outro, [...] já do fato de que não posso conceber Deus sem existência deriva que a existência é inseparável dele e, portanto, que ele existe verdadeiramente”. Essa é a prova ontológica de Anselmo, que Descartes retoma e faz sua.

A passagem acima serve para mostrar que existem coisas que são por natureza inseparáveis, não é possível concebê-las individualmente, e a prova ontológica da existência de Deus mostra exatamente isso, a existência de Deus está junto a Ele.

O *argumento ontológico* não foi usado a primeira vez por Descartes, e sim por Anselmo de Cantuária (COTTINGHAM, 1995, p. 23):

Uma versão do argumento ontológico fora dado muitos séculos antes por Santo Anselmo (1033 – 1109) que sustentara a ideia de que um ser ‘em relação ao qual nada de maior se pode conceber’ tem necessariamente que existir, não só em nosso pensamento, mas na realidade.<sup>61</sup>

Embora tenha sido Santo Anselmo o primeiro a usar o argumento ontológico, foi com Kant que ele ganhou destaque, só para esclarecimento, faz-se necessário a seguinte nota de Cottingham (1995, p. 23):

O termo “argumento ontológico” deve-se na verdade a Kant, que destacou um tipo especial de prova da existência de Deus, segundo a qual “se faz abstração de toda experiência” e a existência de um ser supremo é “inferida a priori somente dos conceitos”; sem antecipar o título “ontológico”, Descartes, no entanto diferencia de forma nítida a sua própria prova a priori, dada na Quinta Meditação, do argumento bastante diferente, a posteriori ou causal, que dá na Terceira Meditação.

Dada a explicação, passa-se agora a falar no argumento ontológico, que independente de Santo Anselmo ou Kant, nesse contexto se limita a Descartes,

---

<sup>61</sup> Ver *Proslogion*. Santo Anselmo. No cap. II afirma que “aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado” (*id quo maius cogitari non possit*).



precisamente na *Terceira e Quinta Meditação*, na qual se focaliza o objeto desse trabalho.

No entanto, não é possível entrar no contexto da prova ontológica da existência de Deus posta na *quinta Meditação* se não se estiver certo do valor objetivo que possuem as ideias claras e distintas, melhor demonstrada na força do argumento ontológico.

Volta-se agora ao curso da *Terceira Meditação*, onde a verdade divina é tida como uma verdade eterna e imutável.

Dessa forma não é possível separar a existência da essência de Deus. Descartes até apresenta, de maneira figurativa como exemplo de que não há montanha sem vale, não há claro sem escuro, não há múltiplos (2) sem uno (1), não há Deus sem existência. Essa é a ideia da prova ontológica ou *a priori*. A própria ideia de Deus, seu conceito, sua definição exige existência. E jamais se poderá pensar em um sem o outro. Assim é Deus! (MM V, 1973, p 133§8):

[...] ao passo que do simples fato de eu não poder conceber Deus sem existência, segue-se que a existência lhe é inseparável, e, portanto, que existe verdadeiramente: não que meu pensamento possa fazer que isso seja assim, e que imponha às coisas qualquer necessidade; mas, ao contrário, porque a necessidade da própria coisa, a saber, da existência de Deus, determina meu pensamento a concebê-lo dessa maneira.

Para Descartes, portanto, não se pode conceber Deus sem que este exista de fato e necessário quando Deus está a determinar o próprio pensamento. Assim, mostra com muita convicção a prova ontológica da existência de Deus como Ser perfeito e a certeza agora de seu conhecimento garantindo a verdade e a certeza da ciência. Descartes (MM V, 1973, p. 136§15) afirma:

... reconheço muito claramente que a certeza e a verdade de toda ciência dependem tão-só do conhecimento do verdadeiro Deus: de sorte que, antes que eu o conhecesse, não podia saber perfeitamente nenhuma outra coisa. E, agora que o conheço, tenho o meio de adquirir uma ciência perfeita no tocante a uma infinidade de coisas, não somente das que existem nele mas também das que pertencem à natureza corpórea, na medida em que ela pode servir de objeto às demonstrações dos geômetras, os quais não se preocupam, de modo algum, com sua existência.

Percebe-se aqui nesta passagem da *V Meditação* que Descartes é convicto que o conhecimento perfeito e claro das coisas somente é possível com o conhecimento de Deus. Parece-se estar ainda muito viva a ideia de que Deus é a base fundamental para a nova ciência desejada por Descartes. Como um homem de ciência pode ter por fundamento uma divindade? Sim, o Deus de Descartes não é o mesmo de Aristóteles e dos teólogos da idade média, mas, um Ser da razão. Ele se apresenta como luz que ilumina nosso intelecto, em que o sujeito pensante como já se viu, possui papel importante para a demonstração da existência de Deus. E Descartes não tem pretensões de demonstrar um Deus aos moldes da escolástica, parecendo não romper definitivamente com o apelo à divindade. Ele põe Deus como a garantia de sua ciência num período ainda muito marcado pela concepção tradicional de Deus e de abertura às novas correntes da modernidade que mudaria toda concepção que o homem iria ter do mundo e das coisas a partir de então.

Com essa concepção, Descartes se viu acusado de circularidade na sua demonstração de Deus, como já se falou, bem como nele se encontram as próprias raízes do *ateísmo moderno*.<sup>62</sup>

O conhecimento do verdadeiro Ser perfeito garante a verdade da ciência, pois, sem conceber a existência de Deus, não haveria como ter consciência de todas as coisas. O argumento ontológico possui uma estrutura diferente das duas provas anteriores, porém, há uma relação com as duas primeiras provas, mesmo sendo diferente, como forma de preparação, pois o mesmo precisa de um conhecimento claro e distinto, que começa a ser trabalhado desde o Método Cartesiano, seguindo-se em todo o desenvolver deste trabalho. O argumento ontológico precisa da clareza e distinção da natureza infinita e por assim dizer “incompreensível” da natureza de Deus, o qual só acontece depois dos raciocínios das *Meditações* que levam as provas da existência de Deus. A evidência retratada como base do método, é alegada por Descartes ao se provar a existência de Deus.

Descartes consegue provar que por meio da união da “ideia” de Deus, mais a “causa” da ideia de Deus, chega-se a existência de Deus, também não podendo

---

<sup>62</sup> Staccone (1991, p. 71-75) defende que na filosofia de Descartes encontram-se as raízes do ateísmo moderno que a partir do dualismo ontológico por ele apresentado do sujeito do conhecimento (*res cogitans*) e objeto conhecido (*res extensa*), que apareceriam depois em Hegel, Feuerbach, Marx e Sartre.

esquecer que a realidade formal e a realidade objetiva da ideia de Deus tiveram importante participação na culminância dessa prova. Para Koyré (1986, p. 85) “a causa da ideia de Deus não pode deixar de ser Deus”.

Ele não está interessado somente em mostrar o lado transcendente de Deus, porém, o de encontrar um fundamento metafísico que possibilite a garantia das certezas da razão humana. Essa concepção cartesiana tem sido ao longo desse tempo todo alvo de muitos questionamentos e críticas. O Deus de Descartes é poderoso e existe em nossa mente aquilo a que se almeja para garantir a existência de todas as coisas, a partir do ser pensante que se tem a consciência da existência de Deus, pois como o *cogito* não pode ser fundamento de si, apenas se sabe como existente no ato de pensar. O Deus cartesiano é o Ser Perfeito onde a imperfeição que há no sujeito ganha dimensão de carência a ser buscada num ser infinito.

Com relação ao argumento ontológico, Cottingham (1986, p.88) apresenta da seguinte maneira:

O argumento é extraordinariamente breve e, além do mais, extraordinariamente simples. Primeiro, Deus é definido como um Ser supremamente perfeito. Não se garantem interrogações algumas neste caso: como um triângulo, poderá falar-se sobre a essência ou natureza de algo, sem se subordinar à sua existência real. Em segundo lugar, pretende-se que a perfeição suprema implica a existência.

Com esse argumento compreende-se que a existência de Deus através da prova ontológica fica demonstrada com a ideia de “inseparabilidade”, pois como demonstrado acima, a existência é parte integrante da essência, de modo que não se pode conceber a ideia de Deus sem automaticamente admitir a sua existência. Daí, Koyré (1986, p. 88) sempre afirmar ser uma verdade muito evidente e certa: “De tal modo clara, de tal modo luminosa que envolve a própria existência de Deus. Ser perfeito, infinito, não pode conceber como não sendo. E ele é em virtude da sua infinita perfeição.” Essa ideia do ser perfeito, que se tem em cada um, porém, não a se tem por si mesmo, seres imperfeitos e finitos, somente podem vir de Deus para cada um. Tem-se assim, a ideia de Deus que ao mesmo tempo em que existe não pode ser separado de sua essência de ser Deus.

Assim, Alquié (1969, p. 89-90) ao comentar a ideia do triângulo que Descartes fala na *Meditação quinta*, num processo análogo ao matemático, afirma:

Nas ciências matemáticas, eu posso enunciar com verdade o que é o círculo, o que é o triângulo, sem começar por saber se existe no mundo um triângulo ou um círculo. Do mesmo modo, a prova ontológica estabelece a existência de Deus simplesmente a partir da sua essência: ela deve, portanto, observa Descartes, passar 'pelo menos tão certa' como as verdades matemáticas.

Uma vez mais, mostra-se que a existência de Deus está inseparável de sua essência, não se pode conceber, nem mesmo se falar de existência e essência separadamente, pois as duas estão intrinsecamente ligadas.

Por fim, o Deus que Descartes provou não é realmente aquele conhecido nas mais diversas religiões, como se pode observar em Abbagnano (2000, p. 42):

[...] o conceito cartesiano de Deus é desprovido de todo o caráter religioso. [...] Não tem nada a ver com o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob, com o Deus Cristão; é simplesmente, o autor das verdades geométricas e da ordem do mundo.

O autor se empenhou em provar a existência de um Deus poderoso, um Deus de ordem, que cria, conserva, mas além de tudo dono das verdades geométricas, Ele é colocado como dono de seu próprio ser, dono, autor de *meu* próprio ser, é também supremamente perfeito, diferentemente do Deus cristão, que é visto como ser bondoso, porém rigoroso quando necessário. Esse não é, porém o aspecto em que se ocupou Descartes em provar. Deus é para o sistema cartesiano garantidor de uma filosofia que possui na razão humana toda possibilidade de se ter um conhecimento verdadeiro. É assim que Descartes anuncia, revela ao mundo o caminho seguro a fim de superar as confusões reinantes e a falta de certeza nas ciências da época.

## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa sobre as provas da existência de Deus em Descartes possui a dimensão do “ainda não”, pois a cada passo que se estuda do pensamento cartesiano se desdobra em muitas outras possibilidades de interpretações e de críticas que demandam em reflexões mais apuradas. Pela própria constituição desse objeto de estudo, não é possível se falar em conclusão, mas em pontos que se abrem uma estrada que continua necessitando ser explorada em futuras pesquisas sobre a temática.

Seu pensamento se funde com o estilo de vida pautado na busca permanente em construir um novo sistema que possa ser guia para si próprio, bem como para a humanidade, pelo menos essa foi a intenção de Descartes. E Descartes foi um desses autores que ao elaborar seu pensamento de forma meditativa poderia ter ficado só para si com aquilo que escrevera como reflexão pessoal, porém, faz questão de submeter aos diversos olhares de intelectuais já na sua própria época, enriquecendo mais ainda o debate que travou e que presenteou a todos com as explicações às mais diversas questões. Pareceu fácil reconstruir com o autor os passos de um pensamento aparentemente simples, porém, complexo de ser entendido o que permitiu diversas interpretações e objeções por parte de amigos e inimigos de Descartes. O pensamento cartesiano jamais se esgotará, mesmo quando a distância que separa suas ideias do tempo parecerem sem sentido para o tempo presente, pois, a sensação de se achar que essas ideias já não respondem às inquietações de hoje fizeram surgir diversas leituras equivocadas ou até mesmo preconceituosas do pensamento cartesiano, criando certos rótulos que são normalmente editados de forma dogmática. Claro que tudo isso não o isenta de se ver o quão é fundamental poder questionar certas ideias que não condizem com os dias atuais. Quem estuda especialmente filosofia, de uma forma ou de outra passa pela experiência de conhecer pelo menos uma parte do pensamento cartesiano, o que obriga estar a todo o momento voltando a reler e interpretar suas ideias.

Nesse sentido foi que se percorreu esse caminho com Descartes para encontrar o fundamento seguro na edificação do conhecimento no sistema cartesiano.

Descartes poderá estar muito distante de cada um em se tratando de época cronológica, mas, jamais em se tratando de suas ideias e sua filosofia. Estando ele na base do pensamento moderno, tudo dessa era tem seu princípio também com ele e muito do que se tem hoje de concepções de ciência, do mundo, do homem, a princípio, é também herança de seu pensamento. E mesmo recebendo críticas, seu pensamento ainda alimenta as reflexões desenvolvidas até na atualidade e, desconhecer isso é querer esconder que se é muito do que ele transmitiu. Assim, entende-se que a filosofia cartesiana não é algo fixado no passado como apenas um fato histórico que aconteceu, ela inicia um processo fomentado até hoje. Dessa forma, com essa filosofia e mesmo contrário a ela se terá que ter passado pelo crivo de ler e de debater as ideias cartesianas, até para que se possa chegar ao que se tem agora. E o pensamento cartesiano não está a reclamar a excelência por si só, nem tampouco se coloca no patamar de dona da verdade, apenas ocupa um espaço com inovações para um mundo em mudanças e essa foi a contribuição de Descartes.

Com Descartes se inaugurou a ordem na maneira de pensar a nova realidade do mundo, do homem e de Deus e não apenas ele inova quanto à forma de pensar, mas como exerce esse pensamento, por isso, ele pensa meditando e medita para pensar, o que leva a consciência para ação no mundo. Além da ordem do saber, Descartes colocou-se nessa inter-relação para a produção do conhecimento de maneira coletiva. E tudo surge quando, através do seu método, Descartes descobre a realidade do *cogito*, verdade primeira que ao encontrar esse sujeito pensante, afirma ter razões para dar ao *eu* ser o próprio autor do ato de pensar e sua inegável existência, o que torna fundamental para todo desencadeamento seguinte rumo às provas da existência de Deus.

Só que o *eu pensante* nesse contexto não se encontra mais sozinho o que era característica do sábio na elaboração do conhecimento universal tão desejado por Descartes. Ficou evidente que, desde a descoberta do método, Descartes tem essa ideia de pelo menos a princípio, o sujeito deve colocar-se na posição de meditador que busca descobrir algo de bom para oferecer a si próprio e em seguida a humanidade. A individualidade da procura inicial aos poucos sai de seu mundo e vai ao encontro do outro na inter-relação e, mais além desse outro finito e consciente dessa finitude, que buscou pela luz natural, o sujeito tem a ideia de um Ser Perfeito

de Deus. Com esse raciocínio se fomentou a certeza de que a construção científica parte do homem, dessa impessoalidade fiel à inspiração inicial que Descartes inaugurou e somente depois, abre-se à coletividade.

A questão é que se fala de rompimento como ruptura radical. Poderia se ter cometido grande equívoco, pois o pensamento cartesiano realmente propõe outras respostas para questões do universo do homem de maneira nova com outra visão crítica sobre o conhecimento difundido até então.

Por outro lado, foram perceptíveis, ao longo desta pesquisa, não tão raros os momentos em que esse mesmo sistema de Descartes se confunde com os problemas e questões presentes na tradição. Não se pode, porém, afirmar que Descartes sendo um homem de ciência da forma como se entende essa concepção na atualidade, o que se pode constatar é que ele é, na verdade, um homem de ciência, mas sua ciência está arraigada ainda de uma visão da tradição e que ainda tem por base o próprio Deus.

O exemplo bem claro foi o tema central que norteou nosso estudo: Deus. Por vezes, entende-se sua posição por estar no início da era moderna que ainda não se livrou das concepções herdadas da tradição com forte influência, mesmo já tendo findado o tempo medieval na dimensão entre fé e razão.

Entende-se ainda que não foi possível um rompimento definitivo com tais concepções advindas do citado período quando Descartes, na verdade, procurou seguir e resgatar elementos da filosofia platônica especialmente da *Teoria das Ideias* que divide a realidade em dois mundos distintos: o mundo das ideias e o mundo sensível que reflete de forma significativa no pensamento de Descartes e que fundamentaram esta visão dualista de mundo que ficou como marca muito forte de seu pensamento. A questão das ideias é que Descartes se utiliza para elaborar e sustentar seus argumentos sobre sua concepção de Deus já presentes nas primeiras duas provas apresentadas na terceira *Meditação*. Claro, na mesma linha ele bebe em Agostinho onde se vê que esse autor medievo o inspira na elaboração cartesiana do *Cogito*, primeira certeza que Descartes diz encontrar. Nasce, portanto, a noção de sujeito, importante para essa nova concepção de mundo até então focada apenas no Ser supremo de forma exclusiva. Agora se percebe essa mudança em que põe o sujeito consciente de sua própria existência, passo fundamental para a demonstração da existência de Deus.

Para se chegar à verdade do sujeito e à ideia de Deus, na pesquisa, entende-se que não se pode partir logo dessas descobertas. O método é a garantia metodológica, o caminho para que se chegue até o *eu* como sujeito e Deus. Assim, como princípio primordial do método, Descartes escolheu a dúvida como elemento metodológico com a finalidade de erguer um sistema seguro capaz de afugentar qualquer mácula que tivesse o menor sinal de incerteza, por isso, foi radical quando a utilizou.

A dúvida cartesiana possuiu caráter de suspensão das opiniões do conhecimento já pré-elaboradas, mas é também investigação que espera apurar de forma a estender o máximo possível até se chegar à verdade, pois seu interesse é superar a falsidade contida nos saberes para a certeza do conhecimento seguro.

Destarte, as regras e o caminho para a verdade que estão no método pareceu ser muito simples, o encadeamento do pensamento cartesiano é cheio de dificuldades o que o fez ser alvo de muitas críticas e más interpretações e os paradoxos que até hoje suscitam calorosos debates entre estudiosos do pensamento de Descartes.

A partir do método criado por Descartes, como se viu no capítulo primeiro, tentou-se refletir esse primeiro passo que no sistema cartesiano funcionou como base para todo o seu sistema. Portanto, não se pode tirar uma conclusão fechada em si mesmo das ideias do filósofo, especialmente de questões como as provas da existência de Deus, objeto de nossa pesquisa. O que se obrigou a partir da raiz que o próprio Descartes entendeu ser o princípio para se alcançar o verdadeiro conhecimento. Por isso, a criação de um método foi importante na elaboração do próprio sistema cartesiano, capaz de pôr ordem ao conhecimento advindo da tradição em que, segundo ele, não correspondia mais as expectativas da ciência de seu tempo. E foi o próprio método que o fez rejeitar qualquer forma de incerteza que surgisse à sua frente, colocando sob suspeita tudo aquilo que parecesse sinal de dúvida que fosse ou que se apresentasse como mera opinião.

O método cartesiano constituiu como base a elaboração do sistema cartesiano como um todo, e sua característica é a clareza e evidência racional. E Descartes tinha um sonho de tentar reunir o conhecimento de toda ciência. Por isso, seu desejo sempre foi de uma ciência universal que congregasse a ciência numa espécie de enciclopédia a qual reunisse todo o saber que o mundo precisava.



E esse itinerário metafísico de Descartes parte da dúvida metódica ao *cogito* para provar a existência de Deus. Esse foi o caminho que se percorreu durante a pesquisa, pois tentar separar esses três eixos ou querer delimitá-los, no mínimo, incorre-se numa leitura fragmentada do pensamento de Descartes. Percebe-se que há, sim, uma interdependência entre esses eixos que proporcionou a ele encontrar a segurança necessária que lhe garantiu o sustentáculo ao seu pensamento.

Importante foi perceber que há uma diferença entre as provas que Descartes apresenta e outras provas, por exemplo, apresentadas por Tomás de Aquino. As provas cartesianas referem-se a Deus como onipotente, onisciente, poderoso. Ele está se utilizando de prerrogativas já denominadas na idade média, mas para se provar que Deus existe ele inovou quando defendeu ser necessário a primazia intelectual do sujeito diante do infinito. Deus é a causa de todas as coisas, inclusive de si próprio, irá defender essa ideia em todo seu pensamento. Como é possível entender como Descartes constrói o seu caminho rumo às demonstrações das provas da existência de Deus de forma direta, simplesmente, por isso, fez-se com ele esse caminho de forma progressiva até chegar às provas.

Descartes realmente conseguiu demonstrar Deus através das provas que apresentou? Viu-se que havia uma importância grande em provar que Deus existe, se se afirmar que sim, que Descartes conseguiu realmente provar a existência de Deus tem-se que ressaltar e até viram-se as várias provas já apresentadas por outros autores como Aristóteles, Anselmo e Tomás, procurando perceber onde Descartes conseguiu se diferenciar dos demais. Viu-se que há para aquele momento a necessidade de por vias racionais e de fé convencer aos que não creem na existência de um Ser que é causa de todas as coisas do mundo e Descartes até percorre esses mesmos passos na ideia de se provar Deus. Mas ele tem uma preocupação que o diferencia das demais provas conhecidas, quando utiliza o sujeito pensante como peça imprescindível para a demonstração de Deus.

Deus é causa das coisas todas que habitam o universo, mas, o Deus cartesiano não quer apenas ser apresentado em seus argumentos para os que exercem a fé, coloca-se como Aquele que é suporte do novo sistema da modernidade, de algo importante como a nova ciência que está a construir.

O Deus cartesiano não é apenas o causador, por excelência, do qual todas as coisas são o que são como outras provas definiam, mas, Ele é causa de tudo e causa de si próprio. E o sujeito passa a ter importância capital que não tivera noutras provas, pois esse não é somente consciente pelo fato de existir porque está pensando. Ele tem consciência de sua finitude, daí, a grande descoberta cartesiana para as provas foi apresentar a primazia intelectual do sujeito diante do infinito.

Ressalta-se ainda que a busca empreendida por Descartes é pautada por um modelo que serviu para ele edificar seu sistema: as ciências matemáticas. A matemática se encontra na visão cartesiana como a ciência padrão que na sua concepção funciona como um princípio fundamental de todo seu pensamento e que estas pela exatidão que demonstram serviu de referência para as demais ciências.

As matemáticas também estão presentes no desencadeamento das provas cartesianas da existência de Deus, presentes no próprio método, que se fizeram chegar à ideia de que pensando o “eu” não posso *não-ser*, assim é o *cogito* cartesiano enquanto descoberta do sujeito que está a pensar. Ela funcionou não somente como descoberta da primeira certeza encontrada, antes, porém, encontra-se aqui o ponto central que o faz ser ponte entre o caminho feito pelo método conduzindo à verdade e à consciência do *eu pensante* e às provas da existência de Deus como garantia de todo sistema filosófico de Descartes.

Entendendo dessa forma, o método possuiu importante papel fortalecendo toda base onde se firmou os argumentos das provas cartesianas da existência de Deus. Ficou evidente que esses três eixos que sustentaram todo encadeamento do pensamento de Descartes garantem atingir as provas da existência divina. Percebe-se em primeiro plano que o método é a descoberta que se encontra no início das inquietações de Descartes na busca por um sistema do mundo, um exercício espiritual que o levou a criar uma longa cadeia de regras como foram apresentadas nas *Regras para Orientação do Espírito* e reduzidas, como se viu, apenas a quatro, no *Discurso*. A experiência vivenciada funcionou como um divisor entre o antes, um Descartes ainda desiludido; e o depois com a euforia de, finalmente, encontrar regras simples que o conduzissem por caminhos seguros e a possibilidade de oferecer uma alternativa ao sistema que era conhecido até aquele momento da história.

Viu-se que Descartes resume muito bem as suas pretensões quanto a sua convicção de se construir regras para melhor conduzir o espírito para a verdade quando apresentou na Regra IV (ROE, 2007, p. 19) que “o método é necessário para a busca da verdade.” Para ele, não é interessante para a ciência bem como as nossas buscas pessoais que se procure a verdade do conhecimento de forma desordenada, sem rumo e sem objetivos. Sendo assim, melhor seria não se empreender nenhuma busca pela verdade se não for através de um método, pois estudos feitos sem ordem obscurecem a luz da razão e não permite que se encontre verdade alguma. O sentido das regras que Descartes construiu teve, pois, esse objetivo de não se procurar as coisas referentes ao conhecimento de maneira fictícia e sem rumo. Não! O método apontou para o exercício prático do agir no mundo, muda a si próprio e as coisas que estão ao nosso redor. Foi assim que Descartes procurou dar sentido e ordem às buscas pelo saber. O homem enquanto sujeito pode sentir-se como co-partícipe da construção da natureza, transformando-a para que viva bem e proporcione um mundo melhor para os outros. Nesse sentido, percebe-se o quanto contribuiu Descartes para que o sujeito fosse parte fundamental de seu sistema. Até ele, isso não era possível, pois o homem era apenas uma peça a mais na visão que se tinha desse “universo harmonioso” aristotélico-ptolomaico.

Assim, tem-se que levar em conta que Descartes constrói suas provas em algo não sensível que é a mente como desencadeamento racional no intelecto. É natural que o desejo foi procurar desvendar esses caminhos das provas, entender porque ele as construiu com tanta convicção. Primeiro viu-se que Descartes propôs que através delas se garantisse a segurança necessária naquele momento a uma ciência nova para o mundo: segundo, Deus foi a garantia de que uma nova ideia não fosse aceita e desse a segurança necessária ao novo sistema. Convicto de que o mundo não funciona como propunha o aristotelismo-tomista do qual Deus é o grande arquiteto a reger o funcionamento harmonioso do universo, enquanto os homens eram apenas meras peças de um mundo em que viviam como expectadores, distantes e sem interferir no seu curso. Deus é a causa não causada, motor imóvel que faz tudo sem ser criado por nada e por ninguém.

Pela concepção transcendente de Deus como Ser perfeito, não está lhe faltando nada, portanto, em nossas ações há o que nos falta, logo porque está sendo colocado frente a frente o finito com sua carência e o infinito que não tem

carências, pois Ele é. A questão é encontrar a garantia para a ideia que se possui dEle, para que o *eu* que está a pensar, possa de fato, existir. Assim, dada a existência de Deus é que esse mesmo *eu* pensante enquanto ser imperfeito e finito não pode ser garantia deste homem finito que é ter produzido um Ser infinito e perfeito. É o próprio Deus que colocou essa ideia no homem como o artista coloca sua marca em sua obra, por isso, é que para Descartes, a ideia de Deus já implica sua existência.

Provar Deus pelas vias que Descartes propôs, pareceu a parte mais difícil deste trabalho para se apresentar uma conclusão, no entanto, algumas considerações permitiram um desfecho da questão. Deus é Aquele que fundamenta e sustenta todo o sistema cartesiano, e daí sempre nos acompanhou a dúvida que Descartes utilizou como caminho para esta verdade do sujeito e de Deus. Um homem de ciência como ele quis que Deus fosse a garantia de seu pensamento e isso refletiu quão ainda era presente um Ser que pudesse dar sentido ao que pensava. E Descartes não estava fazendo proselitismo ou colocando a fé como ponto de partida de sua filosofia nem estava colocando o sujeito apenas como expectador e deixando a ação divina agir sozinha. Ele não abdica dessa autonomia conquistada para o sujeito mesmo sendo o Ser perfeito Aquele capaz de fazer com que as coisas existam, mas fica o legado de uma concepção do humano que a história ainda não havia descoberto.

O apelo ao transcendente soou como que contrário às descobertas da nova ciência, parecendo que quando não se tem explicação para as coisas, geralmente, se atribui a um ser superior, inefável e poderoso a que os mortais apenas contemplavam a distância. Para um racionalista como Descartes, Deus é demonstrado através da luz da razão, isso permitiu que ele pudesse desenvolver as três provas da existência de Deus pelo nosso intelecto. Por isso, o Deus cartesiano é um Deus, é um Ser a que se possui uma ideia inata posta em cada um por Ele. Descartes foi acusado de incorrer numa circularidade como dificuldade estrutural que ele tentou resolver principalmente ao dizer que existem algumas proposições tão autoevidentes que não será obrigado ter garantia alguma da divindade.

Se realmente puder tirar conclusões desse caminho percorrido neste trabalho até aqui, diria que pelo menos em alguns aspectos desse vasto sistema,

será possível inferir que para o propósito de Descartes e para o contexto vivido, ele conseguiu deixar um legado impossível de não ser reconhecido.

Dos sonhos por uma (re)construção de uma ciência universal onde todas as questões da humanidade pudessem ter respostas para o contexto em que viveu Descartes, a criação de um caminho, o seu método de duvidar das coisas que se lhe apresentavam como reais e verdadeiras, o importante papel a que o sujeito, o homem, passava a ter e a Deus como sustentáculo de sua ciência faz-se perceber que a partir daquele instante histórico, as concepções sofreriam mudanças significativas com reflexos até os dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGOSTINHO. S. **A Cidade de Deus**. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Trindade**. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- ALQUIÉ, Ferdinand. **A filosofia de Descartes**. 2. ed. Trad. M. Rodrigues Martins. Lisboa: Presença, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Descartes**. L'homme et l'œuvre. Philosophes – Collection dirigée par Laurence Hansen-Løve. Paris, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Galileu, Descartes e mecanicismo**. 2 ed. Lisboa: Gradiva, 1987.
- AQUINO, T. **Suma Teológica**, I, vol. 1. Questões: 1-43. Edições Loyola. S. Paulo, 2001.
- ACZEL, Almir D. **O Caderno secreto de Descartes - Um mistério que envolve, filosofia, matemática, história e ciências ocultas**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: JZE, 2007.
- ANDERY, Maria Amália...[et al.]. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. 9 ed. Rio de Janeiro: espaço e Tempo/ São Paulo: EDUC, 2000.
- ANSELMO, C. **Proslogion**. Trad. José Rosa. UBI. Covilhã, 2008. (Col. Textos Clássicos de Filosofia).
- BEYSSADE, Michelle. **Descartes**. Trad. Fernanda Figueira. 70 ed. Lisboa, 1972.
- BONACCINI, Juan Adolfo. **Descartes, entre Deus e o Diabo...** (Breve consideração sobre a estratégia cartesiana para conquistar a certeza da ciência nas *Meditationes*) Disponível em: [criticanarede.com](http://criticanarede.com), acesso em 02 de dezembro de 2010 às 23h e 46min.
- CASIRRER, Ernst. **Indivíduo e Cosmos na filosofia do Renascimento**. Trad. João Azenha Jr. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAPRIA, Marco M. (org.). **A Construção da Imagem do Mundo**. Trad. Luísa Rabolinie Jenner Barreto Filho. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2002.
- COTTINGHAM, John. **Dicionário de Descartes**. Trad. de Helena Martins. Rio de Janeiro: JZE, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A Filosofia de Descartes**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1986
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Discurso do método, meditações, objeções e respostas, as paixões da Alma e Cartas**. Introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun. Trad. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Editor Victor Civita. Abril Cultural. S. Paulo: 1973. (Col. Os Pensadores, vol. XV).
- \_\_\_\_\_. **Discurso do Método**. 2. ed. Trad. de Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Meditações sobre a Filosofia Primeira**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **Princípios da Filosofia**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus editora Ltda, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Meditações Metafísicas**. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

- \_\_\_\_\_. **Discours de la Méthode suivi des Méditations.** Union Générale d'Éditions. Paris, 1951.
- \_\_\_\_\_. **Regras para orientação do espírito.** Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Descartes. A filosofia da mente de Descartes.** Trad. Jesus de Paula Assis. Unesp, 1999.
- FORLIN, E. **A Teoria cartesiana da verdade.** S. Paulo: Associação Editorial Humanitas; Ijuí: Unijuí/Fapesp, 2005. (Col. Filosofia, 14).
- \_\_\_\_\_. **O papel da dúvida metafísica no processo de constituição do cogito.** S. Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. (Estudos Seiscencistas).
- GAUKROGER, Stephen. **Descartes: Uma biografia intelectual.** Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro – UERJ, Contra Ponto, 1999.
- GUENANCIA, Pierre. **Descartes.** Trad.: Lucy Magalhães. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 1991.
- GUÉROULT, Martial. **Descartes selon L'ordre des raisons: L'âme et Dieu.** Vol. 1 e 2. 2 ed. Paris: Aubier, 1968.
- GILSON, Étienne. **Discours de la Méthode.** Texto et commentaire. Paris: Urin, 1925.
- HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- IBRAHIM, Samir. **O cogito como primeiro princípio.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo, 2007
- JAPIASSU, Hilton. **A Revolução Científica Moderna.** Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- LANDIM FILHO, Raul. **Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano.** São Paulo: Loyola, 1992. (Col. filosofia; 23).
- LÓPEZ, Jesús García. **El conocimiento de Dios en Descartes.** Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1976.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** Trad. Valério Rohden & Udo Baldu. Moosburger. Editor: Victor Civita. 2 ed. S. Paulo: Abril cultural, 1983 (Os pensadores).
- KOYRÉ, A. **Etudes d'histoire de la pensée scientifique.** Paris, 1966.
- \_\_\_\_\_. **L'idée de Dieu et les preuves de son existence chez Descartes,** Paris, 1923.
- MERSENNE. **La verité des sciences contre les sceptiques ou pyrrhoniens.** N. dr. Paris, 1966.
- MIGLIORI, Maria Luci Buff. **Sonhos sobre as Meditações de Descartes.** São Paulo: Annablume, 2001.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia.** Trad. Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- POPKIN, R.H.. **História do Ceticismo. De Erasmo a Espinoza.** Trad. Danilo Marcondes. Francisco Alves Liv. Rio de Janeiro: 2000.
- PEREIRA, O. Porchat. **Rumo ao Ceticismo.** São Paulo: UNESP, 2007.
- REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia.** São Paulo: Paulinas, 1990. Vol. III.
- ROSENFELD, Denis. **Descartes e as peripécias da Razão.** Iluminuras, 1996.
- RENOUVIER, C. **Descartes.** Espasa Calpe. Buenos Ayres, 1950.
- RODIS-LEWIS, Geneviève. **Descartes e o Racionalismo.** Trad. Jorge de Oliveira Baptista. Ed. Rés. Porto: Portugal, 1982
- \_\_\_\_\_. **Descartes.** Trad. de Joana Angélica D'ávila Melo. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ROED, W. **Descartes, die Genese des Cartesianis chen Rationalismus.** 2. ed. München, 1982.

- SMITH, Plínio J. **Ceticismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 (Col. filosofia passo a passo).
- \_\_\_\_\_; SILVA FILHO, Waldomiro J. (Orgs.). **Ensaio sobre Ceticismo**. S. Paulo: Alameda, 2007.
- SORELL, Tom. **Descartes**. Trad.: Luiz Paulo Rouanet. Edições Loyola. São Paulo, 2004 (Col. Mestres do Pensar).
- STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da Religião**. O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus. Petrópolis: Vozes, 1991
- SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes: a metafísica da modernidade**. 2 ed. S. Paulo: Moderna. 2005 – (col. logos).
- SOUZA, Roberto Lima. **Verdade e Metafísica**: Descartes na rota da descoberta dos fundamentos da Ciência. Revista Princípios. Ano 03, nº 04, p. 156-177 – jan/dez 1996.
- SKIRRY, Justin. **Compreender Descartes**. Trad. Marcus Penchel. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.
- TEIXEIRA, Lívio. **Ensaio sobre moral de Descartes**. São Paulo, 1955.
- VALÉRY, Paul. **Descartes**. Trad. Maria de Lourdes Teixeira. São Paulo: Martins, 1954.
- WILLIAMS, Bernard. **Descartes: el proyecto de la investigación pura**. Trad. Laura Benítez. Universidade Nacional Autónoma de México, 1995.